

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

**O RESSURGIMENTO DO SUJEITO PELA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA: O CASO DE NIKOLA
TESLA (1856-1943)**

ALINE ALVES LIMA

GOIÂNIA
2017

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação


Nome completo do autor: Aline Alves Lima

Título do trabalho: O Ressurgimento do sujeito pela escrita autobiográfica: o caso de Nikola Tesla (1856-1943)

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do (a) autor (a) ²

Data: 07 / 04 / 2017

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

²A assinatura deve ser escaneada.

ALINE ALVES LIMA

**O RESSURGIMENTO DO SUJEITO PELA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA: O CASO DE NIKOLA
TESLA (1856-1943)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás como critério parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Cultura, Fronteiras e Identidades

Linha de Pesquisa: Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História

Orientadora: Prof.^a Dr. Libertad Borges Bittencourt

**GOIÂNIA,
2017**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lima, Aline Alves
O RESSURGIMENTO DO SUJEITO PELA ESCRITA
AUTOBIOGRÁFICA: O CASO DE NIKOLA TESLA (1856-1943)
[manuscrito] / Aline Alves Lima. - 2017.
CXXVII, 127 f.

Orientador: Profa. Dra. Libertad Borges Bittencourt.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História,
Goânia, 2017.
Bibliografia.

1. autobiográfica. 2. Nikola Tesla. 3. sujeito. 4. reconhecimento científico. 5. invenções. I. Bittencourt, Libertad Borges , orient. II. Título.



PPGH
PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA UFG

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Aline Alves Lima**. Aos 17 (dezesete) dias do mês de março de dois mil e dezessetes (2017), com início às 14h, nas dependências da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Dissertação de Mestrado de **Aline Alves Lima**, cujo título foi "**O ressurgimento do sujeito pela escrita autobiográfica: o caso de Nikola Tesla (1856-1943)**". A Banca Examinadora foi composta, conforme portaria nº016/17-PPGH, de 14 de março de 2017, pelos seguintes Professores Doutores: **Libertad Borges Bittencourt (Presidente)**, **Eliézer Cardoso de Oliveira (UEG)**, **Raquel Machado Gonçalves Campos (UFG)** e, como Suplentes, **Eduardo Renato (PUC-GO)** e **Fabiana de Souza Fredrigo (UFG)**. Os Examinadores arguíram na ordem acima citada. Às 13,5 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo sido o candidato aprovada.....

Prof. Dr. **Eliézer Cardoso de Oliveira (UEG)** Ass.: Eliézer.....

Decisão (Aprovada.....)

Prof.ª. Dr.ª. **Raquel Machado Gonçalves Campos (UFG)** Ass.: Raquel M. G. Campos.....

Decisão (aprovada.....)

Presidente da Banca Prof.ª. Dr.ª. **Libertad Borges Bittencourt (UFG)**, Ass. Libertad.....

Decisão (aprovada.....)

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou-a, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Héli da Carolinne Medeiros de Moraes Silva, secretária do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Coordenador: Marlon.....
Prof. Dr. Marlon Jaison Salomon

Secretária: Héli da.....
Héli da Carolinne Medeiros de Moraes Silva

À minha mãe, Hercília.

À minha tia, Maria de Lurdes.

Aos meus irmãos, Quelian e Cleidionério.

*Aos meus amados sobrinhos: Henrique,
Gustavo e Filipe.*

AGRADECIMENTOS

Se cheguei até aqui, certamente, parafraseando Newton, foi por estar sobre os “os ombros de gigantes”. A particularidade de cada “gigante”, durante essa pesquisa, me possibilitou enxergar além, chegando, enfim, a esta dissertação. Seja por meio da sabedoria, do amor, da paciência, da dedicação, do incentivo, do respeito, da amizade, enfim, agradeço a todos os “gigantes”, que contribuíram, à sua maneira, na realização desse trabalho.

À minha orientadora, professora Libertad, tenho uma dívida de gratidão eterna, impossível de saldar. Agradeço a confiança que depositou em meu trabalho desde o início. Sua sabedoria buscou apontar mais do que o caminho da pesquisa trilhado, me incentivou a enxergar o que havia de belo no trabalho, me fazendo crer que não havia lugar para insegurança. Agradeço pelas aulas na pós-graduação. Os textos abordados, bem como as questões aprofundadas foram cruciais no desenvolvimento desse trabalho. Agradeço pela paciência e generosidade demonstrada durante todo nosso percurso juntas, por compreender meus momentos de angústia, por não desistir de mim, por se fazer presente enquanto orientadora. Agradeço a leitura atenta e as considerações. Devo a elas os contornos dessa dissertação.

Agradeço a professora Raquel Campos por aceitar gentilmente participar desse trabalho, desde a qualificação como examinadora. Sua leitura minuciosa, seus questionamentos, sugestões e críticas, bem como seus elogios, mais do que incentivar a continuação do trabalho, auxiliou nos caminhos que esse percorreu. Agradeço também sua atenção e sua preocupação com o término da dissertação. Ao professor Robson Mendonça, agradeço a disponibilidade em aceitar participar da qualificação. Agradeço pelo exame do texto, pelas considerações, e pelas referências, sem as quais esse texto não ganharia as configurações que ganhou. Agradeço também ao professor Eliézer Cardoso de Oliveira pela disponibilidade em participar da banca de defesa desse trabalho.

À professora Armênia agradeço pelos ensinamentos que me levaram à pesquisa, e pelo esforço de me fazer seguir sempre em frente. Sua postura brilhante como docente, assim como sua compreensão e carinho com seus discentes foram fundamentais no caminho que tenho traçado. Ao professor Carlos Oiti agradeço imensamente pelas aulas brilhantes e pela paciência em me direcionar a esse ofício. Ao professor Marlon agradeço por dar continuidade a esses ensinamentos, já que a leitura minuciosa, orientada em suas aulas, foram fundamentais no meu desenvolvimento como pesquisadora. Também agradeço as “duras” críticas que veio apontando em meu trabalho, indispensáveis no rumo que essa dissertação tomou. Ao professor Rafael

Saddi agradeço por incentivar a continuidade da pesquisa durante suas aulas de estágio. Suas discussões em sala de aula me possibilitaram reflexões que vou levar para a vida toda. Agradeço também a todos os professores da Faculdade de História. Um agradecimento especial a professora Fabiana Fredrigo, ao professor Noé, ao professor David Maciel, e ao professor Eugênio.

À capes agradeço pela bolsa de pesquisa, e ao departamento de história – particularmente: Gustavo, Glorinha, Fernando, Marco Aurélio, Dayane, e Mauro – pela paciência e atenção no atendimento.

Agradeço às minhas amigas, Isabelle, Dani e Marina. À Isabelle os momentos de cumplicidade e a torcida, que mesmo distante, foi muito importante nessa caminhada. À Dani, o afeto, a preocupação, o desespero compartilho, e principalmente as ligações – essas conversas me transformaram em uma ouvinte, e me fizeram, mesmo que momentaneamente, esquecer a ansiedade. À Marina – que já não está tão presente em meu cotidiano, mas continua no meu coração - agradeço pela amizade, pela sinceridade, pela generosidade.

Agradeço também aos amigos da turma de história que me acompanharam nessa caminhada. À Luana agradeço pelo carinho, pela confiança, por ter se mostrado sempre pronta em me ajudar. Agradeço à Débora pela simpatia que aliviou o sofrimento de muitas madrugadas em que passamos juntas desenvolvendo os “infinitos trabalhos”. À Nayara agradeço pelos momentos compartilhados de alegria e desespero. À Kathianne agradeço a irreverência e a capacidade de descontrair os momentos tensos. À Elaine agradeço a generosidade e o apoio. À Ádila agradeço o companheirismo, e a sinceridade, característica marcante de sua personalidade e indispensável para o meu crescimento enquanto pessoa. Ao amigo Augustus agradeço as histórias fabulosas, os comentários desnecessários – que, hora respondiam as dúvidas da turma, e hora deixava as aulas mais leves e agradáveis – e por se mostrar sempre disposto a ajudar. Agradeço também à Cleuza, pelo carinho, e pelo jeito alegre e contagiante. À Nezivânia e a Alessandra, pela conversa simpática. À Kênia agradeço pelo carinho, pelas referências bibliográficas, e pelo café.

Agradeço aos meus amigos, Hallhane e Maicon pela amizade incondicional. À Hallhane – pessoa mais desesperada que conheço – agradeço a serenidade que mostrou durante meus momentos de desânimo. Não esquecerei dos dias que passou em minha casa e de toda a sua mobilização para que eu concluísse esse trabalho. Ao Maicon agradeço por todos os “vai dar tudo certo!”, pelas visitas, pelas discussões por telefone, pela confiança nesse trabalho, por calar no momento oportuno – seu principal desafio –, pela intensa interlocução, por indicar

leituras e caminhos desde o início dessa pesquisa. Agradeço a vocês a presença tanto nesse trabalho como em minha vida.

À minha família por ter sido o meu porto seguro. Aos primos, Roni, Jefferson, Mateus, Max, agradeço a preocupação. À Luciene agradeço o carinho. À Ivone, minha prima, minha madrinha, agradeço o amor e o afeto que teve comigo durante essa jornada. À Cleibian, minha “prima irmã”, agradeço a confiança e a generosidade. À minha tia, Maria de Fátima, agradeço o carinho, e as orações destinada a esse trabalho – elas foram fundamentais. À Bartolomeu, primo que vi crescer, sou grata pelos manuscritos que você digitou. À Andreia, minha vizinha, que é como se fosse da família, agradeço pelo carinho, pela paciência, e principalmente pela torcida.

Agradeço a minha irmã, Quelian, pelo amor, pela paciência, pelo apoio, e também por trazer ao mundo, os amores da minha vida: Henrique, Gustavo e Filipe. Agradeço também meu cunhado, Alexandre, pela preocupação com esse trabalho, e pela torcida. Ao meu irmão, Cleidionério, agradeço por me ajudar em tudo que faço, e por estar presente – já que te irritar é uma das coisas que mais me deixa feliz. Ao meu tio, Evangelista, agradeço por todo o carinho que o senhor sempre teve comigo, e com meus irmãos. As xícaras de café que se preocupou em levar a minha mesa foram fundamentais nesse trabalho. Agradeço ao meu pai, Josivaldo, que mesmo distante, sempre me aconselhou a seguir em frente. À minha amada tia, Maria de Lurdes, minha “segunda mãe”, agradeço por todo carinho, e cuidado que a senhora teve comigo. À minha mãe, Hercília, pelo amor, pela paciência, pelo incentivo, por ser o meu farol, por não me deixar desistir.

Agradeço a Deus pela vida, pela proteção, e pela força de realizar esse trabalho.

Há algo em mim que é ilusão, como passa frequentemente com pessoas jovens entusiasmadas, mas se tivesse a fortuna de atingir alguns de meus ideais, seria em nome de toda a humanidade.

Nikola Tesla, 1892

RESUMO

Essa dissertação investiga o estatuto da escrita autobiográfica para Nikola Tesla (1856-1943). No alvorecer do século XX, esse inventor sérvio-estadunidense se lançou ao empreendimento autobiográfico. Nele é presente a ânsia de Tesla por um reconhecimento enquanto o “grande inventor” que acreditava ser. Sua trajetória foi caracterizada pela passagem do momento glorioso que experimentou na comunidade científica ao processo de ostracismo no qual se encontrava, no momento da escrita. Seu declínio não foi apenas financeiro ou profissional, mas sobretudo existencial, já que seu ofício era o que fornecia sentido para sua vida. Convicto da excelência de seu trabalho, Nikola Tesla construiu um projeto autobiográfico destinado a alterar as concepções correntes responsáveis por impossibilitar a percepção da importância de suas invenções para o mundo. Para ele, só os inventores ideais, que participavam do que denomina de “ classe excepcionalmente privilegiada” resguardaria o mundo da destruição eminente. A autobiografia foi utilizada como meio para Tesla transformar a concepção das pessoas, alterando o mundo existente e o transformando em um lugar ideal aonde sua atuação não mais seria por meio da escrita, mas sim através de suas invenções, cuja principal finalidade consistiria em resguardar a humanidade da catástrofe. A escrita autobiográfica foi percebida por Nikola Tesla como recurso para ele transformar o mundo existente, e ressurgir enquanto um inventor ideal.

Palavras-chave: Nikola Tesla, autobiográfica, invenções, sujeito, reconhecimento científico.

ABSTRACT

This dissertation investigates the status of autobiographical writing for Nikola Tesla (1856-1943). Not the dawn of the twentieth century, this Serbian-American inventor threw himself into the autobiographical enterprise. In it is present Tesla's eagerness for recognition as a "great inventor" who he believed to be. Its trajectory was characterized by the passage of the glorious moment that it experienced in the scientific community to the process of ostracism in which it was. His decline was not only financial or professional, but especially existential, since his time was what made sense to his life. Convinced of the excellence of his work, Nikola Tesla built an autobiography project, conceived as a concept of perception of the importance of his inventions to the world. For him, only the ideal inventors, who participate that the class of "exceptionally privileged class" would guard the world from eminent destruction. The autobiography was used as a model for Tesla to transform a conception of people, altering the existing world and turning it into an ideal place where its actualization is not more serious through writing, but through its inventions, its main purpose would consist of Safeguard a humanity from the catastrophe. The autobiographical writing was perceived by Nikola Tesla as a resource to transform the existing world, and to resurface as an ideal inventor.

KEYWORDS: Nikola Tesla, Autobiographic, Inventions, Subject, Scientific Recognition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I	
DA VIDA À AUTOBIOGRAFIA.....	19
1.1 ENTRE A VIDA E A CIÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE NIKOLA TESLA.....	21
1.2. A AUTOBIOGRAFIA: A INVENÇÃO PARA MUDAR O MUNDO.....	60
CAPÍTULO II	
O PROJETO AUTOBIOGRÁFICO.....	71
2.1 O PROCESSO DE PUBLICAÇÃO DA VIDA.....	73
2.1.1 O artigo autobiográfico de 1915.....	73
2.1.2 My Inventions, 1919.....	77
2.1.3 A “mente” do editor: Hugo Gernsback, 1919.....	82
2.2 POR DENTRO DA AUTOBIOGRAFIA: TESLA, O MUNDO, E O FUTURO.....	95
2.2.1 Nikola Tesla, o Inventor Ideal.....	87
2.2.2 O Mundo Existente: As Críticas.....	104
2.2.3 O Caminho para a concretização do tempo vindouro.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123

INTRODUÇÃO

Qualquer que seja o resultado dessas investigações, o futuro dirá, mas o que quer que seja, e para o qual este princípio pode levar, vou ser suficientemente recompensado se mais tarde for admitido que contribui uma parte, ainda que pequena, para o avanço da ciência.

Nikola Tesla 1888

No dia 22 de junho de 1888, a revista *The Electrical Engineer*¹, de Londres, publicou as considerações do Dr. Louis Duncan, da Universidade Johns Hopkins, a respeito do motor de corrente alternada do inventor Nikola Tesla, juntamente com a resposta dele a tais colocações. A divulgação dessa interlocução foi resultado de uma conferência intitulada, *A New System of Alternate Current Motors and Transformers*, proferida por Tesla em 16 de maio desse mesmo ano, na Universidade de Columbia, e teve como público a elite do recém-formado *American Institute of Electrical Engineers* (AIEE).

A epígrafe corresponde à resposta dada por Nikola Tesla aos apontamentos de Duncan. Nela, é notório tanto a confiança deste em seu trabalho, como também a preocupação com o seu reconhecimento científico futuro. A inquietação de Tesla torna essa passagem ainda mais relevante pelo curioso fato de que o espaço que ele estava adquirindo na comunidade científica estadunidense crescia significativamente e, pelo menos aparentemente, não havia lugar para essa incerteza com respeito ao resultado das suas pesquisas, sobre cuja relevância ele tinha plena convicção. Essa celeuma ocorreu pouco mais de quatro anos da chegada de Nikola Tesla aos Estados Unidos e esse curto período foi suficiente para que ele fosse reconhecido como uma das principais referências no campo da engenharia elétrica.

A década que estava para ser iniciada, de 1890, como veremos, foi a época em que esse inventor viveu o auge de sua carreira e, nesse período, última década do século XIX, suas palestras em grupos científicos foi algo recorrente. Em 20 de maio de 1891 ele pronunciou a segunda palestra na Universidade de Columbia, denominada *Experiments With Alternate Currents of Very High Frequency and Their Application to Methods of Artificial Illumination*. No mês de fevereiro do ano seguinte os trabalhos de Tesla foram divulgados na Europa. No dia

¹ “THE TESLA Alternate Current Motors”, *Electrical Engineer*, Londres, June 22, 1888, p. 583-585. In: TESLA, Nikola; RATZLAFF, John T (org.). *Tesla Said*. Millbrae: Tesla Book Company, 1984, p.1.

3 de fevereiro de 1892 ele se apresentou no *Institution of Electrical Engineers* e dia 4 no *Royal Institution* (ambos em Londres). No dia 19 na *Société Française de Physique*. Quando Nikola Tesla retornou para Nova Iorque, no mês de setembro, foi eleito vice-presidente do *American Institute of Electrical Engineers* (AIEE). Essa breve síntese assinala o seu lugar no restrito grupo de pesquisadores com amplo espaço entre seus pares para divulgação das suas pesquisas e experimentos, que extrapolava fronteiras continentais.

Ora, o temor de Nikola Tesla, acerca de sua imagem futura e do lugar que ocuparia no porvir se mostrou justificado, uma vez que ele não alcançou o patamar de reconhecimento em seu tempo que ele teria na posteridade. O futuro demonstrou que sua mente criativa não foi suficiente para lhe atribuir uma posição na história como um grande cientista – ou pelo menos não um nome evidente. A representação elaborada em fins do século XIX, enquanto uma referência obrigatória no campo da eletricidade não vingou e ele não encontrou o espaço que almejou nos manuais de ciência do seu tempo e nos vindouros. De acordo com Miguel A. Delgado², divulgador científico e escritor responsável pela publicação recente de obras concernente a figura de Nikola Tesla, a imagem desse inventor tampouco desapareceu, posto que se ligou ao campo da ficção científica e em outros espaços que ele, certamente, jamais pensou habitar. Nessa trajetória que ele não planejou, muito em função de ter sido considerado um injustiçado pelo meio científico, por não ter tido o reconhecimento que, efetivamente, lhe era devido, suas invenções influenciaram o *steampunk*, subgênero da ficção científica, resultando em histórias como: *Captain Swing and the Electrical Pirates of Cindery Island* (2011), de Warren Ellis e Raúló Cáceres, e *RASL* (2013) de Jeff Smith. Ele tornou-se também um elemento de inspiração para muitos jogos, como: *Silent Hill* (1999) *Lara Croft Tomb Raider* (1996), *Tesla: The Weather Man* (2011), *Dark Void* (2010) etc. Foi representado inclusive na cena musical, seja através da ópera de Constantine Koukia: *Tesla. Lightning in his Hand* (2003) ou por meio da música de protesto da banda de rock norte-americana, *Tesla*. Sua figura trágica foi o foco também na obra *O palácio da Lua* (1989) de Paul Auster, um dos mais importantes escritores norte-americanos da última década. A frase “*Tesla was robbed!*” ilustra, permanentemente, a lousa do genial e apático doutor House da série norte-americana homônima; o pôster, com sua imagem, no quarto de Flint Lockwood, o “cientista maluco” protagonista do filme *Tá chovendo Hambúrguer* (2009), são representações de Nikola Tesla, criadas por meio dos vestígios históricos deixados por esse sujeito e que alimenta o imaginário de quantos se debruçaram sobre sua biografia incomum.

² TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (Apres.). *Yo y a energía*. Tradução: Cristina Núñez Pereira. Madrid: Turner, 2011, p. 14 -17.

Ao elencar a representatividade de Nikola Tesla nos tempos atuais, não busco fazer desse fenômeno meu objeto de estudo – talvez em outro trabalho. A recorrência a exemplos da influência desse inventor em vários campos da cultura procura apenas apresentar o caminho percorrido para a elaboração deste trabalho. Não é novidade que o trabalho do historiador está perpassado por relações de identificação, em alguma medida, com o objeto de pesquisa. No meu caso não foi diferente, pois a escolha desse tema esteve relacionada com um forte processo de identificação. O interesse por esse personagem ocorreu através do gosto pela ficção e David Bowie (1947-2016)³ foi o mediador do meu encontro com Nikola Tesla. Sua atuação em *O grande Truque* (2006) me apresentou uma personagem coadjuvante tão interessante que, inclusive, roubou o cenário principal do filme. É certo que esse interesse não foi despertado no início da investigação. Foi preciso, de certa forma, o acaso, que também teve atuação importante, no encorajamento para a realização desse trabalho. Essa jornada foi direcionada, efetivamente, após me deparar com a autobiografia de Nikola Tesla, traduzida e publicada em 2012 pela editora Unesp. Para a minha surpresa, a representação que Tesla apresentou sobre ele mesmo nessa obra deu continuidade à admiração que esse inventor já havia despertado em mim por meio da ficção. O resultado da identificação com esse campo, aliado ao acaso de me deparar com esse livro, transformou o relato autobiográfico de Tesla em meu objeto de estudo.

Se iniciei esse texto ressaltando a preocupação de Nikola Tesla quanto ao seu reconhecimento futuro foi justamente por esse ser um dos principais motivos que levaram esse inventor a iniciar seu projeto autobiográfico. Como vimos, suas palavras carregam tanto a angústia quanto a preocupação com a representação, sua e de suas invenções, que as gerações futuras fariam a seu respeito. O desassossego, certamente, teve seu espaço na virada do século XIX, para o século XX. Se no início da década de 1890, como já reiterado, Tesla se encontrava no auge da carreira, com uma intensa atuação nas comunidades científicas, no início do século XX ele começou a experimentar certo processo de ostracismo nessa mesma comunidade e que ele não conseguiu reverter em vida.

A intuição de Tesla acerca da projeção da sua imagem mostrou-se tão veraz quanto sua intuição de inventor. Se no decorrer do tempo sua imagem de cientista foi aos poucos deslocada e mesclada à de um personagem da ficção, caracterizado pela associação de certa genialidade e excentricidade, não é possível descolar tal deslocamento do próprio “espaço” ocupado por ele em vida. Se num primeiro momento sua genialidade foi reconhecida, posteriormente sua excentricidade, e a do seu pensamento, também passaram a ser notados. De

³ David Robert Jones foi um ator, compositor, cantor e produtor inglês.

modo que – quer por suas invenções, quer por suas ideias – simplesmente não se podia ignorar Tesla. Ocupando assim um (não)lugar nos meios científicos e no imaginário de uma sociedade que se interessava e acreditava vividamente nos progressos e avanços científicos.

Desse modo, a construção de uma identidade autobiográfica obteve papel central para a construção desse sujeito, e da sua imagem, que se sentia rejeitado, humilhado e ridicularizado por seus coetâneos. Tal preocupação o levou a desenvolver esse projeto autobiográfico, no qual me referencio, que buscava direcionar e resguardar seu lugar na história. Não se trata de uma preocupação egocêntrica para a revelação da sua intimidade, mas seu projeto autobiográfico, tal como pretendemos apresentar nesta dissertação, está vinculado a um propósito de salvar a humanidade de uma catástrofe eminente através de suas invenções. Curiosamente, escolheu um gênero incomum, que não se destinava a propósitos de natureza científica, o que certamente contribuiu para alimentar a imagem de excentricidade que ele tanto buscou negar e desconstruir.

Sua autobiografia não se tratava da publicação de uma vida visando a exemplaridade e a universalidade através de uma personagem, tal como as memórias escritas da Antiguidade à Idade Moderna. Tampouco se identifica com as autobiografias renascentistas ou as autobiografias filosóficas modernas em que, através do jogo entre privado e público, esferas ainda confusas e emaranhadas nesse período⁴, transforma a vida e os feitos públicos de uma pessoa como expressão de sua intimidade. A autobiografia de Tesla seria o veículo através do qual ele poderia mudar a forma do mundo pensar, preparando a sociedade para realmente entender suas invenções e, assim, ele objetivava salvar o mundo do caos para o qual ele considerava que o planeta se dirigia, salvando a humanidade e garantindo seu lugar na história. Sua autobiografia não seria, pois, um monumento para destacar as grandes ações de um homem, nem o espaço para encontrar seu lugar no mundo, mas ela mesma consistiria em uma ação no/para o mundo.

O centro de nossa investigação é o sujeito⁵. Em nossa abordagem não buscamos reconstruir a realidade histórica por meio da autobiografia. Nos interessa compreender, por meio dela, como Nikola Tesla identificou as mudanças nessa realidade histórica. Os

⁴ FOISIL, Madeleine. A escritura de foro privado. In: CHARTIER, Roger (Org.) *História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 330, 331.

⁵ O trabalho da argentina Beatriz Sarlo (SARLO, Beatriz. *O tempo passado; cultura e guinada subjetiva*. Tradução: Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007), bem como da historiadora Ângela de Castro Gomes (GOMES, Ângela de Castro (org.) *Escritas de si, escritas da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.), no campo da história cultural buscou destacar o lugar que o sujeito vem ocupando nos estudos historiográficos recentes. Nesse sentido tais pesquisas contribuíram com nossa abordagem, em que o sujeito tem um papel central.

apontamentos acerca dos limites do gênero autobiográfico pelo saber histórico, nesse sentido, foram levados em consideração⁶.

Estruturamos esse trabalho em dois capítulos. Cada tópico buscou contribuir para defender que Nikola Tesla utilizou da escrita autobiográfico como um veículo para transformar o mundo em que vivia e ressurgir enquanto um inventor ideal. No primeiro capítulo apresentamos a vida de Tesla e a escolha pelo relato autobiográfico. Se afirmamos que a escrita foi utilizada para o ressurgimento desse sujeito enquanto um grande cientista, pressupõe que esse inventor experimentou um momento de destaque na comunidade científica a que pertenceu. A biografia desse sujeito, apresentada nesse capítulo, procurou, dessa forma, caracterizar o momento glorioso vivenciado por Nikola Tesla, bem como os percalços em que se encontrava no momento da elaboração da obra. A escolha pela escrita autobiográfica, nessa conjectura, foi outro ponto que tratamos no primeiro capítulo. É certo que uma variedade de tipos textuais estiveram a disposição de Nikola Tesla; contudo, ele recorreu a uma autobiografia, que é uma forma de expressão do sujeito moderno. Como Tesla percebeu que suas invenções não estavam sendo suficientes para seu reconhecimento enquanto um grande inventor, buscou por meio de seu relato alterar o mundo em que vivia, pois suas invenções só seriam percebidas enquanto indispensável para resguardar o mundo da catástrofe eminente, se ocorresse uma mudança no pensamento corrente. Nesse sentido, ao apresentar a autobiografia enquanto um fenômeno histórico, um meio pelo qual o sujeito moderno pode expressar as mudanças ocorridas na forma de perceber o mundo, e por sua vez de compreender seu papel nesse lugar, podemos entendê-la enquanto o texto ideal para Tesla expressar sua verdade e buscar, por meio dela, atuar no mundo em que viveu.

No segundo capítulo adentraremos ao projeto autobiográfico, destacando desde a forma como a obra veio a lume, até a construção da identidade autobiográfica de Nikola Tesla e seus projetos para transformação do mundo em que vivia. No primeiro momento, destacamos os indícios da elaboração da autobiografia em 1915, na qual Tesla, além de perceber enquanto um inventor ideal, assegura ao leitor acerca da legitimidade de suas invenções, colocando sua

⁶ O papel de uma trajetória individual no saber histórico, bem como a incapacidade de narrar a vida sem que ela seja deturpada, foram questões levadas em consideração em nosso estudo. Autores como: Giovanni Levi (LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.), Sabina Lobriga (LORIGA, Sabina. *A biografia como problema*. In: REVEL, Jacques (Org.) *Jogos de escala: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998), Jacques Revel (REVEL, Jacques. *A biografia como problema historiográfico*. In: _____. *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.), e Pierre Bourdieu (BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.), que levantam o debate acerca dos limites e possibilidades do trabalho com a biografia pela historiografia, foram tidos como base para a forma como abordamos nosso problema.

existência como necessária para a materialização dessas criações. Logo após apresentar o início do projeto autobiográfico, retratamos o processo de publicação de nossa principal fonte, *My Inventions*, de 1919, destacando principalmente a relação do surgimento da autobiografia com o editor e o suporte pelo qual a obra foi divulgada. Prosseguimos o segundo capítulo expondo os principais pontos retratados pelo relato em questão, bem como a apresentação de Tesla enquanto um inventor ideal; a caracterização de um mundo que caminha para a destruição e as propostas que Tesla apresenta para alterar as concepções que, na sua concepção, encaminhavam os indivíduos a autodestruição e, principalmente, a não o reconhecerem enquanto o cientista destinado a salvar a humanidade da destruição.

CAPÍTULO I DA VIDA À AUTOBIOGRAFIA

Era fevereiro de 1919 quando Nikola Tesla publicou na revista *Electrical Experimenter* o seu segundo artigo autobiográfico. A divulgação do primeiro texto de Tesla desse gênero, ocorreu em 1915 e foi feita pela revista *Scientific American*. Além da mudança nos periódicos utilizados na divulgação, o relato de fevereiro de 1919 foi o primeiro texto de *My Inventions*, uma série de artigos autobiográficos, lançados pelo *Electrical Experimenter* ao longo desse ano. *Some Personal Recollections*, que veio a lume em 1915, serviu de esboço para a autobiografia que surgiria anos mais tarde. Ambos os relatos fizeram parte do projeto autobiográfico desse inventor, surgidos em um momento específico de sua trajetória e contemplando um objetivo peculiar.

O Nikola Tesla de 1919 já havia experimentado os dois extremos da vida. Alcançou grandes sucessos, mas também os piores fracassos. A situação em que se encontrava nesse período era análoga, ou talvez mais incômoda àquela de seus primeiros anos nos Estados Unidos, por volta da década de 1880, quando, mesmo exercendo um trabalho como operário de obras, após as decepções na *Edison Machine Works*, um dos experimentos que o levou aos EUA, contava com a sagacidade da juventude e a esperança, aliás, a certeza, de que seu trabalho lhe atribuiria um lugar no campo científico e no reconhecimento mundial. É certo que seus fracassos não lhe privaram da confiança que tinha em suas invenções. Já os primeiros anos do século que se iniciava se tornavam tempos miseráveis para Tesla, pois sua tarefa não consistia apenas em buscar olhares e apoio financeiro para o trabalho que realizava. O que estava em jogo era sua reputação como cientista. Ele necessitava buscar a credibilidade que havia perdido na comunidade científica, assim como arrecadar rendimentos necessários para pagar as (enormes!) dívidas dos fracassos e continuar fazendo o que sabia fazer, inventar.

A peculiaridade do caso de Nikola Tesla foi a forma como ele buscou o reconhecimento. É perceptível a convicção desse sujeito em relação a excelência de seu trabalho. Ora, se o problema não era suas invenções, como acreditava, a solução para a situação na qual se encontrava não poderia ser resolvida por meio das criações. Para ele, seus projetos estavam à frente do seu tempo. Então, para resolver o problema, deveria transformar não suas invenções, o que seria uma regressão científica, mas destruir a distância entre o mundo e seus inventos – uma atuação no tempo. A autobiografia foi pensada, então, como veículo para modificar o mundo em que vivia, uma vez que o problema, para ele, não era suas criações.

Por meio do relato autobiográfico Nikola Tesla procurou demonstrar não só que o mundo evolui por meio do desenvolvimento científico, mas que a própria sobrevivência da humanidade dependeria das invenções. Tesla se apresentou ao público como esse grande cientista, que tinha como preocupação central o bem-estar da humanidade. A identidade autobiográfica construída por ele corresponde a uma representação de si, com o intuito de ressurgir enquanto um sujeito indispensável para o progresso e a sobrevivência da humanidade. A escrita autobiográfica para Nikola Tesla foi utilizada como elemento para legitimar o ideal de cientista apresentado na autobiografia e ressurgir enquanto tal. É preciso esclarecer que Tesla antes de *My Inventions*, já se percebia enquanto esse cientista apresentado na obra. A forma como ele se representa em 1919 é a mesma de 1915, por exemplo. Nesse sentido, o relato autobiográfico, além de buscar apresentar Tesla como ele acreditava que era, buscou apresentar-se tal como acreditava ser, em um modelo ideal de cientista para o mundo, possibilitando assim sua atuação nesse lugar e em seu tempo através de suas invenções.

Neste capítulo apresentamos a biografia desse inventor, através de material colhido dentro e fora da autobiografia. O objeto da obra – a vida e as invenções de Nikola Tesla – tornaram-se o nosso foco. O intuito com isso foi evidenciar que o momento escolhido para a elaboração do projeto autobiográfico ocorreu quando sua representação como um grande inventor se encontrava em declínio. A eleição de recorrer a essa incomum forma de escrita, naquela altura de sua trajetória, demonstra que esse projeto procurou apresentar, e ao mesmo tempo recuperar, perante o público uma representação dele contrária a que estava em voga: um grande inventor, mas sempre um passo atrás dos demais, que enquanto *pensava* em algo, outro inventor efetivamente o fazia; ou uma mente criativa que *pensava* invenções estapafúrdias que não se concretizavam; enfim, um inventor que pensou/idealizou/imaginou/sonhou, mais que necessariamente inventou.

Discorreremos também nesse capítulo acerca da escolha do gênero autobiográfico feita por esse cientista. Uma variedade de tipos textuais esteve à disposição de Tesla. A predileção pela autobiografia esteve ligada à própria finalidade desse gênero textual em consonância com os interesses desse autor, preocupado em expressar a *verdade do sujeito* (objeto da escrita autobiográfica) e transformá-la em *a verdade/a realidade* (objeto da ciência).

Os princípios históricos necessários para o desenvolvimento da autobiografia, enquanto gênero, estiveram ligados a uma mudança na própria forma como o sujeito veio se percebendo ao longo do tempo. O sujeito moderno, capaz de pensar sua existência fora do mundo, como um agente de mudanças, um sujeito histórico, foi um dos principais pontos para o desenvolvimento de escrita auto referencial, já que antes de mais nada ele necessitou ganhar

importância para ser o personagem principal da história que escrevia. Ele passou a ser o principal ponto de referência para a compreensão da realidade histórica. A autobiografia é um fenômeno histórico por ser umas das expressões dessa mudança paradigmática do sujeito na modernidade. Como forma de expressão do principal ponto de referência para a compreensão da realidade história (o sujeito), esse tipo de texto tem como principal característica a narração da verdade do indivíduo.

Assim, a autobiografia confluiu com os objetivos de Nikola Tesla por lhe possibilitar expressar sua verdade não apenas enquanto opinião ou suposição, mas enquanto *a verdade* mesma – a tradução única de uma realidade exterior a ela. Seu projeto autobiográfico buscou lançar críticas à humanidade e lhe atribui a culpa por seu aparente fracasso. Tesla realizou isso, não de forma ressentida ou por meio de lamentações, uma vez que o que lhe importava mesmo era propor as mudanças para a humanidade que possibilitaria ter uma nova percepção em relação às suas invenções e a ele mesmo. Tesla buscou ressurgir como um cientista ideal por meio do relato autobiográfico.

1.1 ENTRE A VIDA E A CIÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE NIKOLA TESLA

Nikola Tesla nasceu na aldeia de Smiljan, em 10 de julho 1856. Esse povoado estava localizado na região de Lika, que nesse período fazia parte da Áustria- Hungria. Segundo Tomo Bosanac⁷, algumas características de Tesla, como sua disciplina, inteligência e perseverança, descritas na obra, e também por pessoas que conviveram com ele, foram facetas que a população de Lika adquiriu em razão de sua relação com os militares⁸. Em Smiljan, estava estabelecida a 11ª companhia militar, com sua sede em Gospić. Essa região vinha sendo dominada por autoridades militares e usada como fronteira militar na defesa da Europa contra os turcos, desde o século XVI⁹. Bosanac acrescenta, ainda, que houve muitas revoltas para conter esse domínio, mas sem sucesso. Assim, esse povo instalado na fronteira, como o caso de Nikola Tesla, teve a vida ligada às instalações militares de ocupação¹⁰.

⁷ Membro da antiga Academia Iugoslava de Ciências e Artes, e responsável pela conclusão na edição da autobiografia de Nikola Tesla de 1977.

⁸ TESLA, Nikola. *Moji Pronalasci – My Inventions*. 2.ed. Zagreb: Školska knjiga, 1984, p. 99.

⁹ *Ibidem.*, p. 99.

¹⁰ *Ibidem.*, p. 99.

A família de Tesla era originária da fronteira de Gospić e Gračac, e tanto pelo lado materno, como pelo paterno, o inventor esteve cercado por influências militares e religiosas¹¹. Seu avô paterno, que também se chamava Nikola, era um sargento no exército de Napoleão, durante o domínio francês sobre essa região – de 1809 a 1813¹². Ele enviou dois de seus filhos, Milutin (o pai de Tesla) e Josip para a Academia Militar, embora nem um dos dois tenha seguido essa carreira¹³. Milutin abandonou os estudos e entrou no seminário de Plaški, visando o sacerdócio, como padre ortodoxo¹⁴. Josip, tio de Tesla, se graduou nessa Academia, embora tenha se tornado professor de matemática¹⁵. O avô materno de Tesla, Nikola Mandić, foi padre em Gračac¹⁶ e seu filho Peter Mandić, que depois adotou o nome de Nikola, seguiu o sacerdócio, diferente de Pajo Mandić, que se tornou um oficial¹⁷. Esse último, posteriormente, foi o responsável por conseguir trabalho para nosso protagonista em Budapeste, na Central Telegráfica do Governo da Hungria¹⁸.

A mudança da família do inventor para Gospić, ocorreu devido à morte de Dane, irmão mais velho de Tesla, em 1862¹⁹. Esse evento também é descrito na autobiografia, mas o inventor não referenciou as datas, e não registrou que essa teria sido a causa da mudança da família. Tesla já tinha iniciado seus estudos em 1862 em Smiljan e em 1863 retomou-os em Gospić²⁰. O idioma das escolas dessa região, devido à fronteira militar, era o alemão, e eram consideradas instituições de boa qualidade, dando maior importância para ciências como matemática, física e química²¹. Bosanac assinalou o sofrimento que a mudança para a grande cidade trouxe para a infância de Tesla, que por ser pouco comunicativo, se fechou no seu próprio mundo por meio da leitura²².

Com a morte do seu pai, em 1879, Tesla retornou de Graz, após ter estudado dois anos no Instituto Politécnico, mas nunca chegou a concluir o curso, já que não tinha recursos, e o privilégio que contava da fronteira militar, uma espécie de distinção, tinha acabado juntamente com a fronteira²³. Bosanac apontou que enquanto Tesla permaneceu em Graz,

¹¹ TESLA, Nikola. *Moji Pronalasci...*, Op. Cit., p. 99.

¹² *Ibidem.*, p. 100.

¹³ *Ibidem.*, p. 100.

¹⁴ *Ibidem.*, p. 100.

¹⁵ *Ibidem.*, p. 100.

¹⁶ *Ibidem.*, p. 100.

¹⁷ *Ibidem.*, p. 100.

¹⁸ *Ibidem.*, p. 100.

¹⁹ *Ibidem.*, p. 100.

²⁰ *Ibidem.*, p. 100.

²¹ *Ibidem.*, p. 101.

²² *Ibidem.*, p. 101.

²³ *Ibidem.*, p. 101.

sofreu muito devido ao árduo trabalho e a completa insegurança em relação a sua vida. E, com a morte do pai, ele se empenhou ainda mais para continuar os estudos, já que tinha prometido isso a ele no seu leito de morte²⁴.

Em 1880, Tesla foi para Praga, com o propósito de continuar seus estudos; contudo, não se matriculou na universidade porque não falava grego, mas frequentou bibliotecas e cursos livres diversos²⁵. Logo no início de 1881, ele começou a trabalhar na Central Telefônica do Governo Húngaro. O telefone, invenção americana de Alexander Graham Bell (1847-1922), vinha conquistando o continente europeu²⁶. Quatro centrais telefônicas seriam construídas na Europa e uma delas seria edificada na cidade de Budapeste. A ida de Tesla para lá, certamente, se deu devido ao conhecimento dessas notícias, ainda quando estava em Praga, na casa de seus tios²⁷. O trabalho que conseguiu como auxiliar na Oficina Central do Governo Húngaro, foi conseguido por meio de um pedido desse inventor a seu tio, Pajo Mandić, uma vez que ele e Ferenc Puskás²⁸ (1848-1884), mantinham relações de amizade desde os tempos de estudo²⁹. A função que Tesla veio a exercer nesse ofício consistia em realizar desenhos e cálculos, o que lhe proporcionava um salário de cinco dólares por semana. Esse rendimento não era suficiente para Tesla dar início à suas criações³⁰.

O desgaste físico e principalmente mental lhe impulsionou a encerrar suas atividades na oficina de Budapeste³¹. Esse contexto contribuiu para uma crise nervosa profunda. A recuperação foi possível graças a intensos exercícios físicos, incentivados pelo esportista, Anthony Szigety (? -1889), amigo que Tesla conquistou durante seus trabalhos em Budapeste. Os longos passeios com Szigety possibilitaram também a retomada da fertilidade de sua mente criativa. Em uma caminhada pelo parque, acompanhado por esse amigo, Tesla teve uma ideia e vislumbrou a possibilidade de resolver um problema antigo, proposto por seu professor Jakob

²⁴ TESLA, Nikola. *Moji Pronalasci...*, op. cit., p. 101.

²⁵ *Ibidem.*, p.101.

²⁶ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio al que le robaron la luz*. Tradução: Gregorio Cantera. Madrid: Turner, 2009, p. 25.

²⁷ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor de la era eléctrica*. Tradução: Laura Sánchez Fernández. 2.ed. Barcelona: Crítica, 2014, p. 70.

²⁸ Ferenc Puskás e seu irmão Tivadar Puskás (1844-1893) eram originários da Transilvânia e estiveram envolvidos com o desenvolvimento da telegrafia na Europa. Tivadar se tornou mais tarde o inventor da central telefônica; ele havia migrado para os Estados Unidos e lá, após ter adquirido recurso financeiro nas minas do Colorado, estabeleceu uma parceria com Thomas Alva Edison. Ele permaneceu como um agente de Edison, com o objetivo de levar o que havia sido desenvolvido na América, no que tange a telegrafia, à Europa. Ferenc Puskás, foi um dos seus colaboradores em Paris, e logo após o estabelecimento dessa central, foi enviado pelo seu irmão para Budapeste. Essa cidade foi uma das quatro escolhidas pela companhia europeia de Edison para subsidiar uma central telefônica. CARLSON, op. cit., p. 70 e 71.

²⁹ *Ibidem.*, p. 70.

³⁰ *Ibidem.*, p. 71.

³¹ *Ibidem.*, p. 71.

Poeschl (1828-1907), do motor de corrente contínua³². Enquanto ele recitava os versos de Goethe, pode visualizar o princípio do campo magnético rotativo³³, formado por duas ou mais correntes³⁴. Ele tornava-se o criador de um novo tipo de motor, o de corrente alternada³⁵. A novidade dessa criação não foi devido ao uso da corrente alternada (CA)³⁶ em motores, uma vez que isso já era comum tanto nos Estados Unidos, com o inventor inglês, Elihu Thomson (1853-1937), quanto na Europa com os inventores, Lucien Gaulard (1850-1888) e John Dixon Gibbs (1834-1912). A singularidade estava no bom funcionamento, já que, como declarou Margaret Cheney, o comum era usar esse tipo de corrente em motores iguais ao de corrente contínua (CC)³⁷, que possuíam apenas um circuito fechado e que gerava vibrações impossíveis de serem aproveitadas³⁸.

A epifania de Nikola Tesla foi apenas a visão do início de uma longa jornada. Mesmo recuperado do colapso que teve, ele tinha consciência que o caminho que iria percorrer, para materializar essa inspiração e receber o reconhecimento por ela, seria longo e árduo. Com um projeto mais detalhado do que buscava desenvolver, seu primeiro passo foi retomar o trabalho, o que ocorreu no ano seguinte, em 1882³⁹. Pouco depois do seu retorno, ele foi elevado para a posição de engenheiro, onde realizou importantes inovações como, por exemplo, o amplificador telefônico, que logo chamou atenção dos dirigentes da oficina. É preciso salientar que houve um esforço de Tesla para estabelecer contato com os executivos da filial da *Continental Edison Company* em Paris, na intenção de convencê-los a utilizar a corrente alternada ao invés da corrente contínua⁴⁰. Com a intermediação dos irmãos Puskás, e de seu notável trabalho em Budapeste, Tesla seguiu para trabalhos na França. Seu amigo Szigety foi indicado também para a *Continental Edison Company*⁴¹.

O trabalho de Nikola Tesla centrou-se nos arredores de Paris, em Ivry, local onde era realizada a fabricação de dínamos⁴² e motores⁴³. O historiador W. Bernard Carlson, assim

³² CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 26

³³ Campo produzido pelo movimento de cargas elétricas que exercem uma força sobre outras cargas elétricas. Um campo elétrico determina um campo magnético ortogonal a este. TEODORANI, Massimo. *Nikola Tesla. Vida y descubrimientos del más genial inventor del siglo XX*. Tradução: Editorial Sirio. 2.ed. Málaga: Sirio, 2011, p. 117.

³⁴ CHENEY, op. cit., p. 27.

³⁵ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor ...*, op. cit., p. 73.

³⁶ Corrente com sentido alternado cuja intensidade é uma função periódica do tempo com valor médio nulo. A direção da corrente elétrica muda muitas vezes por segundo. TEODORANI, op. cit., p. 118.

³⁷ Corrente em que a carga elétrica se move sempre na mesma direção. *Ibidem*, p. 118.

³⁸ CHENEY, op. cit., p. 28.

³⁹ *Ibidem*, p. 29.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 30.

⁴¹ CARLSON, op. cit., p. 86.

⁴² Máquina elétrica giratória para a conversão de energia mecânica em energia elétrica por meio de indução eletromagnética. O dínamo produz corrente contínua. TEODORANI, op. cit., p. 119.

⁴³ CARLSON, op. cit., p. 87.

como outros biógrafos de Tesla, afirma que o trabalho que ele realizou nessa corporação lhe possibilitou a aquisição de experiência prática. Eles também estão de acordo em relação a contribuição de Tesla com a produção desses dispositivos, pois como Carlson acrescenta, durante a década de 1880 não haviam esquemas padronizados para a elaboração desses aparatos; eles eram resultado de um trabalho artesanal, sem a utilização de cálculos ou aplicação de teorias para seu desenvolvimento⁴⁴. Além dos cálculos, Tesla era responsável pela elaboração dos dínamos⁴⁵. Seu trabalho logo foi reconhecido pelos supervisores, como por exemplo, o gerente da *Société Electrique Edison* – parte da organização responsável pela instalação dos sistemas⁴⁶. Isso explica a alteração na tarefa de Tesla em 1883 para a função de especialista em diagnósticos técnicos⁴⁷. Somando-se a sua aptidão para a resolução de problemas com a aplicação de teorias, o inventor dominava vários idiomas, e isso foi um ponto a mais para seu novo cargo, uma vez que este requeria a locomoção para outras cidades europeias⁴⁸. Como Tesla mantinha uma boa relação com os alemães, foi enviado para Estrasburgo, com o objetivo de tratar com as autoridades locais enfurecidas devido a um curto-circuito numa estação de trem durante uma visita do imperador Guilherme I (1797-1888)⁴⁹. Tesla levou como assistente seu amigo Szigety, que continuou a ser o confidente de suas invenções nesse período. Após ter participado da ilustração do motor desse inventor, durante uma caminhada no parque, Szigety foi testemunha também da elaboração do primeiro motor de Tesla acionado por corrente alternada⁵⁰.

Após desenvolver o seu motor de corrente alternada, ele buscou encontrar financiamento nas cidades onde estava trabalhando para continuar aprimorando sua invenção. Isso porque, mesmo que seu trabalho tenha chamado a atenção dos dirigentes da *Continental Edison Company*, não houve interesse em fabricar dispositivos que viessem a utilizar corrente alternada por parte dessa companhia. Quando Tesla partiu de Paris, levou consigo uma série de materiais na intenção de concretizar e divulgar tal criação⁵¹. As melhorias que veio realizando, principalmente em Estrasburgo, lhe possibilitou estabelecer amizades com grandes personalidades, como por exemplo, o alcaide Bauzin, que mesmo não investindo em seus

⁴⁴ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 87.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 87

⁴⁶ *Ibidem*, p. 87

⁴⁷ *Ibidem*, p. 90

⁴⁸ *Ibidem*, p. 90

⁴⁹ *Ibidem*, p. 90

⁵⁰ *Ibidem*, p. 91

⁵¹ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p.30.

projetos, se preocupou em contribuir por meio da busca de investidores⁵². Mesmo com esse auxílio, Tesla não conseguiu encontrar investidores interessados em seus projetos, pois eles não conseguiram perceber, nesse período, utilidade prática para esse dispositivo⁵³. A viagem de Tesla, iniciada em 1883, terminou em fevereiro do ano seguinte, quando retornou a Paris. Ele não prosseguiu com os trabalhos na *Continental Edison Company* e pediu demissão após os supervisores lhe negarem a recompensa prometida pelos trabalhos que realizou em Estrasburgo⁵⁴.

Ainda era 1884 quando Nikola Tesla recebeu o convite, pelos mesmo dirigentes da *Continental Edison Company*, para continuar o trabalho com o aperfeiçoamento de dínamos nos Estados Unidos. A maioria dos biógrafos de Tesla salienta que Charles Batchelor (1845-1910), amigo íntimo do inventor estadunidense Thomas Alva Edison (1847-1931), o teria recomendado. Todavia, o historiador Carlson afirma que a documentação explorada recentemente atesta que a recomendação partiu de Tivadar Puskás, que também mantinha uma relação próxima a Edison⁵⁵. O certo é que esse inventor aceitou a proposta e partiu para os Estados Unidos. Segundo Miguel A. Delgado, sua viagem foi financiada por seus tios Petar e Pajo. As desventuras vivenciadas ainda na estação de embarque fizeram Tesla embarcar no *Saturnia* apenas com algumas moedas, seus poemas e muita esperança de conseguir reconhecimento por suas invenções⁵⁶.

Nikola Tesla chegou aos Estados Unidos da América em 6 de junho de 1884. Assim como a maioria dos imigrantes, ele passou por uma espécie de triagem no *Castle Garden*⁵⁷. O que o diferenciava dos muitos recém-chegados que desembarcavam em Nova Iorque, certamente, era a recomendação que levava consigo. Seu trabalho na *Edison Machine Works* foi iniciado em 8 de junho desse ano⁵⁸. Nessa companhia, Tesla daria continuidade ao trabalho que vinha realizando na Europa, redesenhando e aperfeiçoando o sistema de dínamos⁵⁹. De acordo com Carlson, quando Tesla se apresentou na organização de Edison, ele se propôs a realizar a função de especialista em diagnóstico técnico⁶⁰. Isso explica sua apresentação como voluntário para consertar o *Oregon*, então o navio mais rápido do mundo, que se encontrava

⁵² TESLA, Nikola. "My Inventions. The Discovery of the Tesla Coil and Transformer". *Electrical Experimenter*. New York, v. 7, n. 1, May. ,1919. p. 17.

⁵³ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ..., op. cit.*, p. 30.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 31.

⁵⁵ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor..., op. cit.*, p. 93, 94.

⁵⁶ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (Ed.). *Firmado: Nikola Tesla. Escritos y Cartas, 1890-1943*. Tradução: Cristina Núñez Pereira. Madrid: Turner, 2012, p. 223.

⁵⁷ CHENEY, *op. cit.*, p. 33.

⁵⁸ CARLSON, *op. cit.*, p. 95.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 95.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 94.

encalhado devido ao mau funcionamento em seus dínamos⁶¹. O trabalho desse inventor durante toda a noite possibilitou a partida do *Oregon* de Nova Iorque no dia 7⁶². Os dirigentes ficaram surpreendidos com seu trabalho, assim como Batchelor havia ficado durante seu trabalho de supervisão em Ivry⁶³. Dois dias após seu desembarque em terras americanas, Nikola Tesla iniciou seu trabalho na *Edison Machine Works* melhorando o sistema de geração de eletricidade de corrente contínua, trabalhando diariamente das 10 horas da manhã às 5 horas da manhã do dia seguinte⁶⁴.

Os dispositivos que estavam sendo aperfeiçoados por Nikola Tesla faziam parte de um projeto de Thomas Alva Edison para iluminar Nova Iorque e outras cidades americanas. Edison não estava sozinho na busca por produzir e comercializar eletricidade. Nesse período seus principais concorrentes eram *Thomson-Houston Electric Company*, a *Brush Electric Light Company*, e a *United States Electric Lighting Company*⁶⁵. O ponto de desvantagem de sua companhia frente às outras era a utilização exclusiva de lâmpadas incandescentes, inadequadas para a iluminação das ruas⁶⁶. Como a maioria dos seus rivais utilizavam a lâmpada de arco elétrico, este inventor recorreu a Tesla para desenvolver um sistema de iluminação de arco elétrico, para assim superar seus adversários⁶⁷.

De acordo com Carlson, em 1884 Edison patenteou um desenho de arco elétrico e o restante do projeto ficou sob a responsabilidade de Nikola Tesla. Esse conseguiu desenvolver o sistema de iluminação com a utilização dessas lâmpadas; todavia, seu projeto não foi utilizado, uma vez que Edison resolveu seu problema fechando acordo com a *American Electric Manufacturing Company* para dividir os clientes⁶⁸. O segundo motivo que justifica a não utilização do projeto de Tesla, ainda de acordo com esse historiador, foi em razão do desenvolvimento de bobinas responsáveis por intensificar a iluminação das lâmpadas incandescentes nas ruas⁶⁹. Insatisfeito com a forma como seu trabalho foi recebido, e principalmente com a falta de pagamento pelos serviços prestados, Tesla pediu demissão da *Edison Machine Works*⁷⁰.

⁶¹ TESLA, Nikola. "My Inventions. The Discovery of ...", *op. cit.*, p. 64, 65.

⁶² CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, *op. cit.*, p. 95.

⁶³ *Ibidem*, p. 93.

⁶⁴ TESLA, Nikola. "My Inventions. The Discovery of ...", *op. cit.*, *loc. cit.*

⁶⁵ CARLSON., *op. cit.*, p. 95, 96.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 96.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 95

⁶⁸ *Ibidem*, p. 96

⁶⁹ *Ibidem*, p. 96

⁷⁰ TESLA, Nikola. "My Inventions. The Discovery of ...", *op. cit.*, *loc. cit.*

Não há nenhuma evidência de que Nikola Tesla tenha compartilhado com Edison os projetos que vinha desenvolvendo com corrente alternada em motores. Carlson aponta que durante seu trabalho na *Edison Machine Works*, ele não buscou dar continuidade a seu motor, provavelmente porque sua tentativa de convencer os dirigentes da *Edison Continental Company* a utilizar o sistema elétrico de corrente alternada havia sido rechaçada⁷¹. No relato de Tesla, Edison deixou de lhe pagar cinquenta mil dólares pelo seu trabalho de aperfeiçoamento no sistema de corrente contínua⁷². Margarete Cheney declara que na versão de Edison esse dinheiro se refere à quantia ofertada por Tesla em suas patentes de corrente alternada e, como não houve acordo na compra desse projeto por Edison, o inventor se enfureceu e pediu demissão da companhia⁷³.

Em dezembro de 1884, alguns investidores, como Benjamin A. Vail (1844-1914) e Robert Lane convidaram Nikola Tesla para formar uma companhia⁷⁴. A *Tesla Electric Light and Manufacturing Company*, localizada em Rahway, Nova Jersey, foi resultado do aumento da reputação que o inventor vinha adquirindo como engenheiro⁷⁵. O interesse de Vail e Lane no campo da eletricidade era principalmente na produção de lâmpadas de arco elétrico. Não houve interesse desses investidores em desenvolver os motores de corrente alternada de Tesla⁷⁶. Para dar seguimento à comercialização do projeto das lâmpadas, Tesla solicitou em 1885 um pedido de patente⁷⁷. Carlson afirma que durante a realização desse trabalho esse inventor recebeu cento e cinquenta dólares ao mês⁷⁸. Já Margarete Cheney afirma que sua recompensa consistia principalmente em ações da empresa⁷⁹. As lâmpadas desenvolvidas por Tesla iluminaram as ruas de Rahway⁸⁰. As patentes adquiridas por esse projeto foram compartilhadas com a companhia⁸¹. Com os projetos em pleno funcionamento, os investidores não viram mais necessidade dos serviços prestados por Nikola Tesla⁸². De fora da empresa, lhe restava apenas algumas ações que, como declarou Cheney, não tinham valor diante do pouco tempo de funcionamento dessa companhia e, principalmente devido às sucessivas crises financeiras que

⁷¹ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 95.

⁷² TESLA, Nikola. "My Inventions. The Discovery of the..." op. cit., p. 64, 65.

⁷³ CHENEY, Margarete. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 41.

⁷⁴ CARLSON, op. cit., p. 97.

⁷⁵ CHENEY, op. cit., p. 44.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 44

⁷⁷ CARLSON, op. cit., p. 98

⁷⁸ *Ibidem*, p. 98

⁷⁹ CHENEY, op. cit., loc. cit.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 44.

⁸¹ CARLSON, op. cit., p. 100

⁸² *Ibidem*, p. 100.

ela sofreu tempos depois⁸³. O afastamento do inventor da companhia que levava seu nome é justificado também por meio da decisão de Vail e Lane em prosseguir o trabalho apenas como uma central elétrica em Rahway, uma vez que a *Thomson-Houston Company* dominava a fabricação de lâmpadas de arco elétrico nesse período⁸⁴.

Os tempos que se seguiram foram árduos para Nikola Tesla. Ele não encontrou trabalho como inventor e para sobreviver teve que recorrer a tarefas como operário em obras⁸⁵. Seu retorno ao campo da engenharia só ocorreu em 1887, após despertar o interesse do diretor da *Western Union Telegraph Company*, Alfred S. Brown (1836-1906), por seus motores de corrente alternada⁸⁶. Brown ficou sabendo a respeito da patente do motor de Tesla, registrada em 1886, por meio de um encarregado que havia escutado as histórias das invenções de Tesla durante o trabalho que realizava abrindo covas como operário⁸⁷. Certamente esse encarregado conhecia Brown devido à sua supervisão dos cabos que passavam sob essas covas⁸⁸. Carlson salienta que o trabalho de gerência da *Western Union Telegraph Company* lhe ofereceu uma grande experiência no funcionamento das indústrias do período⁸⁹.

Para dar prosseguimento aos projetos que tinha em mente a respeito das invenções de Tesla, Brown recorreu a Charles F. Peck (? - 1890), um advogado de Nova Jersey que também tinha interesse nesse novo campo da eletricidade⁹⁰. Ambos se transformaram nos mentores de Nikola Tesla e, em 1887, eles formaram a *Tesla Electric Company*⁹¹. De acordo com Carlson, Tesla recebia um terço dos benefícios, além de duzentos e cinquenta dólares. Outro terço do lucro era dividido entre os investidores e o restante se transformava em investimento destinado à companhia⁹². Desde a sua chegada aos Estados Unidos essa foi a primeira possibilidade efetiva que percebeu para desenvolver seu motor de corrente alternada. Para isso, ele recorreu a seu amigo de Estrasburgo, Szigety, para ser seu assistente⁹³. Assim como o tinha feito enquanto trabalhava na iluminação de Rahway⁹⁴.

É preciso salientar que Nikola Tesla não foi o desbravador na utilização de corrente alternada em motores. Mesmo nos Estados Unidos, onde o uso da corrente contínua era

⁸³ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 44.

⁸⁴ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 100.

⁸⁵ CHENEY, op. cit., loc. cit.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 45.

⁸⁷ CARLSON, op. cit., p.103

⁸⁸ *Ibidem*, p. 103.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 103.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 103.

⁹¹ *Ibidem*, p. 106.

⁹² *Ibidem*, p. 106.

⁹³ *Ibidem*, P. 106.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 99.

dominante nesse período, já houvera tentativas como a de Elihu Thomson, para produzir iluminação por meio de corrente alternada⁹⁵. Todavia é preciso ressaltar também que os avanços nesse campo foram tímidos e não obtiveram muito sucesso. A novidade de Tesla foi fazer funcionar com eficácia um motor de corrente alternada, por meios da utilização de princípios do campo magnético rotativo descoberto por ele ainda na Europa.

Diferente dos norte-americanos, os europeus tiveram avanços significativos na exploração dessa tecnologia. Durante a década de 1880 ocorreu um aumento da necessidade de motores mais potentes, já que além da iluminação noturna das cidades, havia as linhas de trens e as fábricas que necessitavam de eletricidade⁹⁶. A procura por esse serviço impulsionou a construção de várias centrais elétricas⁹⁷. Enquanto nos EUA as melhorias de Charles Francis Brush (1849-1929) possibilitavam a continuação do uso de motores de corrente contínua, na Europa houve a continuação do desenvolvimento de transformadores para utilizar corrente alternada⁹⁸. As melhorias realizadas em 1883 por Gaulard e Gibbs, e da equipe de engenheiros húngara (ZBD) composta por Károly Zipernowski, Otto Bláthy, Miksa Déri, realizadas em Budapeste nesse mesmo período, foram exemplos desse avanço⁹⁹. Ambos conseguiram desenvolver transformadores que possibilitaram diminuir a tensão elétrica e assim diminuir os riscos de acidentes com os clientes.

Mesmo sendo um sistema rudimentar, esses progressos despertaram o interesse dos norte-americanos. Thompson, por exemplo, enviou Charles Albert Coffin (1844-1926) em 1885 para observar o funcionamento dos sistemas de Budapeste, que nesse período era um dos concorrentes de Edison no que se referia a iluminação¹⁰⁰. George Westinghouse (1846-1914), inventor e empresário estadunidense, interessado pela corrente alternada, e decidido a desenvolver um sistema de iluminação com esse tipo de corrente para iluminar cidades americanas e assim poder competir com Edison, comprou o sistema de Gaulard e Gibbs¹⁰¹. Mesmo com todos os avanços ocorridos em fins do século XIX, a invenção do motor de indução de Nikola Tesla resolvia os impasses ocorridos devido ao uso da corrente alternada.

Já com o projeto do motor em mente, não foi difícil para Tesla seguir os conselhos de Peck e Brown, e tornar essa invenção a mais prática possível e assim poder comercializá-

⁹⁵ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 28.

⁹⁶ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 114.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 114.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 114.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 115.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 115.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 116.

la¹⁰². Dessa forma, poucos meses depois de estabelecer a *Tesla Electric Company*, em 1887, ele patenteou uma série de inventos ligados ao projeto do motor¹⁰³. Margaret Cheney declarou que as patentes desse inventor foram tão originais que foram aceitas de imediato pela Oficina de Patente¹⁰⁴. Devido ao grande número de centrais elétricas construídas nos Estados Unidos nas últimas décadas do século XIX e a conseqüente necessidade de dispositivos mais satisfatórios, o motor de Tesla logo chamou a atenção de pessoas ligadas a esse campo.

O professor William Arnold Anthony (1835-1908) foi um dos que compreenderam que não se tratava de melhorias, ou continuação de outros motores que vinham sendo usados, mas que consistia em uma nova tecnologia¹⁰⁵. Anthony convidou Tesla para proferir uma palestra sobre essa novidade no curso de Engenharia Elétrica da Universidade de Cornell¹⁰⁶. Essa academia era uma das poucas nos Estados Unidos que ofereciam formação para engenheiros elétricos¹⁰⁷. Isso porque nesse período esse campo estava em um processo de legitimação¹⁰⁸. O próprio *American Institute of Electrical Engineers* (AIEE) tinha sido formado em 1884, o que mostra a novidade desse campo.

Diante do pouco número de pesquisadores estadunidenses no campo pouco explorado da eletricidade, houve um aumento dos profissionais estrangeiros contratados por investidores daquele país. Além do próprio Tesla, que representava essa estatística, nomes como: Michael Pupin (1858-1935), Charles Proteus Steinmetz (1865-1923), e Friz Lowenstein; foram destaque na atuação dos imigrantes no desenvolvimento industrial desse país¹⁰⁹. Juntamente com os representantes norte-americanos – Thomas Alva Edison, Elihu Thomson e Joseph Henry (1797-1878) – esses recém-chegados contribuíram com a institucionalização da engenharia elétrica nos Estados Unidos.

Sob a indicação do professor Anthony, Tesla palestrou em 16 de maio de 1888 diante do *American Institute of Electrical Engineers* (AIEE)¹¹⁰. Na virada da década de 1880 para a de 1890, Tesla deixava o anonimato e as conferências e divulgação em revistas técnicas tornavam-se cada vez mais comuns. A difusão de suas pesquisas sobre o novo modelo de motores e transformadores de corrente alternada chamou a atenção do público, uma vez que sua proposta solucionava os impasses de muitos inventores da época. Após despertar o interesse

¹⁰² CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 137.

¹⁰³ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 47.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 48.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 48.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 48.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 36.

¹⁰⁸ CARLSON., op. cit., p. 350.

¹⁰⁹ CHENEY, op. cit., loc. cit.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 48.

dos engenheiros elétricos, Peck e Brown começaram a negociar esse novo sistema¹¹¹. Carlson declarou que a mudança de opinião em relação a utilização de corrente alternada nos Estados Unidos contribuiu com os planos dos sócios de Tesla. Ele exemplificou, apontando a afirmação do periódico *Electrical World* na crença das potencialidades para a corrente alternada¹¹².

De acordo com Carlson, George Westinghouse se interessou pelos motores de Tesla, devido aos trabalhos que vinha desenvolvendo no campo da corrente alternada. Além de colocar sua equipe de engenheiros para solucionar os problemas que a corrente alternada apresentava, vinha comprando os direitos de patentes que estavam relacionados com essa nova tecnologia¹¹³. Para fechar acordo com Peck e Brown, Westinghouse colocou seus engenheiros para realizarem uma série de visitas ao laboratório de Tesla, na intenção de comprovarem a novidade de seu trabalho¹¹⁴. Após fecharem acordo, Tesla se mudou para Pittsburgh para desenvolver seus motores.

Na materialização dos projetos de Tesla, houve uma série de adaptações necessárias que tornou o trabalho mais árduo; todavia, ele permaneceu em Pittsburgh até por volta de agosto de 1889. Sua saída ocorreu após algumas alterações feitas nos seus motores, com as quais ele não se mostrava de acordo. Todavia, como já havia partilhado suas ideias com os engenheiros de Westinghouse, ele não percebeu nenhum problema em deixar Charles Felton Scott (1864-1944) para dar continuidade a esse trabalho¹¹⁵.

Como já ressaltado, Thomas Alva Edison não era o único a oferecer o serviço de iluminação, já que muitas centrais elétricas foram construídas nesse período. Contudo, o sistema elétrico dominante nos Estados Unidos era o de corrente contínua, e ele era o principal fornecedor dessa tecnologia. Os trabalhos de Westinghouse com a corrente alternada propunha oferecer um serviço de iluminação onde o sistema de Edison não chegava¹¹⁶. A comercialização do sistema de Westinghouse, que utilizava os motores de corrente alternada de Nikola Tesla, deu início a uma disputa que ficou conhecido como “*Guerra das Correntes*”. Preocupado que o seu sistema se tornasse obsoleto, Edison iniciou uma propaganda acerca dos perigos que esse tipo de corrente oferecia aos clientes. Ele começou fazendo demonstrações públicas com eletrificação de animais: aplicou a cães e gatos carga de corrente contínua e após permanecerem com vida, aplicava uma alta voltagem de corrente alternada resultando na morte dos mesmos.

¹¹¹ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 137.

¹¹² *Ibidem*, p. 117.

¹¹³ *Ibidem*, p. 141.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 142.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 146.

¹¹⁶ *Ibidem*, P. 117.

Chegou ao ponto de electrocutar uma elefanta publicamente com energia proveniente de corrente alternada para espalhar o temor do público em relação a essa tecnologia.

O objetivo de Edison com tais apresentações era vincular ao sistema de corrente alternada um caráter mortífero. Para essa empreitada, ele recorreu ao inventor Harold P. Brown (1857-1944), que, nesse período, utilizou as patentes de corrente alternada de Tesla para criar a cadeira elétrica¹¹⁷. Os planos de Brown foram exitosos em relação à proposta de uma nova tecnologia para pena de morte, uma vez que em 6 de agosto de 1890 assistia-se nos Estados Unidos à primeira execução por electrocussão no réu William Kemmler (1860-1890). Esse acontecimento representou o ápice da “*Guerra das Correntes*”. De acordo com Cheney, além de Harold P. Brown, Edison contou com o apoio de um renomado professor da Universidade de Columbia, Michel Pupin, que mesmo compartilhando com Tesla a terra natal, não negou esforços para combater os grupos favoráveis a essa nova tecnologia dentro da academia¹¹⁸.

Foram muitas as ações empreendidas por Edison e outros personagens para barrar o estabelecimento da corrente alternada nos Estados Unidos. Houve até mesmo a abertura de ações judiciais de outros investidores contra a legalidade das patentes que Westinghouse adquiriu de Nikola Tesla. E, mesmo sendo considerado o inventor legítimo dessa nova tecnologia em 1900, essas ações cumpriram o objetivo, já que confundiram o público a respeito do criador do sistema elétrico de corrente alternada, manchando a imagem pública de Tesla¹¹⁹.

Além dos problemas trazidos pela “*Guerra das Correntes*”, o pânico financeiro da década de 1890 dificultou ainda mais a instalação desse novo sistema elétrico. Segundo Carlson, os banqueiros que reorganizaram a companhia de Westinghouse não estavam tão seguros quanto à eficácia dessa tecnologia desenvolvida por Nikola Tesla¹²⁰. De acordo com Cheney, para dar continuidade ao desenvolvimento dos motores de corrente alternada, esses credores requeriam de Westinghouse uma revisão no contrato com esse inventor¹²¹. Na versão do periodista e primeiro biógrafo de Tesla, John Joseph O'Neill (1889-1953), Westinghouse pediu a Tesla que renunciasse aos direitos de patente para dar continuidade ao projeto de iluminação e Tesla aceitou o pedido, tendo em vista o avanço que isso significaria para a humanidade. O'Neill, narra esse acontecimento:

‘Sr. Westinghouse’, disse Tesla, [...], ‘você foi meu amigo, acreditou em mim quando os outros não acreditaram; você foi corajoso o suficiente para ir em

¹¹⁷ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p.35.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 51.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 52

¹²⁰ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 164.

¹²¹ CHENEY, op. cit., p. 59.

frente e me pagar um milhão de dólares quando outros não tiveram coragem; você me apoiou quando até mesmo seus próprios engenheiros não tinham visão para ver as grandes coisas à frente, que você e eu vimos; você tem estado perto de mim como um amigo. Os benefícios que virão à civilização do meu sistema polifásico significam mais para mim do que o dinheiro envolvido. Sr. Westinghouse, você salvará sua empresa para que possa desenvolver minhas invenções. Aqui está o seu contrato e aqui está o meu contrato - vou rasgá-los em pedaços e você não terá mais problemas com os meus royalties. Isso é suficiente? ¹²²

De fato, Tesla abriu mão de todos os direitos que possuía sobre esses motores. E na sua autobiografia foi esse traço de personalidade que enfatizou no ideal de cientista que construiu baseado em sua autoimagem – o homem que utiliza da ciência e da tecnologia para a promoção do progresso da humanidade e não para os interesses pessoais e financeiros, mesmo que de sob pressão de industriais e banqueiros.

Certamente, ele sabia que não seria tão fácil encontrar outro investidor que levasse adiante o desenvolvimento desse novo sistema como George Westinghouse o fez. Margaret Cheney declara que em 1897, Westinghouse afirmou que esse inventor recebeu o equivalente a 216.000 dólares por suas invenções e que, com isso, terminava a obrigação da companhia com os royalties por essas patentes¹²³. Anos mais tarde, após ter renunciado aos direitos sobre o motor de corrente alternada que lhe transformaria em um dos homens mais ricos do mundo, Tesla não demonstrou arrependimento por tal ato. No decorrer de 1938, Tesla relatava sobre esses acontecimentos:

[...]. Minhas invenções provaram ser um sucesso e atraíram a atenção de George Westinghouse. Ele era, na minha opinião, o único homem neste globo que poderia tomar o meu sistema alternativo sob as circunstâncias existentes e vencer a batalha contra o preconceito e o poder monetário. [...] um dos verdadeiros nobres do mundo, dos quais a América pode orgulhar-se e a quem a humanidade deve uma imensa dívida de gratidão [...].¹²⁴

Em 1892 os motores de corrente alternada iluminaram as minas de ouro de Telluride, no Colorado¹²⁵. No ano seguinte esse sistema elétrico foi utilizado para iluminar a Exposição Universal de Chicago. Tais acontecimentos foram indícios da vitória de um novo sistema elétrico, que além de iluminar, foi pensado também para movimentar máquinas. O anúncio do estabelecimento desse projeto de Nikola Tesla adveio após a decisão da

¹²² O'NEILL, John J. *Prodigal Genius: The life of Nikola Tesla*. New York: Cosimo Classics, 2006, p. 82.

¹²³ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 61.

¹²⁴ TESLA, Nikola; RATZLAFF, John T (org.). *Tesla Said...*, op. cit., p. 280 e 281.

¹²⁵ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 198.

Westinghouse Electric Company de utilizar os motores de corrente alternada nas Cataratas do Niágara, lugar que esse inventor havia imaginado explorar na sua juventude. Ao reiterar seus experimentos realizados na infância, Tesla relata o seguinte sobre o Niágara:

[...] Um incidente pode ilustrar como minha vida foi extraordinária. Meu tio não percebia nenhum uso para este tipo de passatempo e mais de uma vez me repreendeu. Fiquei fascinado por uma descrição das Cataratas do Niágara que eu tinha lido, e em minha imaginação, visualizava uma grande roda movida pelas Cataratas. Eu disse ao meu tio que eu iria para a América para realizar este projeto. Trinta anos depois, vi minhas ideias postas em prática no Niágara e me maravilhei com o incomensurável mistério da mente¹²⁶.

A eficácia dos novos motores de corrente alternada transformou Nikola Tesla em um dos maiores inventores em fins do século XIX. Tal fama foi disseminada devido ao seu fascínio pela eletricidade, pois além de buscar aplicação prática para os fenômenos elétricos, procurou também compreender e dominar tais fenômenos. No mesmo ano em que deixou Pittsburgh e retornou a Nova Iorque, Tesla viajou para a Europa, a fim de participar do *Congrès International des Eléctricos* como membro do *American Institute of Electrical Engineers* (AIEE)¹²⁷. O congresso fazia parte da Exposição Universal de Paris e, entre as várias exposições, houve a inauguração da Torre Eiffel¹²⁸. De acordo com Carlson, nessa viagem Tesla pode acompanhar de perto o desenvolvimento dos trabalhos sobre eletricidade e magnetismo. Seu encontro com o físico norueguês Vilhelm Bjerknes (1862-1951), na França, contribuiu com seu plano de desenvolver pesquisas com alta tensão, alta intensidade e alta frequência¹²⁹. Bjerknes, que foi à França para assistir as conferências do matemático Henri Poincaré (1854-1912), estudou a ressonância em circuitos osciladores, juntamente com o físico alemão, Heinrich Rudolf Hertz (1857-1894), que havia detectado as ondas eletromagnéticas¹³⁰.

À par das pesquisas europeias acerca dos fenômenos elétricos e magnéticos, o retorno de Nikola Tesla aos Estados Unidos foi marcado por diversas criações embasadas nessas discussões. De acordo com Carlson, Tesla percebeu que os europeus estavam adiantados em relação às investigações com corrente alternada polifásica¹³¹ e, por isso, desejava acompanhar de perto essas discussões. Já os representantes do campo da eletricidade nos

¹²⁶ TESLA, Nikola. "My Inventions. My First Efforts in Inventions". *Electrical Experimenter*. New York, v. 6, n. 11, mar., 1919. p. 843.

¹²⁷ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 149.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 149.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 149, 150.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 149.

¹³¹ *Ibidem*, p. 197.

Estados Unidos, como Thomas Alva Edison, ignoravam tal debate, pois acreditavam que essas discussões não mereciam a atenção de homens práticos¹³².

Importante ressaltar que a posição adotada por Edison foi característica do contexto científico dos Estados Unidos no final do século XIX, uma vez que as inovações na indústria e na engenharia, ocorridas no processo da Revolução Industrial então em curso não resultaram de um conhecimento teórico-científico¹³³. O historiador John Lukacs acrescenta que grande parte do progresso tecnológico desenvolvido pelos Estados Unidos tem sua explicação no espírito prático dos estadunidenses, uma vez que tal pragmatismo era o que viabilizava os obstáculos institucionais e burocráticos¹³⁴.

Nesse sentido, Nikola Tesla estava na contramão. Como sublinhou Carlson, Tesla buscou contribuir não só com a tecnologia, mas também com um modo de se pensar a ciência¹³⁵. E como seus motores de corrente alternada, por fim, se tornaram a base para a produção de energia elétrica, que nesse período até nossos dias se transformaram em algo indispensável para a sobrevivência do homem, a definição que Edison lhe atribuiu, anos antes, como um “poeta da ciência” carente de projetos práticos¹³⁶, não se validava.

Também, o estudo de Tesla sobre formas de luminosidade lhe fez projetar, em 1890, o que poderia ser considerada a primeira lâmpada fluorescente de néon, que não foi patenteada e nem comercializada¹³⁷. A experiência do químico e físico britânico, e também amigo de Tesla, William Crookes (1832-1919), que utilizou eletrodos no interior do tubo de vácuo serviu como base para Tesla produzir luz a partir da ionização de gases¹³⁸. Essa invenção foi definida por esse inventor como um protótipo do sol incandescente¹³⁹. Ele inclusive teceu muitos comentários em suas conferências sobre os bombardeios de raios cósmicos, que na época não receberam atenção¹⁴⁰.

É certo que muitos outros cientistas se tornaram conhecidos mais tarde devido ao estudo nesse campo das formas de radiação, indo além dos raios cósmicos. Segundo Margaret Cheney¹⁴¹ o pioneirismo de Tesla foi lembrado por poucos. Por exemplo, os físicos

¹³² CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, *op. cit.*, p. 118

¹³³ ROSA, Carlos Augusto de Proença. *História da Ciência: o pensamento científico e a ciência do século XIX*. 2.ed. Brasília: FUNAG, 2012, p. 21.

¹³⁴ LUKACS, John. *Uma nova república. História dos Estados Unidos no século XX*. Tradução: Vera Galante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 284.

¹³⁵ CARLSON, *op. cit.*, p 151

¹³⁶ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, *op. cit.*, p 41

¹³⁷ *Ibidem*, p. 67.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 68.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 71.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 72.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 72.

estadunidenses Robert Andrews Millikan (1868-1953) e Arthur Holly Compton (1892-1962), ambos homenageados com o Premio Nobel, destacaram a importância de Tesla nessa trajetória. Sua lâmpada de néon pode ser considerada também o precursor do acelerador de partícula e um grande passo no desenvolvimento do microscópio¹⁴². O estudo de Tesla sobre essas formas de iluminação o levou a fotografar suas mãos e pés com uma técnica que o físico alemão, Wilhelm Conrad Roentgen (1845-1923), definiria anos mais tarde de raio-X. Mesmo com todas essas façanhas, o que mais chamou a atenção de Tesla sobre essas descobertas que fez, foi o fato dele conseguir iluminar um tubo de vácuo sem a necessidade de fio¹⁴³. A construção de suas bobinas também ganhou apreço do inventor, certamente pelo fato de produzirem altíssimas voltagens e causar o espetáculo de raios em suas demonstrações. Ainda hoje elas são usadas nos receptores de rádio e televisão¹⁴⁴. Essa última criação é datada de 1891 e foi utilizada anos mais tarde para fins medicinais, uma vez que esse inventor já vinha afirmando a importância do uso da corrente de alta frequência pelo corpo humano para aliviar dores, um método, que hoje é conhecido como diatermia¹⁴⁵. Cheney salientou que tais invenções foram apresentadas em suas conferências, juntamente com as explicações que ele fazia questão de dar. Mesmo não detendo uma linguagem científica e sendo feitas de uma forma mais “poética”, essas descrições e explicações de Tesla são fundamentais para enfatizar seu pioneirismo em alguns campos da eletricidade¹⁴⁶.

A fama, no campo científico, de Nikola Tesla, que teve seu início após a divulgação do seu trabalho em 1888, não parou de crescer durante a década seguinte. Mesmo sendo atingido com os bombardeios da “*Guerra das Correntes*”, Tesla não perdeu espaço nas discussões acerca da eletricidade. Suas palestras foram caracterizadas por demonstrações de experimentos que deixaram o público mesmerizado. Quando retomou da Exposição Universal de Paris, ele se apresentou em 20 de maio de 1891 na Universidade de Columbia. No ano seguinte, viajou novamente a Europa, se apresentando em Londres e em Paris. Em seu relato autobiográfico, ele descreveu sua passagem pela *Royal Institution*; narrou sua emoção em sentar na cadeira do físico inglês, Michael Faraday (1791-1867) e de beber o vinho que esse cientista costumava beber. Contou acerca do conselho que recebeu do Lord Rayleigh (1842-1919) e de como essas palavras foram essenciais para a continuação do seu trabalho na América. Isso

¹⁴² CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 73.

¹⁴³ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.*, p. 225.

¹⁴⁴ CHENEY, op. cit., p.77.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 78.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 65.

porque, além da alegria vivida em Londres e em Paris, Tesla sofreu um golpe muito duro com a morte da mãe. Ele narrou esses acontecimentos singulares:

[...] em 1892, as exigências tornaram-se irresistíveis e fui a Londres, onde fiz uma palestra diante da Instituição de Engenheiros Elétricos. Tinha sido a minha intenção partir imediatamente para Paris em cumprimento de uma obrigação semelhante, mas o Sir James Dewar insistiu que eu comparecesse perante a Royal Institution. Eu era um homem de firme determinação, mas sucumbi facilmente aos argumentos enérgicos do grande escocês. Ele me empurrou em uma cadeira e derramou meio copo de um fluido maravilhoso marrom que cintilava em todos os tipos de cores iridescentes e saboroso como néctar. – “Agora”- disse ele. "Você está sentado na cadeira de Faraday e está desfrutando do uísque que ele costumava beber." Em ambos os aspectos, foi uma experiência invejável. Na noite seguinte, fiz uma demonstração diante da Instituição, na qual Lord Rayleigh dirigiu ao público suas generosas palavras, e elas me incentivaram em minhas pesquisas posteriores. Fugi de Londres e mais tarde de Paris para escapar das honras derramadas sobre mim, e viajei para minha casa, onde passei pelas mais dolorosas provações e enfermidades. Ao recuperar minha saúde, comecei a formular planos para a retomada do trabalho na América. Até aquele momento eu nunca percebi que possuía qualquer dom particular da descoberta, mas o Senhor Rayleigh, que eu sempre considerei como um cientista ideal, tinha dito isso e se esse fosse o caso eu senti que deveria me concentrar em alguma grande ideia¹⁴⁷.

O incentivo do Lord Rayleigh, de acordo com o próprio Tesla, lhe possibilitou traçar uma direção para suas invenções. A maioria dos seus inventos posteriores estiveram ligados com seus projetos de transmissão sem fio, que naquele momento consistiam em uma ideia central e, mais tarde, como veremos, tornou-se uma obsessão. Envolvido com esses experimentos, Tesla retornou aos Estados Unidos no segundo semestre de 1892. O momento de glória que experimentou em Londres, França e em sua cidade natal, teve continuidade também nos Estados Unidos, lugar onde sua fama havia começado. Foi como um grande cientista que ele foi recebido nessa volta.

Margaret Cheney salienta que houve uma sequência de eventos destinados a homenagear esse inventor. O periódico *The Electrical Engineer* anunciou sua chegada a bordo do *Augusta Victoria*¹⁴⁸. O *American Institute of Electrical Engineers* (AIEE) o elegeu vice-presidente dessa instituição¹⁴⁹, o que aponta para a importância de sua figura nesse campo que se fortalecia. No ano seguinte, Tesla proferiu palestras no *The Franklin Institute*¹⁵⁰, da

¹⁴⁷ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Magnifying Transmitter”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 7, n. 2, jun. ,1919. p. 148 e 173.

¹⁴⁸ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 86.

¹⁴⁹ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.* p.226.

¹⁵⁰ Foi uma das mais antigas instituições científicas dos Estados Unidos, fundada em 1824, em memória de Benjamin Franklin (1706-1790).

Filadélfia, e no *National Electric Light Association*, em St. Louis ¹⁵¹. Essas conferências foram seguidas pela Exposição Universal de Chicago, lugar onde esse inventor pode apresentar os motores movidos por corrente alternada e, assim, superar o pânico e a desconfiança que haviam se instalado devido à “*Guerra das Correntes*”. Foi durante esse período que a *Westinghouse Electric Company* foi umas das escolhidas no contrato para explorar as cataratas do Niágara e assim produzir energia elétrica¹⁵².

Tais acontecimentos contribuíram ainda mais para o fortalecimento da fama de Tesla. Na década de 1890 ele foi reconhecido pelo trabalho que realizou. Suas invenções foram divulgadas em 1893 na compilação *The Inventions, Researches and Writings of Nikola Tesla* publicado por Thomas Commerford Martin (1856-1924), membro fundador do *American Institute of Electrical Engineers* (AIEE). Ele foi premiado em 1894 com a Medalha Elliott-Cresson, pelo trabalho com corrente elétrica alternada de alta frequência. Também, Tesla foi reconhecido pelo príncipe de Montenegro e homenageado com a Ordem da Águia¹⁵³, pois a decisão de optar pela *Westinghouse Electric Company* foi fortemente influenciada pelo diálogo que ele estabeleceu com Edward Dean Adams (1846-1931), banqueiro que ficou a cargo da construção da hidrelétrica do Niágara¹⁵⁴. O uso de seus motores no complexo do Niágara foi lembrado e homenageado por essa companhia da seguinte maneira:

Deve ser certamente gratificante para você pensar que a maior fonte de energia hidroelétrica do mundo vai ser utilizada com um sistema que originou sua ingenuidade. Seus êxitos estão te levando pouco a pouco à primeira fila.... Permitamos que o bom trabalho continue. ¹⁵⁵.

O *New York Times* também lembrou o feito de Tesla no Niágara. Segundo o periódico:

[...] a parte mais romântica da história desta grande empresa seria a história da carreira de um homem que dentre todos os homens tem feito possível [...] um homem de nascimento humilde, que tem conseguido, perto de alcançar a plenitude da maturidade, um lugar na primeira categoria dos maiores cientistas e inventores do mundo: Nikola Tesla.

[...]

Mesmo agora, o mundo tende a pensar nele mais como um produtor de efeitos experimentais raros que como um inventor prático e útil. Não é assim para os cientistas ou empresários. Para essas classes Tesla é apreciado, honrado corretamente, talvez até invejado. Porque ele deu ao mundo uma solução completa do problema que tinha desafiado as mentes e ocupou o tempo dos

¹⁵¹ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 86.

¹⁵² CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 224.

¹⁵³ CHENEY, op. cit., p. 115

¹⁵⁴ CARLSON, op. cit., p. 203.

¹⁵⁵ Apud. CARLSON, op. cit., p. 214.

grandes cientistas elétricos das últimas duas décadas, nomeadamente a adaptação bem-sucedida de energia elétrica transmitida a longas distâncias.¹⁵⁶

As exposições realizadas por Nikola Tesla o transformaram em uma figura pública, passando a ser reconhecido, ou pelo menos conhecido, além do campo científico, pelo público em geral. Além das conferências, a sua promoção ocorreu também através de pessoas com as quais ele havia estabelecido relações. Seus contatos foram em grande parte participantes da elite nova-iorquina, principalmente banqueiros e pessoas ligadas à imprensa. Dentre os indivíduos do seu círculo de convivência Thomas Commerford Martin e o casal Johnson foram os que mais lhe auxiliaram nessa publicidade.

O inglês Martin vinha contribuindo com o fortalecimento dos estudos sobre a eletricidade nos Estados Unidos por meio do seu trabalho editorial¹⁵⁷. Além da edição de *Electrical Enginner*, uma das principais publicações nesse campo, Martin auxiliou também com a fundação do *American Institute of Electrical Engineers* (AIEE). Foi durante sua presidência nessa instituição que o mesmo tomou conhecimento das invenções de Tesla, em 1888¹⁵⁸. Desse encontro, desenvolveu-se uma amizade entre ambos que resultou para o inventor na realização de muitas conferências e exposições. Em fins da década de oitenta do século XIX, Martin, estava decidido a transformar Tesla em uma celebridade da ciência. É certo que esse editor tinha em vista a legitimação da engenharia elétrica e a repercussão que os trabalhos de Tesla estavam causando nesse período certamente era um ponto que vinha a somar em seus projetos¹⁵⁹.

O historiador Carson¹⁶⁰ afirma que, nessa época, não se tinham estabelecido com exatidão as regras que legitimavam um determinado campo de atuação. Por exemplo, durante a década de oitenta do século XIX nos Estados Unidos, diplomas universitários não asseguravam um campo de atuação profissional para esses graduados. Assim, as exposições e especulações de criações foram muito utilizadas para a promoção tanto de um novo campo do saber quanto daquele que o detinha – e que certamente estava também interessado nessa promoção, visando, ao menos, investimentos para a continuidade de seu trabalho. O próprio Thomas Edison tornou-se uma figura pública por essas exibições. Tesla seguiu esse mesmo

¹⁵⁶ “TESLA’S Works at Niagara”. *New York Times*, July 16, 1895, p.10.

¹⁵⁷ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 236.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 237.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 239.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 235, 236

percurso e, como afirma Carson, a ajuda dos amigos foi decisiva na promoção de sua genialidade e personalidade¹⁶¹.

Martin buscou divulgar o trabalho desse jovem inventor também por meio de espaços editoriais. Como já enfatizado, a primeira compilação de todas as pesquisas de Tesla, que apareceu em janeiro de 1894, foi fruto dessa relação. Tal obra contou com uma segunda edição, ainda em fins de 1894 e terceira edição em fevereiro de 1895, nos Estados Unidos, além de uma edição alemã que veio a lume também em 1895¹⁶². Esses acontecimentos possibilitaram até mesmo uma mudança na forma como Tesla se percebia. Em uma carta a seu tio Peter Mandić, de 8 dezembro de 1893, Tesla descreve as experiências que estava vivenciando na América:

Querido tio,
sua carta - que tenho esperado muito tempo - chegou finalmente hoje. Não recorda que lhe escrevi duas vezes em Londres e que lhe enviei um telegrama em que prometi lhe escrever quanto tivesse tempo? [...]
Desde que cheguei, tenho lucrado muitas coisas. Minhas máquinas iluminaram a Exposição (Exposição Colombiana, Chicago). No mínimo, meus inventos foram os que tiveram maior ressonância em toda a exposição, e já lhe disse que meu sistema será utilizado nas cataratas do Niágara; também comunique no congresso de inventores em Chicago. Tenho proferido conferências sobre os meus últimos trabalhos. Se tratam de máquinas com um novo sistema de vapor para produzir eletricidade. Minhas conferências causaram uma impressão inestimável.
É difícil lhe transmitir uma ideia de como sou respeitado na comunidade científica aqui. Tenho recebido muitas cartas de algumas das melhores mentes, que insistem que eu continue. Eles dizem que tem muitos homens instruídos, mas com poucas ideias. Eles me inspiram em vez de me afastarem do meu trabalho. Eles me têm concedido muitas honras, e haverá mais. Imagine como são as coisas; pouco tempo atrás recebi uma fotografia de Edison com uma anotação: 'Para Tesla, de Edison'.
Agora mesmo, trabalho noite e dia em minhas máquinas, e espero que possam ser utilizadas. Se sobrevivo a isto, não haverá dúvida de que alcançarei a fama. Isso não me interessa. Tenho a sensação de que tenho conseguido algo de um valor incomensurável para a humanidade e me preocupa que minha energia se esgote antes de que tenha terminado.
Aqui será publicado um livro com as compilações de minhas obras escolhidas. Está a cargo um dos melhores escritores do âmbito técnico. Ele será dedicado a meus compatriotas.

Seu,
Nikola.¹⁶³

¹⁶¹ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit. p. 236.

¹⁶² *Ibidem*, p. 238.

¹⁶³ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (ed.). *Firmado: Nikola...* op. cit., p. 131,132.

Nesse passo, Robert Underwood Johnson (1853-1937) e sua esposa Katharine Johnson (1855-1925) também tiveram um importante papel no fortalecimento da publicidade sobre a figura de Nikola Tesla e, inclusive, se tornaram amigos íntimos desse inventor. Apresentados a Tesla por Martin, em 1893¹⁶⁴, eles fizeram esse inventor se sentir em casa, coisa que até então não havia experimentado desde sua chegada aos Estados Unidos. Muitos biógrafos, como Margaret Cheney¹⁶⁵ e Miguel A. Delgado¹⁶⁶, descreveram as chegadas triunfais desse inventor à casa dos Johnson, em uma carruagem exuberante que ele alugava para tal ocasião e da felicidade dos filhos do casal Agnes e Owen que aproveitavam para passear nesse veículo no Central Parque¹⁶⁷.

Com Tesla, Robert dividia a paixão pela poesia. Versos sobre os heróis nacionais, gravados na memória desse inventor, eram frequentemente recitados por ele¹⁶⁸. Logo, Robert foi apelidado de “Luka Filipov”, nome de um personagem da história sérvia, muito admirado por Tesla. Katharine passou a ser chamada de “madame Filipov”¹⁶⁹. Margaret Cheney acrescenta que o que começou com troca de bilhetes, destinados principalmente a cobrar a companhia do amigo imigrante, se transformou em uma intensa comunicação por meio de cartas¹⁷⁰. Tal correspondência permite perceber a intimidade desse casal com relação a Tesla. Martin se afastou de Tesla durante o momento crítico da sua trajetória – período em que suas exposições não estavam conseguindo chamar atenção de investidores para suas invenções. “Os Filipov”, ao contrário, permaneceram presentes nesses momentos e tornaram-se confidentes desse inventor.

Na residência desse casal, Tesla pode novamente desfrutar de elementos da cultura europeia, pouco difundidos nos Estados Unidos e, assim, fugir da “vulgaridade do Novo Mundo”, conforme Tesla chamava esse desinteresse dos norte-americanos pela erudição. Amantes das artes, os salões dos Johnson eram frequentemente ocupados por figuras ilustres¹⁷¹. Foi lá que Tesla pode conhecer celebridades como o poeta Joseph Rudyard Kipling (1865-1936), o escritor escocês John Muir (1839-1914), a escritora Mary Mapes Dodge (1831-1905), o compositor e pianista Ignacy Jan Paderewsk (1860-1941), a musicista clássica Nellie Melba (1861-1931) e o escultor Augustus Saint-Gaudens (1848-1907). Nessa casa ele também

¹⁶⁴ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.*, p. 239.

¹⁶⁵ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ..., op. cit.*, p. 107.

¹⁶⁶ TESLA, Nikola; DELGADO, *op. cit.*, p.193.

¹⁶⁷ TESLA, Nikola; DELGADO, *op. cit.*, p.193.

¹⁶⁸ CHENEY, *op. cit.*, p. 106

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 106.

¹⁷⁰ CHENEY, *op. cit.*, p. 106.

¹⁷¹ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor..., op. cit.* p. 240.

encontrou personalidades ilustres ligadas à política, como por exemplo o senador George Hearst (1820-1891), e os presidentes Theodore Roosevelt (1858-1919) e Thomas Woodrow Wilson (1856-1924)¹⁷².

Dentre esses ilustres personagens que Nikola Tesla conheceu por meio dos Johnson, três figuras chamaram a atenção pela amizade que vieram a ter com esse inventor, como o arquiteto Stanford White (1853-1906), o militar Richmond Pearson Hobson (1870-1937) e o escritor Samuel Langhorne Clemens (1835-1910), mais conhecido pelo seu pseudônimo, Mark Twain. White foi caracterizado pela vida boemia que manteve em Nova Iorque¹⁷³. Ele foi alvo de crítica pelo seu envolvimento em escândalos com mulheres¹⁷⁴, responsáveis por sua morte em 1906, devido ao seu envolvimento com a atriz Florence Evelyn Nesbit (1884-1967), casada com o jovem Harry Kendall Thaw (1871-1947), assassino de White e absolvido pela justiça norte-americana, pois alegou loucura transitória¹⁷⁵. Mesmo assíduo das festas luxuosas que White realizava para receber suas amantes¹⁷⁶, os pesquisadores de Nikola Tesla não descobriram relações amorosas dele. Seus biógrafos, de fato, quase nada sabem nesse aspecto e sua autobiografia nada diz a esse respeito, o que é mais uma evidência de seu pouco interesse em publicar sua vida íntima. Isso porque foram poucas as mulheres com que Tesla manteve contato, além de Katharine Johnson.

Alguns biógrafos de Tesla afirmam que ele manteve um vínculo com Anne Morgan (1873-1952), filha do banqueiro John Pierpont Morgan (1837-1913), atuante no movimento feminista dos Estados Unidos. No relato biográfico de John O'Neil, contemporâneo a Nikola Tesla, é relatado que Anne Morgan tinha sentimentos por Tesla, contudo não haveria reciprocidade por parte do inventor¹⁷⁷. O fato é que a jovem não chegou a se casar e dedicou a vida à luta por direitos femininos, sendo responsável pela criação do primeiro clube para mulheres¹⁷⁸. Quando era questionado acerca do matrimônio por periódicos como o *Electrical Review* de Londres, que insistia “[...] no anormal estado civil do distinto científico [...]”¹⁷⁹ e declaravam estarem convencidos de que a ciência em geral, e o senhor Tesla em particular, avançarão mais depressa quando este contrair matrimônio. [...]”¹⁸⁰, Tesla respondia, como o fez

¹⁷² TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.*, p.193.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 218.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 218.

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 218, 219.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 218.

¹⁷⁷ O'NEILL, John J. *Prodigal Genius...op. cit.*, p.302.

¹⁷⁸ TESLA, Nikola; DELGADO, *op. cit.*, p. 202.

¹⁷⁹ *Apud*. CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, *op. cit.*, p. 111.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 111.

em uma entrevista para o *New York Herald*, em 1895, demonstrando que o fundamental da sua trajetória eram suas invenções e não sua vida pessoal:

[...] Os inventores, no entanto, pertencem a uma raça selvagem e apaixonada. Se se entregam por completo a mulher de seus sonhos, deixariam tudo de lado, inclusive o terreno em que desenvolvem suas atividades. Não creio que você seja capaz de oferecer muitos exemplos de grandes descobrimentos por homens casados [...]¹⁸¹

Por sua vez, Richmond Pearson Hobson, considerado um herói pelos norte-americanos, foi outra relação de amizade que Tesla manteve a partir dos encontros na casa dos Filipov. Margaret Cheney afirma que o casamento de Hobson em 1905 abalou esse inventor, certamente pelo afastamento que isso iria causar¹⁸². Contudo, Hobson convidou Tesla para testemunhar sua união e permaneceu presente em sua vida até a morte dele¹⁸³.

Mark Twain, pseudônimo de Samuel Langhorne Clemens, foi outra personalidade que Tesla conheceu através dos Filipov e que desenvolveram estreita amizade e intercâmbio de influências¹⁸⁴. Ambos possuíam um espírito vanguardista. Tesla por meio de suas invenções e Twain através da literatura. A afinidade de Tesla por Twain ocorreu antes mesmo de se conhecerem na casa dos Filipov. Como Twain já dispunha de fama internacional, Tesla pode lhe conhecer, ainda na juventude, por meio das obras literárias presentes na biblioteca de seu pai¹⁸⁵. Selado o encontro, a inspiração foi bilateral, já que Twain também permaneceu fascinado com o trabalho de Tesla. As visitas ao laboratório do inventor passaram a ser frequentes e, inclusive foram registradas. Na época, esse inventor vinha pesquisando os efeitos luminosos e já utilizava esse método para fotografar. Em 1894, Twain foi fotografado participando da experiência que Tesla oferecia a seus convidados¹⁸⁶. Esses efeitos eram usados como condutores para acender lâmpadas sem a necessidade de fios.

Twain foi um dos melhores amigos desse inventor. As alucinações de Tesla, ocorridas já próximo da sua morte, em janeiro de 1943, traziam à lembrança a imagem desse amigo, que já havia morrido em 1910¹⁸⁷. Certamente ele não poderia esquecer o autor das

¹⁸¹ *Apud.* CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, *op. cit.*, p. 137

¹⁸² *Ibidem*, p. 220,221.

¹⁸³ *Ibidem*, p. 290.

¹⁸⁴ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.*, p. 213.

¹⁸⁵ TESLA, Nikola. "My Inventions. My Later Endeavors: The Discovery of the Rotating Magnetic Field". *Electrical Experimenter*. New York, v. 6, n. 12, Apr. ,1919, p. 864, 865.

¹⁸⁶ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, *op. cit.*, 242, 243.

¹⁸⁷ CHENEY, *op. cit.*, p.343.

histórias que lhe livraram da morte ainda quando criança. E é por meio dessa passagem que ele retrata o amigo em seu relato autobiográfico:

Apenas havia completado o ginásio real quando uma enfermidade perigosa – ou mais um conjunto delas- me deixou prostrado e meu estado tornou-se tão desesperador que os médicos me deram por desenganado. Durante esse período, me permitiram ler constantemente, e consegui livros da biblioteca pública que estavam descuidados e que haviam sido confiados a mim para a classificação das obras e preparação dos catálogos. Certo dia, eu estava manuseando alguns livros de literatura nova, diferentes de tudo o que havia lido antes, e tão cativantes que me fizeram esquecer completamente do meu estado desesperador. Eram obras da juventude de Mark Twain, e a elas deve-se atribuir a cura milagrosa que se seguiu. Vinte e cinco anos depois, quando conheci o senhor Clemens e travamos amizade, falei-lhe da experiência e me espantei ao ver um homem tão brincalhão debulhar-se em lágrimas¹⁸⁸

É curioso o fato de que a ascensão de Tesla ao grupo da elite nova-iorquina se desse rapidamente. No final do século XIX ele esteve presente na lista das quatrocentas pessoas mais ricas e influentes dos Estados Unidos¹⁸⁹. Seu laboratório já não era mais suficiente para atender as grandes personalidades que procuravam sua companhia. Os salões do *Waldorf-Astoria*, hotel estadunidense, símbolo de riqueza e poder, passou a ser o lugar onde realizava seus jantares para receber esses convidados, até sua mudança para lá, ocorrida no outono de 1898¹⁹⁰. Além de receber os amigos íntimos, Tesla tinha em vista também o contato com convidados que lhe ajudariam de alguma forma a materializar suas invenções, seja promovendo-as ou financiando-as¹⁹¹. Podemos perceber, assim, que o próprio Tesla acabava por aproximar a vida pessoal com a profissional: ganhava popularidade por suas invenções, e daí não apenas elas, mas sua própria vida ganhava destaque; em seguida, aproveitava das relações pessoais para promoção de suas invenções. Para Tesla, ser inventor não era apenas um aspecto da sua vida, mas a forma através da qual ele se enxergava no mundo e dava sentido à sua existência.

O momento de glória que experimentou na última década do século XIX não afastou Nikola Tesla do que realmente lhe importava: suas invenções, o dinheiro para esse inventor não tinha valor em si mesmo. A inserção de Tesla na alta sociedade estadunidense foi marcada por sua agitada participação em eventos sociais. Com o tempo, ele passou a reduzir cada vez mais essa atuação. Seu laboratório tornou-se o lugar frequente para aqueles que desejavam vê-lo. Isso explica a frequente exposição de seus experimentos, principalmente aos

¹⁸⁸ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Later Endeavors...”, *op. cit.*, p. 864, 865.

¹⁸⁹ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, *op. cit.*, p. 98.

¹⁹⁰ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, *op. cit.*, 297.

¹⁹¹ CHENEY, *op. cit.*, p. 110

amigos íntimos. Tais encontros geravam também uma preocupação dos visitantes em relação a rotina de trabalho à qual o inventor se submetia. White, por exemplo, foi um dos amigos que percebeu “[...] a aparência pálida, magra e desfigurada do rosto [...]”¹⁹² desse inventor. Tesla estava consciente da relação que estabelecia com seu trabalho, mas, como ele mesmo apontava, não havia uma solução, já que não conseguia desvincular sua vida de suas criações. Mesmo durante sua participação ativa nos salões dos Johnson, ele não deu folga para sua mente criativa. A respeito disso ele respondia a um periodista da seguinte maneira:

Gostaria de falar com você, meu querido senhor, mas não me sinto nada bem hoje. Estou completamente esgotado, de fato, e, todavia, não posso deixar de trabalhar. Estes meus experimentos são tão importantes, tão belos, tão fascinante, que dificilmente posso me separar deles para comer, e quando tento dormir penso neles constantemente [...].¹⁹³

Nesse período, Tesla havia feito grandes avanços em campos diversos. As pesquisas sobre o que hoje conhecemos como o raio-X, foi uma das que o inventor obteve importantes resultados¹⁹⁴. Além disso, alterou suas bobinas, diminuindo o seu tamanho e aumentando a voltagem¹⁹⁵. Construiu também um novo gerador de corrente alternada que denominou de Oscilador¹⁹⁶. A maioria dessas invenções estavam ligadas ao seu projeto maior de transmissão de energia sem fio. Tal plano ganhou sua mente ao constatar que poderia iluminar uma lâmpada de vácuo sem a necessidade de cabos. A ideia de realizar um grande feito para o mundo, ganhou proporção após os conselhos que recebeu em Londres, de Lord Rayleigh, que afirmou seu talento para a invenção e a necessidade dele se concentrar em uma grande ideia, como já dito anteriormente. Como Cheney afirmou, nessa época já não se queria mais um Leonardo Da Vinci, um gênio em todos os campos. A especialização de determinado campo tornava-se uma necessidade dos novos tempos¹⁹⁷.

Um evento que desequilibrou o momento glorioso que Nikola Tesla vivenciava foi o incêndio que devastou seu laboratório em 1895, levando consigo invenções materializadas e projetos que viriam a ser desenvolvidos. Muitos periódicos deram atenção ao ocorrido. Todos eles evidenciaram que tal incêndio significava uma perda não só para Tesla, mas para todo o mundo também. O *Sun*, por exemplo, declarou:

¹⁹² Apud. CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit. p.,257.

¹⁹³ Apud. *Ibidem*, p. 257.

¹⁹⁴ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 66.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 116.

¹⁹⁶ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 222.

¹⁹⁷ CHENEY, op. cit., p.236, 237.

[...]A destruição do laboratório de Nikola Tesla, com o maravilhoso material que continha, é algo mais que uma calamidade privada. É uma desgraça para o mundo inteiro. Não é exagerado dizer que os homens que vivem nessa época e que são mais importantes para a raça humana que este jovem cavalheiro, podem contar-se com os dedos de uma mão: talvez o polegar de uma mão [...]”¹⁹⁸.

Esse episódio foi um golpe para Nikola Tesla. As pessoas próximas a ele puderam vê-lo, pela primeira vez, distante do laboratório, prostrado no quarto do Hotel Gerlach¹⁹⁹. Mais tarde, o próprio inventor declarava a respeito do estado que se encontrava: “[...] estava tão triste e desanimado nessa época, que não creio que suportaria se não fosse pelo tratamento elétrico regular que administrei em mim mesmo [...]”²⁰⁰.

Certamente o apoio e o reconhecimento que ele recebeu no período lhe deram condições para continuar. O *New York Times* declarou que o grupo que frequentava o clube Players, com Tesla, organizou “[...] um espontâneo ‘concerto benéfico’ para sua exclusiva satisfação, com um grupo de talento que, se o público o tivesse sabido, teria dado uma doação substancial para seu novo laboratório [...]”²⁰¹. Diante do ocorrido, Katharine Johnson lhe encaminhou uma carta na qual expressava sua angústia e a de seu marido por não lhe encontrar nos lugares que costumava frequentar.

[...] Por um momento, tememos que você tivesse sido queimado também. [...] Hoje, ao nos darmos conta da dimensão da tragédia e muito preocupados de como você se encontra salvo, as lágrimas, que não é possível enviar por carta, me sinto destruída de tudo, querido amigo. Por que não vem nos ver? Estamos tão tristes que talvez possamos ajudar de algum modo...[...]”²⁰²

Tanto para Cheney, como para Carlson, essa tragédia foi maior do que o inventor poderia supor, uma vez que possibilitou a muitos inventores que estavam à sombra de Tesla ganharem o pódio, como por exemplo, o italiano Guglielmo Marconi (1874-1937) e o seu projeto de transmissão sem fio, que utilizava as patentes de Tesla. Isso explicou também, para muitos, o problema do pioneirismo de Tesla em vários campos, e, ao mesmo tempo, sua falta de reconhecimento. A própria causa do acidente, como declarou Margaret Cheney, foi fruto de uma novidade para a época que o inventor pesquisava, a produção do oxigênio líquido²⁰³.

¹⁹⁸ Apud. CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 258.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 258.

²⁰⁰ Apud. CARLSON, op. cit., p. 259.

²⁰¹ GUY, G.H. “Tesla, Man Inventor.” *New York Times*. Mar.31, 1895, p. 13.

²⁰² CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p.124.

²⁰³ *Ibidem*, p. 124.

É certo que ele não poderia prever tal fatalidade, mas suas atitudes, antes do fatídico acontecimento, não lhe auxiliaram na legitimação de seu pioneirismo. Como já assinalado, o funcionamento das suas invenções ocorria, sobretudo, em seu laboratório, para um público muito específico, e suas conferências, como apontou Carlson, se restringiam a realizar reflexões filosóficas sobre a relação da eletricidade com a luz e conduzir demonstrações extraordinárias, como utilizar seu corpo como condutor para acender lâmpadas²⁰⁴. De modo que, após o acidente, ficava difícil comprovar para o público geral esse pioneirismo. Ele mesmo relata acerca de suas espantosas apresentações: “[...] houve um tumulto nos dois anfiteatros mais altos e todos saíram correndo. Pensaram que era algo do trabalho do diabo e correram. Esse era o modo como meus experimentos eram recebidos[...]²⁰⁵”.

Com a ajuda de Edward Dean Adams, principal financiador da *Nikola Tesla Company*, aberta em fevereiro de 1895, com o propósito de negociar a compra ou a licença de patentes de iluminação sem fio, Tesla pode se estabelecer em um novo laboratório²⁰⁶. A Companhia de Westinghouse também lhe encaminhou os seus melhores transformadores rotativos²⁰⁷. Pronto para retomar seu trabalho, Tesla se preocupou também em agradecer a ajuda que recebeu desde o ocorrido. Ele declarou que ficou “[...] impressionado com a generosidade e simpatia [...]”²⁰⁸ dos que lhe auxiliava e que era através destes que superaria a “[...] montanha que de repente se instalou frente a mim [...]”²⁰⁹.

Os principais campos que foram trabalhados por Tesla após o incêndio foi o estudo do que mais tarde seria conhecido como raio-X e o rádio controle. Devido a diversas publicações que saíram nos periódicos a respeito dos trabalhos sobre os efeitos do raio-X, ainda em 1895, Tesla publicou sua experiência nesse campo, destacando sua potencialidade para os estudos no corpo humano e também os perigos no trato desse material pelo investigador²¹⁰. Tesla, inclusive, recuperou do incêndio fotografias de suas mãos e pés, que utilizavam essa técnica, e enviou para auxiliar nas pesquisas do físico alemão Wilhelm Conrad Roentgen, que acabou levando o crédito da descoberta, sendo considerado, hoje, o descobridor do raio-X²¹¹. É preciso salientar que seu desinteresse em centrar nesse campo não foi devido à falta de potencialidades do raio-X, mas porque esse estudo não contribuía diretamente no seu projeto

²⁰⁴ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, *op. cit.*, p. 215.

²⁰⁵ *Apud. Ibidem*, p. 219.

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 247.

²⁰⁷ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, *op. cit.*, p. 126, 127.

²⁰⁸ *Apud. CARLSON, op. cit.*, p. 258.

²⁰⁹ *Apud. Ibidem*, p. 258.

²¹⁰ CHENEY, *op. cit.*, p. 133.

²¹¹ *Ibidem*, p. 129.

de transmitir energia sem fio – pesquisa que passou a centralizar os estudos e pensamento de Tesla²¹².

Além dos trabalhos com o raio-X, esse inventor estava também pesquisando a respeito da criação de autômatos controlados por sinal de rádio. Tal projeto contribuiria com sua ideia maior de transmissão de energia sem fio, sendo essas invenções referentes à dimensão da recepção dos sinais enviados. Esse estudo remontou a infância do inventor. Segundo nos informa na sua autobiografia, os autômatos foram pensados quando ele buscava adquirir autocontrole, dominando sua mente aflita, e buscando explicações para suas visões em estímulos externos. Dessa forma, ele chegou à conclusão de que seriamos autômatos respondendo ao meio externo. Além de se mostrar convicto de que esses “robôs”, como viriam a ser chamados na década de 1920, por Karel Čapek (1890-1921), responderiam a sinais exteriores, chegou a declarar que eles chegariam a um grau de desenvolvimento que lhes possibilitariam adquirir uma espécie de inteligência própria²¹³.

Em 1898, Tesla, adentrou a esse novo campo que denominou de teleautomática, consubstanciando o seu primeiro autômato, pensado desde o início da década de 1890²¹⁴. Ele construiu um protótipo de um bote não tripulado, dirigido por sinais eletromagnéticos. Esse bote surgiu em meio ao conflito hispano-americano e seria utilizado para locomover explosivos²¹⁵. A demonstração dessa invenção, como de costume, se ateve a um público específico e mais tarde dificultou o convencimento de que não se tratava da reprodução do que W. J. Clarke apresentou em maio de 1898 na *Madison Square Garden*²¹⁶. Por isso, o registro de sua patente, solicitado em 1897 – ano em que o apresentou a visitantes como J. P Morgan, William Kissam Vanderbilt (1849-1920) e o engenheiro John Hays Hammond (1855-1936), o qual acabou também por investir a quantia de 10.000 dólares – só foi aprovado em novembro de 1898²¹⁷.

Entretanto, a maior dificuldade de Tesla em buscar a legitimidade de sua criação foi perante a comunidade científica, que lhe lançou duras críticas, conforme apontou Carlson²¹⁸. Cyrus F. Brackett (1833-1915), catedrático de física de Princeton declarou que “[...] não havia nada de novo nisso. A teoria é perfeita, mas a aplicação é absurda [...]”²¹⁹. O físico e inventor

²¹² CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 265.

²¹³ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early Life”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 6, n. 10, Feb., 1919, p. 744, 745.

²¹⁴ *Ibidem*, passim

²¹⁵ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 267.

²¹⁶ *Ibidem*, p. 270, 271.

²¹⁷ *Ibidem*, p. 271.

²¹⁸ *Ibidem*, p. 273.

²¹⁹ *Apud. Ibidem*, p. 273.

Amos Emerson Dolbear (1837-1910), se mostrou incrédulo quanto às potencialidades do bote de Tesla e afirmou:

[...] O anúncio é o mais assombroso, e vindo como vem de Tesla, os científicos estão sendo muito cautelosos quanto a aceitá-lo. Durante os últimos seis anos, tem feito tantos anúncios surpreendentes e tem levado a cabo tão poucas de suas promessas [...] Tesla tem fracassado com tanta frequência antes, que não há intenção de acreditar nessas coisas, até que realmente as faça. Enquanto isso, todos esperamos com muita paciência e sem diligência. Acreditaremos quando estiverem feitas [...]”²²⁰.

As mais duras críticas partiram de T. Commerford Martin, que era amigo de Tesla. Este, fez-lhe acusações diretas a respeito da autenticidade do bote teledirigido. Martin declarou que Clark realizou demonstrações “[...] de maneira brilhante no Madison Square Garden várias vezes ao dia durante um mês. Tomando essa ideia, Tesla tem aplicado o mesmo princípio da direção eletromecânica de torpedos [...]”²²¹. Enfurecido e entristecido, Tesla lhe encaminhou uma carta demonstrando seu descontentamento e requerendo a publicação de um pedido de desculpas, já que as declarações de Martin feriam sua reputação como inventor. Ele se dirigiu ao amigo da seguinte maneira:

Seu comentário editorial não me concerniria em absoluto, não era meu trabalho tomar nota dele. Em mais de uma ocasião tem me ofendido, mas, minha qualidade, tanto de cristão, como de filósofo, sempre lhe tem perdoado e só me tenho compadecido de você por seus erros. Desde vez, entretanto, sua ofensa é mais grave que as anteriores, já que se atreve a pôr em dúvida minha honra.

Não duvido que deve ter em sua posição, graças aos ilustres homens a quem cita, provas tangíveis que apõem sua afirmação a respeito de minha honestidade. Sendo portador de grandes honras, de numerosas universidades americanas, é minha obrigação, em vista da ofensa lançada até elas, exigir de você que em seu próximo número os reporte, junto com esta carta, que, para fazer-me justiça, enviarei a outras publicações de eletricidade. Na ausência dessas provas, o qual me colocaria em situação de buscar alterações em outra parte, solicito que, junto com o precedente, publique em seu lugar uma completa e humilde desculpas por seu comentário insultante, que me afeta, assim como aqueles que me tem outorgado honras.²²²

Martin buscou se retratar com Tesla por meio de uma crítica construtiva. Ele relembrou o trabalho de promoção que seu periódico *The Electrical Enginner* realizou para demonstrar as potencialidades das invenções de Tesla. Mas não houve por sua parte um pedido

²²⁰ Apud. CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 273.

²²¹ “MR. TESLA and the Czar”. *Electrical Enginner*. New York, Nov. 17, 1898, p. 486, 487.

²²² NIKOLA, Tesla. “Mr. Tesla to His Friends”. *Electrical Engineer*. New York, Nov. 24, 1898, p. 514.

de desculpas propriamente dito. Ele prosseguiu seu parecer a respeito do trabalho que o inventor vinha desenvolvendo. Por fim, aconselhou Tesla a centrar no que já havia proposto e não deixar seu trabalho inacabado:

Um dos inventores elétricos líder nesse país, cujo nome é conhecido em todo o mundo, tem tipo a amabilidade de dizer que *The Electrical Enginner* criou a Tesla. Isto é uma atribuição que nós naturalmente deixamos de lado, já que é o trabalho de um homem o que o cria ou descreve, mas nos declaramos culpados do fato de que durante os passados dez anos temos feito qualquer coisa que um mortal pudesse fazer para publicitar Tesla e assegurar à ele o reconhecimento que lhe era devido. Não só em colunas de outras publicações, mas em revistas e livros, nós temos esforçado com toda a habilidade que possuímos para explicar as ideias de Tesla. A crônica está ante todos os homens. Se há uma linha ou uma palavra em que buscasse trazer a Tesla um “prejuízo sério”, quem disser que nós temos tentado alguma vez por palavra, por escrito ou por pensamento trazer a Tesla algum tipo de pensamento, mente.

No último ano, ou nos dois últimos, Tesla, parece-nos, tem ido além do possível em ideias que tem proposto, e tem hoje, atrás dele, uma larga sucessão de inventos belos mais inacabados. Mediante uma crítica suave e uma piada mais suave, no sendo capaz de prestar a Tesla o apoio cordial de anos anteriores de lucros reais, só muito recentemente temos tentado expressar nossas dúvidas e persuadi-lo a completar algumas das muitas coisas desejadas e inovadoras que prometeu. Nós acreditamos que isso é amizade verdadeira.²²³

Nikola Tesla não aceitou as críticas construtivas de Martin. Seu bote teleguiado, apresentado na Exposição Elétrica da Madison Square Garden, não chamou a atenção do governo estadunidense como ele imaginou²²⁴. Além de sua proposta ser rechaçada, ele se sentiu incompreendido, principalmente pela comunidade científica. Isso porque o uso do autômato não seria apenas como uma arma bélica, como no caso de seu bote não tripulado. A ideia por trás disso era justamente a possibilidade de se controlar máquinas para qualquer finalidade, sem a necessidade de cabos, apenas por meio de sinais. Por meio desta invenção, Tesla demonstrava os resultados que seu projeto de transmissão sem fio já alcançava. Além disso, lançava as bases do que conhecemos hoje como robótica. Margaret Cheney²²⁵ acrescenta que Tesla cometeu dois erros nessa apresentação. Primeiro, porque o momento não foi oportuno para sua apresentação, já que todos estavam voltados para a Guerra. O segundo, era justamente a apresentação de uma ideia difícil para a sociedade da época assimilar. Em um trecho de uma carta de Tesla endereçada a Johnson, ele comenta as críticas que vinha sofrendo, como também a sua crença

²²³ “HIS FRIEND to Mr. Tesla”. *Electrical Enginner*. New York. Nov. 24, 1898, p. 514, 515.

²²⁴ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p.158,159

²²⁵ *Ibidem*, p. 159.

na vitória dessas ideias no futuro. Ele, ainda, implora para o amigo não tentar defendê-lo contra as rejeições que seu trabalho vinha sofrendo:

Como sei da nobreza de seu caráter e da profunda amizade que me professa, e imagino sua indignação perante aos imerecidos ataques que tenho recebido, muito temo que sinta a tentação de dar saída por escrito. Pelo que há de mais sagrado, lhe suplico que não faça. Ficarei mais tranquilo. [...]. O tempo se encarregará de dar a resposta que merecem [...]. Ao que me refere, nada resultará tão fácil como refutar esses comentários. Me bastaria apresentar os testemunhos de grandes personagens, como Lord Kelvin, sir William Crookes, Lord Rayleigh, Roentgen e outros, que deram confiança na alta consideração e apreço em que sempre tem tido por meus trabalhos. Mas me nego a fazê-lo, porque se trata de um ataque carente de justificação que me dou por aludido [...].²²⁶

Determinado a seguir com o projeto de transmissão sem fio, Tesla se mudou para Colorado Spring, devido às características climáticas da região serem propícias ao desenvolvimento da pesquisa²²⁷. As experiências com altas frequências e altas voltagens já não eram possíveis de serem realizados em seu laboratório de Nova Iorque²²⁸. O laboratório do Colorado foi construído com financiamento da empresa têxtil *Simpson and Crawford*, e do coronel John Jacob Astor (1864-1915), proprietário do hotel *Waldorf-Astoria*²²⁹. A eletricidade que necessitou foi fornecida por uma central elétrica próxima, por meio do advogado especializado em patentes Leonard Curtis²³⁰. Tesla contou com três ajudantes: o carpinteiro Joseph Dozier; o ajudante Fritz Lowenstein e George H. Scherff, que permaneceu seguindo os trabalhos no laboratório de Nova Iorque e informando Tesla dos acontecimentos no mundo da ciência²³¹.

O projeto de Tesla tinha em vista o transporte de energia sem fio, bem como a recepção e transmissão de mensagens. Tesla sabia do uso de suas patentes no projeto de transmissão sem fio de Marconi. Para resolver esse impasse, ele buscou superar a ambição do italiano e levar energia gratuita para toda a humanidade por meio do desenvolvimento desse projeto de transmissão de energia e mensagem sem fio. Durante sua estadia no Colorado ele permaneceu distante da imprensa e se limitou a falar da sua intenção de enviar uma mensagem para o monte Pike, na França. A respeito disso, ele falou também com Johnson, que gostaria de

²²⁶ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.*, p. 135,136.

²²⁷ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 304.

²²⁸ O'Neil relata a visita de policiais ao laboratório do inventor. O'NEILL, John J. *Prodigal Genius...op. cit.*, p. 161,162.

²²⁹ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 171.

²³⁰ *Ibidem*, p. 170,171.

²³¹ *Ibidem*, p. 172,173.

demonstrar seus progressos do Colorado enviando “[...] um cumprimento aos loucos franceses [...]”²³². Em carta a George H. Scherff, o inventor faz o seguinte pedido:

Faça o possível para que ninguém esqueça os objetivos que persigo e trate com especial atenção o pessoal da imprensa. Te rogo que não comente nada mais, além do que já tenho dito. Estou seguro de que, em meu regresso, estarei em condições de apresentar interessantes premissas [...] Diga a todos que são imprescindíveis para o projeto. Tenha por certo que compartilharei com você o êxito que, sem dúvida, alcançaremos.²³³

Tesla fez importantes descobertas no Colorado; contudo, não desenvolveu nenhum experimento prático ou de interesse da indústria²³⁴. As críticas em relação a sua incapacidade de materializar ideias absurdas ganharam mais dimensão. Ainda no Colorado, ele chegou a desabafar por meio de missivas, sua dor e angústia em relação aos adversários que estavam obtendo vantagens com seu trabalho. A Johnson, Tesla dizia:

Apesar das contusões, Luka, conservo a cabeça, a cabeça, insisto, lúcida! Preferia não lhe perturbar com o que tem passado [...] Ainda que tenho avançado uma barbaridade em vários projetos que trago entre as mãos, me entristeci muito ao me inteirar que alguns dos colegas, que também investigam a telegrafia sem fio, como se tivessem sido juramentados, jogaram praga em mim e disseram que era um mentiroso. Recorrem a argumentos falaciosos, e se dedicam, pura e simplesmente em criticar minha forma de fazer as coisas sem o menor pudor [...]²³⁵

As críticas se avolumaram quando o inventor declarou que seu receptor captou um som estranho e lhe ocorreu que poderia ser uma tentativa de comunicação com seres de outro planeta. Tesla estava consciente do modo como sua notícia seria acolhida, mas realmente acreditava que tal ocorrido merecia uma investigação, uma vez que acreditava que realmente os sinais recebidos vieram do espaço²³⁶. Cheney acrescenta que a hipótese mais provável que se tem hoje é que esse som correspondia às ondas de rádio procedentes do espaço interestrelar, descobertas oficialmente em 1920²³⁷. Tesla foi recebido em Nova Iorque com severas observações sobre sua experiência no Colorado. As seguintes palavras do professor Holden se

²³² TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.*, p. 137,138.

²³³ *Apud.* CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ..., op. cit.*, p. 179.

²³⁴ *Ibidem*, p. 189.

²³⁵ *Apud. Ibidem*, p. 188.

²³⁶ *Ibidem*, p. 193,194

²³⁷ *Ibidem*, p. 193

tornaram também, segundo a autora, as da comunidade científica da época²³⁸. Ele declarou o seguinte sobre os sinais anunciados por Tesla:

O senhor Nikola Tesla tem assegurado que determinadas perturbações, captadas por seus aparatos elétricos com que trabalhava, eram impulsos elétricos procedentes do espaço – ele comentou com um periodista –. Segundo disse, não procede do Sol; logo, devem ter sua origem em algum dos planetas, provavelmente Marte. Por norma e como passo prévio, o método científico exige que, antes de recorrer a motivos improváveis, se estudem todas as causas prováveis de qualquer fenômeno que careça de explicação. Qualquer investigador se atreveria dizer, quase com toda certeza, que o senhor Tesla está equivocado, e que tais interferências se devem as correntes da atmosfera ou aos movimentos da corrente terrestre. [...] Limitamos a recordar o enorme prestígio que adquiriu a ciência ao longo do século passado [...].²³⁹

A partir de princípios de 1900, ele passou a ser cada vez mais humilhado e ridicularizado pelos cientistas de sua época. Alguns indivíduos buscavam alertar a maioria quanto aos feitos desse inventor. Martin, por exemplo, um dos primeiros a iniciar a crítica, faz ressalvas quanto ao ineditismo de Tesla, com sua coragem em devastar novos campos²⁴⁰.

Além dos problemas em relação à sua imagem pública, o inventor foi alertando também em relação às suas finanças. O assistente, George Scherff, era quem chamava à atenção de Tesla para suas dívidas, acrescidas devido aos investimentos no Colorado²⁴¹. Ele inclusive alertava Tesla sobre a necessidade de invenções práticas com um retorno mais imediato²⁴². Diante dessa situação, Tesla retornou à agitada vida social e manifestou grande esperança de superar tal crise devido à admiração que muitos capitalistas tinham pelo seu trabalho²⁴³.

Além da participação em eventos, ele recorreu também à imprensa, outro meio que lhe oferecia espaço²⁴⁴. A recorrência à imprensa, em busca de financiamento, era, então, uma prática comum. Sua primeira tentativa ocorreu no ano de seu retorno para Nova Iorque, por meio do periódico *Century*²⁴⁵. A proposta inicial do artigo consistia em divulgar as pesquisas realizadas em Colorado Spring e conseguir financiamento para o que ele denominou de Sistema Mundial de Transmissão. O espaço para essa divulgação foi cedido por seu amigo Robert Johnson, que estava ciente dos boatos que corriam sobre ele e, justamente devido a isso, lhe pediu para centrar tal artigo em informações técnicas sobre suas invenções. No entanto, Tesla

²³⁸ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p.197.

²³⁹ *Apud. Ibidem*, p. 194.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 201.

²⁴¹ *Ibidem*, p. 198.

²⁴² *Ibidem*, p. 218.

²⁴³ *Ibidem*, p. 199.

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 212.

²⁴⁵ TESLA, Nikola. “The Problem of Increasing Human Energy”. *Century Magazine*. June, 1900, p. 175-211.

foi além e se debruçou em considerações filosóficas e demonstrações extravagantes, ilustradas por meio de fotografias²⁴⁶. O interessante foi que a publicação de Tesla serviu para convencer o banqueiro J. Pierpont Morgan a investir no seu projeto de telegrafia, além de chamar a atenção da imprensa para si e suas invenções²⁴⁷. Todavia, no que se refere à sua imagem no campo científico, tal realização só serviu para dificultar mais ainda sua legitimidade enquanto inventor²⁴⁸.

A execução do projeto de transmissão sem fio se tornou uma obsessão para Nikola Tesla e essa ideia o levou a perder ainda mais a credibilidade no mundo científico. Quando Adams ofereceu compartilhar uma empresa com Tesla, a *Nikola Tesla Company*, o inventor não aceitou tal proposta, principalmente por saber da ligação desse banqueiro com o filantropo Morgan – conhecido por manter o domínio sobre esses campos que vinham se desenvolvendo com o desenvolvimento da eletricidade–, ao passo que Tesla desejava levar energia gratuita sem fio para a humanidade, os interesses de Morgan eram puramente mercadológicos²⁴⁹. O acordo com Adams consistiu apenas no recebimento de quarenta mil dólares e ações na companhia com prazo estabelecido de expiração²⁵⁰

No início do século XX, Tesla já não tinha a mesma preocupação acerca do possível domínio de banqueiros sobre suas criações. Ele aceitou a proposta de dar 51% de tudo o que fosse produzido com seus inventos relacionados à transmissão sem fio. Um acordo, sem dúvida, equivocado, uma vez que ambos não compartilhariam nem mesmo uma companhia²⁵¹. Tesla sabia dos impasses para a realização do que planejava. Além de Morgan, ele continuou recorrendo a outros possíveis contribuintes para seu projeto. George Westinghouse foi um dos financiadores a quem Tesla recorreu; contudo, sem sucesso. Tesla relatou seus planos a Westinghouse da seguinte maneira:

Como bem me compreenderá, contemplo a possibilidade de estabelecer esse tipo de comunicação só como um primeiro passo que abrirá o caminho para uma empresa de maior alcance, a saber, o transporte de energia elétrica. Mas como semelhante projeto tem que contemplar a outra escala, e requererá grandes investimentos, creio que estou obrigado a demonstrá-lo, se quero ganhar a confiança dos investidores [...].²⁵²

²⁴⁶ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 199.

²⁴⁷ *Ibidem*, p. 199.

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 200.

²⁴⁹ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 389.

²⁵⁰ CHENEY, op. cit., p. 127.

²⁵¹ CARLSON, op. cit., p. 356,357.

²⁵² *Apud*. CHENEY, op. cit., p.202.

Margaret Cheney acrescenta que Westinghouse pediu a Tesla para recorrer aos banqueiros que dispunham de dinheiro para investir²⁵³. E foi isso que Tesla buscou fazer. Contou com recursos de Astor e Thomas Fortune Ryan (1851–1928), descobertos anos mais tarde devido às ações que eles detinham na companhia de Tesla²⁵⁴. Houve também ajuda de Stanford White, que aceitou materializar a torre utilizada para a transmissão.

Wardenclyffe, como ficou conhecida a torre de Tesla, não chegou a ser finalizada. Sua proposta de criar uma estrutura capaz de “[...] cobrir o oceano pacífico [...]”²⁵⁵, se tornou impossível pelos cálculos de White. O atraso no financiamento de Morgan também dificultou o término da construção²⁵⁶. A demora possibilitou a realização do que Tesla mais temia: mais uma demonstração do sistema telegráfico de Marconi, que vinha utilizando da principal patente do rádio de Tesla, registrada em 1897, desde a sua apresentação em 1899, onde transmitiu uma mensagem sem fio pelo Canal da Mancha²⁵⁷. No final de 1901, Marconi realizou a primeira transmissão transatlântica, enviando o som da letra “s” de Cornwallles, Inglaterra, até Newfoundland, no Canadá²⁵⁸. Tal feito o transformou no criador do rádio. A imprensa exaltou Marconi pelo feito, principalmente porque esse inventor não necessitou de uma grande estrutura como a que Tesla vinha construindo para seu Sistema de Transmissão Mundial. A respeito desses acontecimentos, e convicto do uso de suas patentes nessas realizações de Marconi, principalmente porque o principal mentor do italiano, o professor John Ambrose Fleming (1849-1945) havia lhe encontrado, e inclusive assistido sua conferência realizada em 1892, em Londres, Tesla, declarou a Morgan o seguinte:

Tenho examinado cuidadosamente os registros e encontrado que, no que o sindicato Marconi-Fleming está usando agora, não tem vestígios de velhos aparatos que patenteou... Todos os elementos essenciais destas novas disposições... se adiantam amplamente de minhas patentes de 1896 e 1897 Tem adotado meu transmissor de ressonância, que magnifica enormemente as correntes transmitidas, e nessa conexão: meu circuito receptor ou “multiplicador” conectado a terra, meus circuitos de transformação em ambos extremos, minha “bobina de Tesla” e minha fonte moderna do mesmo, “o transformador de Tesla”, meu sistema de circuitos sincronizados dependente e numerosas melhorias menores. Agora não se pode fazer nada, mas o tempo colocará todo mundo no seu lugar²⁵⁹.

²⁵³ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 202

²⁵⁴ *Ibidem*, p. 202,203.

²⁵⁵ Apud. CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., p. 364.

²⁵⁶ *Ibidem*, p. 364.

²⁵⁷ CHENEY, op. cit., p. 142.

²⁵⁸ CARLSON, op. cit., p. 373.

²⁵⁹ Apud. *Ibidem*, p. 378.

A realização do italiano paralisou o esforço que Tesla vinha realizando para concluir seu projeto. Ele buscava recursos por meio de outros trabalhos, ao mesmo tempo que escrevia artigos para a imprensa e participava da agitada vida social. Quando percebeu que seus esforços não se mostraram suficientes se mudou do laboratório de Manhattan para os arredores de Wardencllyffe, em busca de tranquilidade para esse projeto²⁶⁰.

O restante do dinheiro que Morgan concedeu a Tesla não foi suficiente para pagar suas dívidas. Houve um grande esforço de Tesla para convencer esse banqueiro a continuar com o investimento, sem sucesso. Em um desses momentos de agonia, Tesla chegou a agradecer o banqueiro, destacando a ridicularização que sofria dos outros cientistas. Ele declarou: “[...] não esquecerei nunca a mão que me estendeu, principalmente nesses tempos em que Edison, Marconi, Pupin, Fleming e tantos outros põem em ridículo o propósito que persigo, chamando de inalcançável [...]”²⁶¹.

Os esforços de Tesla o levaram à ruína tanto financeiramente como da sua imagem na comunidade científica. Com os boatos de que Morgan detinham as patentes da transmissão sem fio, não houve interesse de outros banqueiros²⁶². George. Scherff foi um dos que aconselhava Tesla a buscar alternativa em novas invenções de cunho prático; contudo, não houve sucesso, pois, o inventor lhe respondia da seguinte maneira: “[...] Vejo dificuldades e perigos por todas as partes. [...] Os espectros de Wardencllyffe me perseguem dia e noite...quando acabará esse pesadelo? [...]”²⁶³.

Tesla, falido, pedia dinheiro ao próprio assistente, Scherff²⁶⁴. Ele, inclusive, auxiliava o patrão em busca de investimento; em uma nota ele declarou a Tesla o seguinte sobre Henry Clay Frick (1849-1919), um magnata da indústria: “[...] Os problemas não cessam, mas estávamos em um bom caminho. Tenho mantido uma reunião muito positiva com o senhor Frick, e tenho a esperança de que nos antecipe os fundos que necessitamos [...]”²⁶⁵. Por fim, não houve financiamento algum.

Tudo se tornou mais complicado quando Tesla foi processado por não pagar as contas de água e energia utilizada no Colorado Spring. Leonard Curtis, que havia conseguido energia da companhia local sem custos para o inventor, não pode fazer nada. Tesla retornou ao Colorado e vendeu a madeira de seu laboratório para negociar tais dívidas²⁶⁶. Um ano antes da

²⁶⁰ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 210, 211,212.

²⁶¹ *Apud. Ibidem*, p. 213.

²⁶² *Ibidem*, p. 217.

²⁶³ *Apud. Ibidem*, p. 217.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. 217.

²⁶⁵ *Apud. Ibidem*, p. 222.

²⁶⁶ *Ibidem*, p. 217, 218.

derrubada de seu laboratório do Colorado, em 1903, sua família fez uma coleta de recursos para que pudesse dar continuidade ao seu trabalho²⁶⁷. Em 1906, seu amigo e arquiteto de Wardenclyffe foi assassinado, devido a um envolvimento amoroso, e um ano antes, Scherff teve que recorrer a outro trabalho e dispunha apenas de dos finais de semana e as noites para ajudar Tesla na torre²⁶⁸. Desse período em diante, não houve um trabalho contínuo em Wardenclyffe.

Tesla buscou desenvolver um novo projeto, suas novas turbinas. Com a morte de Astor, no naufrágio do Titanic em 1912, e de George Westinghouse em 1914, os problemas de Tesla se avolumaram. Em 1915 ele teve que entregar sua torre devido às dívidas no hotel Waldorf-Astoria²⁶⁹. Além disso, Tesla teve que pagar suas dívidas com a companhia de Westinghouse devido à maquinaria que lhe foi oferecido²⁷⁰. Em 1916 ele declarou falência absoluta e no ano seguinte sua torre foi destruída²⁷¹.

Tesla já vinha reclamando acerca do uso de suas patentes por Marconi, em seu projeto de transmissão sem fio. Mas foi apenas em 1915 que ele acusou o italiano por piratear suas patentes²⁷². Nessa altura, Marconi já havia ascendido enquanto o inventor do rádio, principalmente na comunidade científica que anos antes exaltava o trabalho de Nikola Tesla. A comemoração da realização de Marconi ocorreu no hotel onde Tesla morava. O jantar foi organizado pelo *American Institute of Electrical Engineers* (AIEE), que recebia esse inventor como o convidado de honra. Além de ser considerado o maior avanço científico de todos os tempos, o feito de Marconi também foi comentado por Martin, que também relatou sobre o trabalho que Tesla vinha realizando²⁷³. Ele declarou o seguinte:

[...] No livro que publiquei oito anos atrás sobre o trabalho de Tesla está incluída uma de suas conferência na qual presta a telegrafia sem fio uma atenção considerável. Expressava sua crença no tema tão claramente que decidi por mim. Portanto, só lamento que Tesla, que pensou e experimentou muito sobre o tema, e a cujas iniciativas se deve muito do trabalho, não tenha sido capaz de lucrar esta façanha maravilhosa [...].²⁷⁴

Assim, Tesla foi rapidamente perdendo o espaço que no meio científico e junto ao público havia adquirido com tanto esforço e, pior, via esse espaço sendo ocupado por Marconi,

²⁶⁷ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.* p. 229.

²⁶⁸ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ..., op. cit.*, p. 224

²⁶⁹ *Ibidem*, p. 226

²⁷⁰ *Ibidem*, p. 225

²⁷¹ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. *op. cit.* p. 231

²⁷² *Ibidem*, p. 231

²⁷³ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor..., op. cit.*, 374,375

²⁷⁴ *Apud. Ibidem*, p. 374.

graças às suas patentes. Após a transmissão transatlântica do italiano, Tesla passou a escrever artigos sobre diversos assuntos²⁷⁵, tendo em vista chamar a atenção da imprensa e conseguir financiamento para seu projeto de transmissão de energia sem fio, mas sem resultados.

Durante sua agitada vida social, Tesla se ligou a muitas figuras da imprensa. Pessoas como: John O'Neill, relator da sessão de ciência do *Herald Tribune*; Arthur Brisbane (1864 – 1936), diretor da agência de notícia *Hearst*; Kenneth M. Swezey (1905-1972), divulgador científico; e o editor Hugo Gernsback (1884-1967), foram exemplo desse vínculo. O'Neill, já citado nesse trabalho, foi o primeiro biógrafo de Tesla. Essa obra foi lançada no ano seguinte à morte do inventor. Swezey, como O'Neill, se interessou pela vida do inventor ainda muito jovem. Bem recebido por Tesla, o jovem se destacou pelas entrevistas realizadas com Tesla. Elas permitiram conhecer detalhes mais privados da trajetória do inventor. Swezey recorria ao próprio Tesla para a elaboração de artigos sobre suas pesquisas²⁷⁶. O contato frequente com o inventor permaneceu. Esse divulgador foi o responsável por organizar o aniversário de 75 anos do inventor. Ele também foi uma das pessoas que encontraram o cadáver do inventor, que havia falecido enquanto estava sozinho em seu quarto, no hotel New Yorker, em 1943²⁷⁷. Miguel A. Delgado registra que Swezey, mesmo depois da morte de Tesla, permaneceu buscando meios de perpetuar e elaborar uma memória da sua vida e trabalho, para que não se perdessem no esquecimento²⁷⁸.

Diferente de Swezey e O'Neill, Brisbane era um veterano quando conheceu Nikola Tesla. Já havia escrito artigos para muitas personalidades, de papas a atrizes, e narrado os mais variados temas, como o de Jack o estripador²⁷⁹. Carlson afirma que os leitores corriam atrás de Brisbane em busca de histórias sobre Tesla e ele respondia que: “todos os científicos conhecem seu trabalho e qualquer tonto da sociedade nova-iorquina conhece sua cara”²⁸⁰. Tudo isso evidencia a grande atenção que Tesla obteve, mas efetivamente qual imagem, qual memória, Tesla gostaria de ver vinculada à seu nome? A autobiografia aponta pistas sobre esse projeto inconcluso.

²⁷⁵ A obra *Dr. Nikola Tesla Bibliography*, dos autores Leland Anderson e John T. Ratzlaff, nos auxiliou a perceber acerca da variedade de assuntos que Tesla escreveu após o início do século XX. Publicada em 1978, esse trabalho oferece um levantamento bibliográfico sobre Tesla de 1888 até a data de sua publicação. ANDERSON, Leland; RATZLAFF, John T. *Dr. Nikola Tesla Bibliography*. San Carlos: Ragusan Press, 1979.

²⁷⁶ CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio ...*, op. cit., p. 291, 292.

²⁷⁷ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.*, p. 209.

²⁷⁸ *Ibidem*, p. 209.

²⁷⁹ CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor...*, op. cit., 15.

²⁸⁰ BRISBANE, Arthur. “Our Foremost Electrician”. *New York World*, Jul. 22. 1894. p. 17.

1.2 A AUTOBIOGRAFIA: A INVENÇÃO PARA MUDAR O MUNDO

A partir da primeira década do século XX, Nikola Tesla passou a vivenciar um momento trágico em sua trajetória. Inicia-se um processo onde o inventor passou a perder a credibilidade adquirida nas últimas décadas do século anterior. Ele não conseguiu mais obter financiamento para suas criações. As dívidas só aumentavam e em 1916 ele declarou falência. Como já destacado, ele dedicou sua trajetória ao desenvolvimento de invenções. Assim, a ruína não era apenas financeira ou profissional, mas existencial.

Suas invenções permitiam-lhe dar sentido à vida. Suspender o sentido da existência significava para ele não o fim de uma carreira, mas da própria vida. Como já vimos, transtornado, Tesla começou a recorrer a espaços da imprensa em busca de atenção para seus projetos. A escrita sobre os assuntos mais variados deixou perplexos pesquisadores como Delgado, que buscou em sua obra *Firmado: Nikola Tesla Escritos y Cartas, 1890- 1943*, compilar uma coletânea de escritos do inventor, demonstrando a variedade de temas que ele examinou²⁸¹. Essa atividade heterodoxa o afastava cada vez mais da comunidade científica que já vinha lhe rechaçando.

O anúncio de suas novas invenções não estava mais provocando euforia, nem expectativas no público. Suas declarações remetiam mais a especulações sobre criações impossíveis de serem materializadas. Isso, conforme já salientamos, estava relacionado principalmente ao seu projeto de torre Wardencllyffe, centro de transmissão sem fio, que estava paralisado desde a primeira década do século XX. Sua indignação acrescia porque o projeto de transmissão sem fio, que foi amplamente homenageado, levou o inventor Guglielmo Marconi a inscrever seu nome na história e a ganhar o prêmio Nobel de Física em 1909, sendo que seu projeto foi o resultado do uso não autorizado das patentes de Tesla relacionadas à transmissão sem fio.

Tesla, ao mesmo tempo que vivenciava a ruína de seu projeto científico e a impossibilidade, por falta de credibilidade e financiamento, de continuar trabalhando, sua verdadeira obsessão de transmitir ao mundo energia sem fio gratuitamente e de unir a humanidade através da possibilidade de comunicação entre todos através dos mesmos princípios, assistia agora a ascensão e o reconhecimento do inventor que chegou aonde chegou graças aos trabalhos do próprio Tesla. Contudo, diferentemente de Tesla, Marconi os

²⁸¹ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.*

desenvolveu pensando não no bem da humanidade, mas para atender aos interesses financeiros da sua sociedade. Ficou claro, então, para Tesla, que o problema, realmente, não residia nas suas invenções e, portanto, nem nele mesmo, mas na sociedade de seu tempo, cujo pragmatismo²⁸² não permitia olhar para além do agora e ver o futuro – perceber o que era melhor para o próprio desenvolvimento da humanidade. Não se trata apenas de ver um sonho findar, se trata de ver, e temer, os rumos que a humanidade tomava.

Oficialmente Tesla acusou Marconi por utilizar suas patentes em 1915; contudo ele já estava convicto anos antes que a transmissão realizada pelo inventor italiano tinha como base suas patentes. Percebendo o processo de ostracismo que acometia sua vida e suas invenções, já que não estava sendo recompensado pelo trabalho que vinha realizando, ele decidiu recorrer à escrita autobiográfica como forma de buscar reconhecimento, adquirir respaldo da comunidade científica e resguardar seu nome para que não fosse esquecido pela história. Seu texto foi estruturado enquanto uma denúncia às injustiças dais quais acreditava ser vítima. Mesmo sendo um texto autobiográfico, não estava inserido, pelo menos para Tesla, num conjunto de práticas ligadas ao cuidado de si, mas na tentativa de chamar a atenção para seus inventos e desse modo conseguir investimento necessário para levar seu projeto adiante – e assim, abrir as portas para o futuro. Nos deteremos nesse suporte utilizado pelo inventor para buscar o reconhecimento que necessitava para continuar inventando, sobretudo buscar compreender a escolha pela escrita autobiográfica e as questões históricas que esse tipo de texto suscita.

O suporte ao qual Nikola Tesla recorre, na busca por reconhecimento, integra o que se convencionou chamar, a partir da década de 1980, de “escritas de si”²⁸³. A narrativa desse inventor é compreendida como autobiografia contemporânea, por estar situada após a obra, *As confissões*, do filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), utilizada como marco referencial de um novo tipo de escrita. Tanto o historiador Peter Gay, como o especialista nesse gênero, Philippe Lejeune, utilizam esse marco para problematizar esse modelo de escrita. O primeiro, destaca que “[...] embora a data precisa seja controversa, a palavra autobiografia tenha sido empregada pela primeira vez em torno de 1800. Os vitorianos não se limitaram, assim, a multiplicar exemplos do gênero[...]”²⁸⁴. Ele acrescenta ainda que após a liberdade que a

²⁸² Acerca do pragmatismo estadunidense. Cf. FICHOU, Jean-Pierre. *A civilização americana*. Tradução: Maria Carolina F. Castilho Pires. Campinas: Papirus, 1990.

²⁸³ LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 82.

²⁸⁴ GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 128.

autobiografia ganhou, tornou-se cada vez mais complicada a sua definição²⁸⁵. É por isso que ele propõe um conceito mais amplo de autobiografia como um exercício de auto definição.

Philippe Lejeune se arrisca nesse empreendimento de definir o gênero autobiográfico, deixando claro que sua proposta tem como referência o leitor²⁸⁶. De acordo com ele, para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem²⁸⁷. Lejeune assegura que é necessária uma espécie de pacto autobiográfico, pelo qual o autor, através do nome, afirme sua identidade no texto para o leitor²⁸⁸. O pacto é estabelecido entre o leitor e autor, que se propõe a tratar no texto os acontecimentos que determinaram sua personalidade, o transformando em quem ele é. É necessário levar em conta que a “verdade possível” do autor, contará com “[...]inevitáveis esquecimentos, erros, deformações involuntárias [...]”²⁸⁹. Mas como reiterou Peter Gay, “[...] as distorções inconscientes dos autobiógrafos ou as falsidades deliberadas são parte da verdade autobiográfica [...] indícios de importantes realidades interiores”²⁹⁰. Embora Lejeune tenha tentado estabelecer elementos para a autobiografia em um quadro conceitualmente construído, por fim, ele declara que ela perpassa essa definição, posto que é tanto um tipo de escrita, historicamente variável, como o modo de leitura que produz uma crença²⁹¹.

Os trabalhos de Gay e Lejeune ajudaram-nos a pensar e problematizar o texto autobiográfico de Tesla. Em sua narrativa ele busca se definir e se apresentar para os outros. Como veremos adiante, a identidade autobiográfica que é construída nesse modelo de suporte foi resultado do exercício de auto definição – conceito de autobiografia para Gay – realizado por esse inventor em busca de reconhecimento. Nesse caso, está também presente o pacto autobiográfico, essencial para Lejeune. Tesla o estabelece da seguinte maneira:

No intento de dar conta das minhas atividades de maneira conexa e fidedigna nesta série de artigos que serão apresentados com a assistência dos editores do ELECTRICAL EXPERIMENTER e que estão principalmente dirigidos a nossos jovens leitores do sexo masculino, devo ocupar-me, ainda que com relutância, das impressões de minha juventude e as circunstâncias e eventos que tem sido decisivos na definição de minha carreira²⁹².

²⁸⁵ GAY, Peter. *O coração ...*, *op. cit.*, p.128.

²⁸⁶ LEJEUNE, Phillippe. *O pacto ...*, *op. cit.*, p. 13.

²⁸⁷ *Ibidem*, p. 15.

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 26.

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 37.

²⁹⁰ GAY., *op. cit.*, p. 121.

²⁹¹ LEJEUNE, *op. cit.*, p. 46, 47.

²⁹² TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 696.

É certo que a era vitoriana foi por excelência a época das escritas de si, particularmente da autobiografia. Todavia, é preciso ressaltar que vários homens, ao longo da história, escreveram sobre si. Essa prática não surgiu com os burgueses vitorianos. Tanto Peter Gay, como outros estudiosos salientam esse aspecto quando buscam uma definição para a autobiografia. Desde a Antiguidade vem sendo desenvolvida esta prática de introspecção, por meio da escrita, no que se denomina produção de si. Michel Foucault, por exemplo, recorre à Antiguidade e nos apresenta o *hupomnêmata* que, segundo ele, correspondia a uma caderneta destinada a anotar tanto registros pessoais como administrativos; tais anotações poderiam, e eram utilizadas posteriormente na escrita epistolar que consistiu no início da história desse exercício de escrita de si²⁹³. Outro ponto que merece destaque é que mesmo que essas práticas de escrita não fossem originárias no século XIX, não houve uma continuidade da função que lhes era atribuída nos séculos anteriores.

A autobiografia é, portanto, um fenômeno histórico. É certo que ao longo da história vários homens escreveram sobre si mesmos: como Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.) em suas cartas; St. Agostinho (354-430) nas Confissões; Madame de Sévigné (1626-1696) na correspondência que trocava com sua filha; Samuel Pepys (1633-1703) no seu diário; Rousseau (1712-1778) nas Confissões²⁹⁴. Porém é necessário também entendermos as *intenções* por trás de quem dedica tempo e esforço para escrever sobre si, as *formas* como esse eu se apresenta (e se esconde), bem como os *espaços* e modos existentes na sua sociedade para esse falar sobre si, e *para quem* esse eu se revela. Assim, se a escrita de si é uma prática antiga, as respostas às perguntas: *quem?*, *por que?*, *o quê?*, *como?* e *para quem?* diferem ao longo do tempo. Desse modo, ao passo que a escrita de si pode ser mapeada desde tempos muito remotos, a autobiografia, enquanto gênero, é uma invenção do homem moderno, tendo seu surgimento ligada a traços da nossa sociedade como a individualidade.

A autobiografia de fato consiste em uma forma de escrita de si, porém apenas essa definição não dá conta de todas as especificidades desse gênero. Escrever uma autobiografia pressupõe a ideia de que a percepção do sujeito sobre ele mesmo passa a ser relevante. O sujeito ganhou um novo lugar na era moderna. Há uma nova concepção filosófica, política e social do sujeito. Segundo Norbert Elias²⁹⁵, desde Descartes o homem entrou em um processo de racionalização do conhecimento e tal mudança epistemológica alterou as formas como o sujeito percebe a si mesmo e os outros, bem como as formas como se relacionam – o que denomina de

²⁹³ FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010, p. 147, 148.

²⁹⁴ FOISIL, Madeleine. *A escritura ..., op. cit.*

²⁹⁵ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 82,83, 84.

autoconsciência e autoimagem do homem. Essa racionalização colocou o sujeito como centro e objeto do saber, transformou-o em um indivíduo capaz, ele mesmo, através de sua razão, de buscar o conhecimento acerca de si, dos outros (a sociedade) e do mundo (os objetos não-humanos). Desse modo, a escrita de si, de modo geral, e a autobiografia, de modo particular, se tornou uma forma dos indivíduos encontrarem seu lugar no mundo. É uma instância mais elaborada e sistematizada dos indivíduos produzirem sua autoimagem, tomarem consciência dela e se localizarem e definirem suas relações com os outros e o mundo.

Assim, vemos desde o século XIX o aumento do número de obras que buscavam retratar o que os homens pensavam sobre eles mesmo, e isso devido a uma alteração no que se utiliza para compreender a realidade. A mudança na finalidade das produções de si, fazem parte também de um outro fenômeno cultural moderno, a privacidade, ou seja, o espaço que é criado para o indivíduo se realizar e existir. Somado a isso, a individualidade, esse traço fundamental das sociedades modernas possibilitaram ao indivíduo uma maior liberdade de atuação, uma vez que, como declarou a historiadora Ângela de Castro Gomes, os contratos político-sociais reconheceram a liberdade e igualdade dos indivíduos²⁹⁶. Tais mudanças – consciência do sujeito enquanto indivíduo, privacidade e criação de um espaço político-social que asseguram a soberania do indivíduo – estimularam a prática de produção e da escrita de si. Houve, assim, por exemplo, um grande estímulo à auto exposição no século XIX, tornando-se um hábito cultural desse período; século, por excelência, da autobiografia, como assinalou Peter Gay.

É interessante perceber que a busca pela definição dos indivíduos parte do Estado. Jean-Claude Kaufmann, propondo uma retomada da reflexão sobre a identidade, ao sugerir buscar os primórdios desse conceito, acrescenta que na modernidade esta noção está ligada à ação do Estado, que objetivava diminuir a complexidade do real, da sociedade impalpável, para assim identificar e controlar os indivíduos²⁹⁷. Contudo, esse controle já vinha sendo feito desde o século XIV, através dos registros dos batismos²⁹⁸. Dessa forma, a identidade foi primeiro uma preocupação das autoridades eclesiásticas e mais tarde do Estado, que buscou conservá-las²⁹⁹. Posteriormente, o batismo foi substituído pelos registros – inscrição da data e local de nascimento³⁰⁰. Kaufmann acrescenta que a dificuldade de refletir sobre a identidade decorre da

²⁹⁶ GOMES, Ângela de Castro (org.) *Escritas de...*, *op. cit.*, p.12.

²⁹⁷ KAUFMANN, Jean-Claude. *A invenção de si. Uma teoria da Identidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005, p. 17

²⁹⁸ *Ibidem*, p. 18

²⁹⁹ *Ibidem*, p. 19

³⁰⁰ *Ibidem*, p. 19

tentativa de tratá-la como algo simples e controlável, ou seja: a concentração em um único papel de toda a realidade de um indivíduo³⁰¹.

Um novo dilema é imposto na modernidade, em consequência da alteração no modo com que o sujeito se percebe no mundo. Através da liberdade pessoal que é conquistada, ele adquire o poder de decidir seu destino, que por sua vez passa a ser desvinculado da sociedade à qual pertence. As mudanças experimentadas pelos vitorianos em todas as instâncias de sua vida – pretensões nacionalistas, acelerado desenvolvimento científico e técnico, abalo da certeza religiosa – foram alguns dos pontos elencados pelo historiador Peter Gay para mostrar que eles tinham boas razões para se sentirem desorientados³⁰². Isso porque a experiência de deslocar as verdades tradicionais gerou uma crise no sujeito que agora deveria, além de gerenciar essa crise, criar ele mesmo verdades que as substituíssem e dessem conta da realidade. Mesmo assim, o afastamento da tradição foi levado a cabo e o ‘eu’ pagou o preço por essa aventura moderna³⁰³.

O século XIX foi também o século da confiança na ciência e na tecnologia – e, como nos lembra Elias³⁰⁴, os problemas epistemológicos se ligam e se confundem com os problemas da autoconsciência e da autoimagem do homem. Era o olhar e a preocupação em relação ao futuro que passou a orientar o homem³⁰⁵. Esse futuro não era tratado como um porvir distante, a ciência trataria de aproximar esse homem com o futuro. As promessas de novas descobertas eram celebradas como se suas realizações já fossem certas³⁰⁶. As notícias que os vitorianos recebiam, já na segunda metade do século, eram recepcionadas com tal crença, e certamente, mesmo desnorteados em relação a seu lugar no mundo, valia a pena, até então, o desprender das raízes. Foi o período em que o formidável era possível.

Delgado aponta que, no século XIX, as propostas para o futuro – como máquinas voadoras, comunicação extraterrestre, viver cem anos, etc. – se apresentavam não só como possíveis, mas também que se realizariam rapidamente³⁰⁷. Ele utiliza os resultados da pesquisa elaborada pelo físico Jonathan Huebner para mostrar que, realmente, o maior número de inovações tecnológicas ocorreram nesse período de crença no futuro³⁰⁸. De acordo com ele,

³⁰¹ KAUFMANN, Jean-Claude. *A invenção ...*, op. cit., p. 21.

³⁰² GAY, Peter. *O coração ...*, op. cit., p.374.

³⁰³ *Ibidem*, p. 374.

³⁰⁴ ELIAS, Norbert. *A sociedade ...*, op. cit., p. 92.

³⁰⁵ Cf. KOSELLECK, Reinhardt. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

³⁰⁶ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A (Apres.). *Yo y la energía*. Tradução: Cristina Ñuñez Pereira. Madrid: Turner. 2011, p. 27.

³⁰⁷ *Ibidem*, p. 27.

³⁰⁸ *Ibidem*, p. 27.

Huebner mediu o desenvolvimento de “[...]diversas épocas mediante um método que dividia a quantidade total de inovações de cada momento entre o número de habitantes que o planeta tinha no momento”³⁰⁹. O resultado afirmou que os anos de 1873 a 1916 foram os mais profícuos, sobretudo nos Estados Unidos³¹⁰.

Por sua vez, Gay salienta que “[...] a luta contra a tradição não contribuía para firmar a identidade das pessoas tão seguramente como tinham imaginado os otimistas [...]”³¹¹. O alvorecer da modernidade trouxe consigo um sujeito atônito à procura de seu lugar no mundo. É aqui que podemos falar de um sujeito instável e fragmentado, que necessitava então ser construído por si mesmo, por meio dos exercícios de auto definição. De acordo com esse historiador, a preocupação com o “eu” foi, sem dúvida, um traço cultural dessa sociedade e mesmo com variados motivos para se colocar no espelho, a identidade foi o problema comum nesse período que, como demonstrou, começou com os burgueses, mas logo em seguida se estendeu entre a aristocracia³¹².

Nesse passo, Ângela de Castro Gomes afirma que nas sociedades modernas ocidentais o indivíduo, além de tomar consciência de sua atuação no mundo, deseja permanecer na memória dos outros³¹³. A valorização desse sujeito, e de tudo o que ele produz, alterou a própria noção de verdade, que não se encontra mais no singular; fala-se, agora, de *verdades*. Isso porque, como ressaltou essa historiadora, “[...] a noção de verdade passa a ter um forte vínculo com as ideias de foro íntimo e de experiência de vida dos indivíduos [...]”³¹⁴.

Com o aparecimento do autor e a constituição da propriedade literária, houve um alargamento e uma maior preocupação com quem escreveu e não com o que foi escrito³¹⁵. A mudança na atenção do que foi dito ou escrito, para quem disse ou escreveu, possibilitou uma mudança no estatuto de verdade até então corrente, cujo lugar se encontrava fora do sujeito³¹⁶. É com a emergência da modernidade ocidental, mediante a introdução do individualismo, que o sujeito passa a compenetrar-se da verdade³¹⁷. Ela passa a ser encontrada dentro dele mesmo. Assim, a modernidade ocidental, segundo Contardo Calligaris, poderia ser definida como “[...]”

³⁰⁹ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A (Apres.). *Yo y la...*, *op. cit.*, p. 27.

³¹⁰ *Ibidem*, p. 27.

³¹¹ GAY, Peter. *O coração ...*, *op. cit.*, p. 374.

³¹² *Ibidem*, p. 373.

³¹³ GOMES, Ângela de Castro (org.) *Escritas de...*, *op. cit.*, p. 13

³¹⁴ *Ibidem*, p. 13.

³¹⁵ CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricas*, Franca (SP): Unesp, v. 21, 1998, p. 45.

³¹⁶ *Ibidem*, p. 45.

³¹⁷ *Ibidem*, p. 45.

uma cultura na qual se espera que do sujeito venha a organização do mundo (e não do mundo a organização do sujeito) ”³¹⁸.

As peculiaridades do gênero autobiográfico, reflexo de questões que possibilitaram a compreensão desse tipo de escrita de si como fenômeno histórico, adequa-se aos motivos que levaram Nikola Tesla a se lançar nesse empreendimento. Uma variedade de tipos textuais esteve à sua disposição para ele desenvolver seu projeto de se reafirmar como um grande inventor e ele escolheu, justamente, a autobiografia. O diário³¹⁹, por exemplo, assim como a autobiografia lhe auxiliaria no exercício de definição enquanto um “inventor ideal”. Ele serviria para encontrar e definir sua identidade bem como para denunciar as injustiças de que Tesla acreditava ter sido vítima. Além disso, lhe possibilitaria expor seu ponto de vista, uma vez que na obra em questão ele situou a culpa nos “outros” e no “mundo” por suas desventuras. Todavia, mesmo tendo em vista um leitor, o alcance do diário é mais limitado que o da autobiografia. Sua escolha por esse relato em detrimento de outros, como o diário, por exemplo, tinha em vista a busca por uma resposta imediata do público, reconhecendo-o como um inventor legítimo e dando-lhe possibilidade de dar continuidade às suas criações.

A escrita autobiográfica para Tesla lhe possibilitaria uma resposta mais imediata para um problema urgente. Mesmo se tratando de uma escrita de si, o que estava em jogo nessa autobiografia, especificamente, não era necessariamente o eu, mas a relação conflituosa entre as diferentes representações do eu – a que ele mesmo fazia de si mesmo e a que os outros faziam dele –, bem como seu desejo de divulgar sua verdade. É dessa relação conflituosa que nasce o desejo de falar de si e registrar sua verdade. Verdade não apenas sobre si, mas sobre suas invenções, sua relação com os outros e seu pensamento sobre a humanidade. Não se trata, no entanto, de uma escrita de si ao estilo apologético e crítico-moral dos iluministas, por exemplo – não é um passo atrás quanto à história da escrita de si. Entretanto, também não se tratava da escrita de si para falar do eu e da aventura de si em busca de um lugar no mundo, como as biografias do XIX, que tanto Gay como Lejeune trabalharam. Percebemos na autobiografia de Tesla um deslocamento da concepção de verdade em relação a seu suporte “adequado” ou “apropriado”.

³¹⁸ CALLIGARIS, Contardo. Verdades..., *op. cit.*, p. 45

³¹⁹ Cf. CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

Se a verdade “científica” de Tesla não cabia mais nos meios científicos³²⁰, ele procurou outro espaço, outro suporte, em que seu discurso, sua visão de mundo e suas invenções, não fossem tidas apenas como “especulações”, mas tivessem o estatuto de verdade. A autobiografia fornecia esse espaço em que a verdade individual podia ser tomada como realidade. Isso se tornou possível porque Tesla não desvinculava suas invenções de si mesmo, suas invenções estavam relacionados com a subjetivação não apenas de seu pensamento, mas também de si mesmo. Era em si que ele encontrava a razão de ser de suas invenções e era por meio delas que ele encontrava sua razão de ser.

Se o texto autobiográfico de Tesla pode assim ser chamado de autobiografia, não foi porque ele a utilizou como o espaço privilegiado para ele construir e definir seu eu, que conforme Gay caracteriza esse modo de escrita – esse *eu* já era evidente para Tesla, conforme fica evidente desde seu primeiro empreendimento autobiográfico de 1915, que analisaremos no capítulo seguinte desse trabalho. Por outro lado, não havia uma identidade de Tesla conforme ele se via e conforme os outros o percebiam. E essa distância impedia Tesla de dar continuidade ao seu projeto de transmissão de energia e mensagens sem fio gratuitamente para toda a humanidade, já que sua reputação o impedia de conseguir financiamento para a realização desse projeto oneroso e ele não tinha mais meios de conseguir levar tal projeto adiante. Sua autobiografia buscava, assim, construir não um eu, nem encontrá-lo, mas resgatar a reputação que já alcançara para modificar o futuro, não apenas de sua imagem, mas da humanidade. Só houve uma autobiografia à medida que seu texto narra suas invenções, são elas a verdadeira protagonista desta narrativa, porém em Tesla, como já destacamos, não há um corte entre seu eu e suas invenções.

Para Norbert Elias tanto os metafísicos dos séculos XVI e XVII quanto os filósofos existencialistas estavam buscando, à sua maneira, “[...] respostas para perguntas concernentes ao lugar do homem no mundo, ou suas relações com as outras pessoas”³²¹. Porém, ao passo que os primeiros estavam interessados na questão da busca do conhecimento através da razão, os filósofos existencialistas “concentram-se em problemas que afetam o indivíduo isolado, como a solidão, a angústia, a dor e a morte”³²². No entanto, em ambos os casos vemos um “sujeito” isolado que se opõe ao mundo dos “objetos”. Em Tesla encontramos certa “ciência-

³²⁰ Embora nossa sociedade lide com diferentes verdades, a ciência é um espaço em que a verdade individual é suprimida por uma verdade construída em torno de preceitos pré-estabelecidos pela comunidade científica, regras de se pensar, fazer e de dizer através do qual algo pode ser afirmado.

³²¹ ELIAS, Norbert. *A sociedade ...*, *op. cit.*, p. 101.

³²² *Ibidem*, p. 101.

existencialista”, em que os problemas de ordem epistemológica se imbricavam com os do eu em sua busca de um lugar no mundo.

Sua autobiografia foi o espaço encontrado, diante do rechaço no meio científico, para produzir e propagar suas verdades acerca de si e de suas invenções, uma vez que em Tesla o “sujeito” que busca conhecer o “objeto”, não é o “sujeito” epistemológico tradicional da ciência – a razão –, mas o sujeito individual em toda sua subjetividade. Dessa forma, sua autobiografia foi o espaço encontrado para divulgar não apenas seu eu ou sua “ciência”, mas sua forma de pensar o homem, o mundo e a tecnologia e desse modo propagar uma nova forma de pensar a humanidade e a sociedade. Tesla não buscou na sua autobiografia encontrar seu lugar no mundo; ele já tinha isso muito bem definido – ele era o cientista ideal –, mas mudar o mundo, através da transmissão de energia sem fio (e para isso precisava de financiamentos), conduzindo à humanidade rumo ao futuro, para que, enfim, o mundo pudesse reconhecer o lugar que ele verdadeiramente ocupava nele e que lhe era devido.

A inquietação e premência em retratar que ele (o indivíduo) é aquilo que ele faz (suas invenções), remete à ideia do grande homem, que caracterizou os relatos biográfico do século XIX. O herói do século XVIII foi rechaçado das narrativas biográficas pela racionalidade iluminista, que questionava suas características de “semideus”; em contrapartida, reaparece no século XIX como “o grande homem”. Essa figura continua sendo exemplo para o homem comum. Todavia, o que irá individualizá-lo já não são mais características dos elementos sobre-humanos, mas sim sua atuação no desenvolvimento da humanidade³²³ – e é justamente nesse espaço que Tesla se percebe. O modo como esse ordena a vida, lhe possibilita construir uma identidade autobiográfica que remete à figura desse “grande homem” ao público, que não necessariamente o reconhecia desse modo.

Até aqui percorremos as reflexões sobre uma trajetória de vida, para entender as intenções desse autor para escrever e publicar sobre sua vida. E nesse percurso, fez-se necessário entender a própria historicidade desse gênero, a genealogia da autobiografia, bem como precisar as permanências e as novidades que a autobiografia de Tesla apresentam. Podemos agora perceber a identidade autobiográfica que Tesla constrói, bem como a relação que ela estabelece com seu projeto maior, uma vez que não se separam. Perceber como, na obra, ele enaltece a sua predestinação para a ciência, se mostra ciente do seu papel insigne enquanto um inventor, preocupado com o desenvolvimento da humanidade por meio do avanço

³²³ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009. 166 e 167.

tecnológico, tanto para a dominação das forças naturais, para o usufruto do homem, quanto para a evolução do homem num sentido moral.

CAPÍTULO II

O PROJETO AUTOBIOGRÁFICO

A porta se abre e alguém se depara com uma figura alta – de mais de um e oitenta de altura -, magro, mas reto. Se aproxima devagar, majestosamente. Se dá conta de que está cara a cara com uma grande personalidade. Nikola Tesla avança e aperta a mão com um apertão poderoso, surpreendente em um homem de mais de sessenta anos. Um sorriso encantador, que provem da luz penetrante de seus olhos azul acinzentado, cunhados em umas orbitas extraordinariamente profundas, lhe fascina e faz com que se sinta em casa. Te guia até uma oficina intocada. Não se vê nem um grão de poeira. Não havia papéis cobrindo o escritório, tudo está bem. Reflete o próprio homem: imaculado no traje, ordenado e preciso em cada um de seus movimentos. Vestido com um camisa escura, está totalmente desprovido de joias. Nem anel, nem alfinete, nem corrente de relógio. [...]. Tesla fala com uma voz muito aguda, quase um falsete. Fala rapidamente e com convicção. Praticamente, é uma voz do homem o que te fascina. [...]. Enquanto fala, lhe resulta difícil apartar seus olhos dos seus. Só quando fala com outros tem a oportunidade de estudar sua cabeça, dominada por uma frente alta como uma saliência entre os olhos, o sinal inabalável de uma inteligência excepcional. Então, o nariz comprido, bem formado, revela o científico. [...]. Para começar, Tesla, que é sérvio de nascimento, procede de uma raça duradoura. Sua árvore familiar abunda em centenários. Por isso, Tesla – se não por algum acidente – espera estar inventando em 1960. [...]. Seu único vício é a generosidade. O homem, que frequentemente tem sido qualificado como “sonhador ocioso” pelo expectador ignorante, tem ganhado com seus inventos mais de um milhão de dólares, que tem gastado rapidamente em outros novos. Pois Tesla é um idealista

de primeiro nível e para homens assim o dinheiro em si mesmo tem pouco significado³²⁴.

Era fevereiro de 1919 quando os leitores do *Electrical Experimenter* recebiam o primeiro artigo autobiográfico de Nikola Tesla, publicado por essa revista. Tal narrativa fazia parte de uma série de escritos sobre a vida desse inventor. Sua denominação, *My Inventions*, refletia o que se buscava enfatizar com a divulgação desse trabalho, a saber: ele e suas criações. Em notas, o editor do periódico, Hugo Gernsback, amparou a narração de Tesla. A passagem acima exemplifica o reforço desse editor na promoção dessa personalidade. Ele define Nikola Tesla como um grande cientista. Cada detalhe, elencado por Gernsback, era possuidor de significado que confluía com a sua definição. A escrita de Nikola Tesla sobre ele mesmo –, assim como as interferências do editor, por meio de notas – procurou apresentar ao público uma representação dele que à época não era comum.

A forma laudatória como Hugo Gernsback define Nikola Tesla intensifica a ambiguidade presente na figura desse sujeito, pois como pode um grande cientista sofrer um processo de ostracismo ainda durante sua trajetória criativa? Certamente, questões similares foram feitas por esse inventor, se não antes mesmo de começar a escrever tal série de artigos, pelo menos tal interrogação lhe veio a mente em decorrência desse processo de escrita e reflexão de si. Como suas invenções não foram suficientes para inscrever seu legado na história, a narrativa sobre ele mesmo buscou cumprir esse papel. A escrita autobiográfica foi o elemento utilizado para esse sujeito tentar ressurgir.

O propósito deste capítulo é evidenciar a experiência narrativa de uma vida apresentada desde o princípio como excepcional e também como um projeto de memória a ser legado aos coetâneos e, evidentemente, à posteridade. Destacamos nesse capítulo a forma como o projeto autobiográfico ganhou contornos, analisando desde o primeiro artigo autobiográfico de 1915 até a elaboração de *My Inventions*, em 1919, bem como sua edição por Hugo Gernsback. Em seguida adentramos ao projeto autobiográfico, apresentando a identidade de Nikola Tesla dentro desse empreendimento. Nesse trecho, tratamos dos principais pontos que a autobiografia buscou evidenciar: a apresentação de Tesla enquanto um inventor ideal; a

³²⁴ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early Life”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 6, n. 10, Feb., 1919, p. 697.

caracterização de um mundo que caminha para a destruição, e a as propostas que Tesla apresenta para alterar as concepções que encaminhavam os indivíduos a autodestruição, e principalmente a não o reconhecerem enquanto o cientista destinado a salvar a humanidade da destruição.

2.1 O PROCESSO DE PUBLICAÇÃO DA VIDA

2.1.1 O artigo autobiográfico de 1915

É certo que *My Inventions* (1919) foi, desde o início, vinculada à relação estabelecida entre Tesla e os periodistas da época e seria um equívoco não considerarmos esse elemento como motivador de sua escrita. As circunstâncias em que ele se encontrava, lhe impôs pensar em alternativas para dar continuidade às suas invenções, levando-o a continuar apostando até o fim de sua vida no poder das publicações, que atrairia tanto críticas como investidores³²⁵. Desse intenso trabalho de divulgação, ele elaborou dois textos autobiográficos, nos quais expôs sua vida ao público. O primeiro, um artigo de 1915, e o segundo uma série de seis artigos, em 1919. E o que chama a atenção é a recorrência à história de vida para legitimar seu ofício, bem como a manutenção de sua identidade autobiográfica. Sublinhamos duas questões nesse primeiro texto autobiográfico: a relação da escrita autobiografia com a imprensa da época e a recorrência à narrativa sobre sua vida para justificar o direito sobre suas patentes.

Essa primeira publicação sobre aspectos da sua vida adveio em junho de 1915, em um artigo para a revista estadunidense *Scientific American*, intitulado, *Some Personal Recollections*. Nesse artigo, o inventor se dispôs a falar acerca das lembranças e das experiências que corroboravam para provar a sua autoria no que ele acreditava ser, naquele momento, a sua principal invenção: a descoberta do campo magnético rotativo e do motor de indução. Ele apresentava dois motivos que justificavam sua felicidade em escrever. O primeiro elemento motivador foi derivado da honra em publicar naquele espaço publicitário.

³²⁵ TESLA, Nikola; JOHNSTON, Ben (Ed.). *My Inventions: The Autobiography of Nikola Tesla*. Williston: Hart Brothers, 1982, p. 10.

[...] já há muito desejava expressar o meu grande apreço pela *Scientific American* e reconhecer minha dívida para a informação oportuna e útil que suas colunas vão derramando em um fluxo constante. É uma publicação notável pela alta qualidade de artigos especiais, bem como para a avaliação precisa dos avanços técnicos. O conhecimento que ela transmite é sempre confiável e ainda mais valioso porque prestado através da observância escrupulosa de cortesia literária na citação das fontes. Os serviços que tem prestado para ajudar a invenção, espalhando luz, são inestimáveis. A *Scientific American* é um periódico habilmente e conscientemente realizado, medido e digno no tom, ao ponto de servir como um modelo, e nesses recursos, tanto quanto na riqueza e na excelência das suas contribuições, é que reflete grande crédito, não só em seu pessoal e editores, mas em todo o país. Este não é um elogio ocioso, mas uma homenagem genuína e bem merecida à qual acrescento os meus melhores votos para o sucesso continuado nesta ocasião memorável.³²⁶

O elogio oferecido por Tesla a *Scientific American* demonstra sua preocupação com o estabelecimento de relações amistosas com a imprensa. Ele precisava dela para divulgar seus trabalhos e também para esclarecer declarações errôneas, elaboradas pela mesma a seu respeito. O segundo estímulo que fundamenta o seu contentamento nessa produção e que julgamos ser o objetivo do texto, é em razão da utilização do espaço que lhe foi cedido para se defender das críticas de que estava sendo alvo, acerca da fatídica descoberta que ele julgava ser sua principal façanha. Tesla aponta que:

Muitas declarações errôneas já apareceram na imprensa em relação a minha descoberta do campo magnético rotativo e da invenção do motor de indução e fui obrigado a passar em silêncio. Grandes interesses travaram uma disputa longa e amarga para os meus direitos de patente; animosidades comerciais e ciúmes profissionais foram despertadas e eu fui feito para sofrer em mais de uma maneira. Mas, apesar de toda a pressão, e dos esforços dos advogados engenhosos e especialistas, as decisões dos tribunais estavam em apoio dos meus pedidos de prioridade em todos os casos, sem exceção. As batalhas foram travadas e esquecidas, as trinta ou quarenta patentes concedidas para mim no sistema alternado expiraram, fui liberado de obrigações onerosas e sou livre para falar³²⁷.

Sempre houve uma relação conflituosa, e ambígua, entre Tesla e a imprensa. Em consonância com Miguel A. Delgado este problema teve seu auge após a transmissão transatlântica de Marconi, quando se pode verificar uma alteração nos trabalhos publicados por

³²⁶ TESLA, Nikola. "Some Personal Recollections". *Scientific American*. New York, Jun., 1915, p. 537.

³²⁷ *Ibidem*, p. 537.

Tesla³²⁸. O interesse da imprensa ampliou-se em razão da abertura que o próprio inventor lhe concedeu, quando ocorreu uma produção frenética de textos, nos quais é perceptível a despreocupação com os detalhes técnicos. O autor destaca que “[...] os periodistas lhe buscavam para conhecer sua opinião sobre qualquer novidade científica e contrastá-la com a de Edison e os demais inventores ou científicos [...]”³²⁹.

Como bem sublinhou Delgado, as publicações desse inventor foram aparecendo cada vez mais como o resultado de uma “mente febril e sem descanso”³³⁰. O que tinha se iniciado com declarações que pretendia reivindicar “[...] o seu papel, seus inventos, sua visão e desqualificar as de Edison e os de Marconi desse mundo por medíocres [...]”³³¹, mais adiante, já no fim da vida, ele podia falar desde a “intervenção italiana na Etiópia” até “o absurdo da Lei seca”³³². A posição adota por Nikola Tesla demonstra que ele acreditava que o mundo estava dependente de suas palavras, como afirmou Delgado³³³. O desejo de testemunhar o tempo presente no inventor era intenso e esse traço lhe impediu, em alguns momentos, de manter relação amistosa com a imprensa. Esta foi, nesse mesmo artigo, alvo de suas críticas, como também seria na sua autobiografia de 1919. Anos mais tarde, falando sobre o desenvolvimento da tecnologia sem fio, a qual afirma ser uma invenção totalmente americana, e não uma continuação dos trabalhos realizados por Hertz, Tesla demonstra sua insatisfação com a postura da *Scientific American*:

[...] deve-se entender que essa maravilhosa invenção foi, em sua totalidade, desenvolvida aqui, e pode ser chamado de "Americana" com mais direito e propriedade do que o telefone, a lâmpada incandescente ou o avião. Agentes de imprensa empreendedores e especuladores de ações tiveram sucesso em difundir a desinformação, pois até um excelente periódico como a *Scientific American* concedeu o crédito principal a um país estrangeiro³³⁴.

Para se defender das críticas e justificar o seu direito de patente, ele não viu outra maneira a não ser recorrer à narrativa da sua própria vida, pois ele era sua principal testemunha de defesa, no momento de criação, e que lhe assegurava a autoria sobre as invenções. Na

³²⁸ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (Ed). *Firmado: Nikola Tesla. Escritos y Cartas, 1890-1943*. Tradução: Cristina Núñez Pereira. Madrid: Turner, 2012, p. 13.

³²⁹ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (Ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.*, p. 13.

³³⁰ *Ibidem*, p. 15.

³³¹ *Ibidem*, p. 15.

³³² *Ibidem*, p. 15.

³³³ *Ibidem*, p. 14, 15.

³³⁴ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art of Telautomatics”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 7, n. 6, Oct. ,1919. p. 552.

tentativa de provar que seu trabalho era diferente dos que estavam sendo produzidos simultaneamente por outros inventores, Tesla assegurou que foram as suas vivências que possibilitaram a criação de suas invenções, ou seja, que tais obras não poderiam ser realizadas por outros, já que esses trabalhos estavam desprovidos do conhecimento que somente a sua vida possibilitaria. Suas invenções, como uma obra de arte ou literária, carregavam inevitavelmente os traços de autoria. Desse modo, sua própria existência foi o argumento utilizado para garantir a originalidade de suas invenções. Suas invenções não eram meramente *descobertas*, no sentido de encontrar acidentalmente algo antes que outros, algo que já existia e bastasse àquele que o revelasse, mas *criações* – algo que apenas seu poder criativo poderia produzir, a existência delas só poderia se materializar através dele. A autoconfiança desse inventor era tal que ele afirmava a impossibilidade dessas descobertas, sem sua ação individual, já que sua vida estava condicionada a essa produção.

Assim, ele se posicionava como elemento indispensável para esse mundo, reiterando que poderia ser, inclusive, utilizado como modelo para os leitores da *Scientific American*.

[...] a descoberta precoce é muito presente na minha memória. Eu vejo os rostos das pessoas, as cenas e objetos de minha atenção, com uma nitidez e distinção e em uma plenitude de luz que é surpreendente, e é uma medida da intensidade e profundidade das impressões originais. Eu sempre fui feliz em ideias, mas nenhuma outra invenção, no entanto grande, poderia ser tão querida para mim como aquela primeira [...]. Como um jovem leitor da *Scientific American* pode tirar proveito do meu exemplo vou explicar [...]. Essas experiências são tão intimamente ligadas com a minha descoberta do campo magnético rotativo como se eles formassem uma parte essencial do mesmo; mas para eles eu nunca teria inventado o motor de indução. [...] Os adversários de minhas patentes seguiram fortemente as reivindicações de Ferraris, mas qualquer pessoa que ler o pequeno panfleto italiano, que apareceu na primavera de 1888, e compará-lo com o registro de patente depositado por mim sete meses antes, e com o meu papel perante o Instituto Americano de Engenheiros Elétricos, não terá dificuldade em chegar a uma conclusão. [...] Ambos, Ferraris e Schallenberger, descobriram a rotação acidentalmente enquanto trabalhavam com um transformador Gaulard e Gibbs, e tiveram dificuldade em explicar as ações. Nenhum deles produziu um motor de campo rotativo como o meu, nem foram suas teorias as mesmas que a minha. Quanto à Cabanellas, a única razão para a sua reclamação é um documento técnico abandonado e danificado. [...] Não havia muita novidade na ideia, uma vez que uma série de tais máquinas existia naquela época. Dizer que essas máquinas eram antecipações de meu transformador rotativo é totalmente injustificado. Eles poderiam ter servido como um dos elementos em meu sistema de transformação, mas não eram nada mais do que dínamos com dois circuitos construídos com outros fins em vista e em completa

ignorância dos novos e maravilhosos fenômenos revelados pela minha descoberta.³³⁵

Ao arrolar os acontecimentos que, segundo ele, foram fundamentais para essas realizações, ele se preocupava em relatar as vivências de uma forma que lhe possibilitasse atribuir o sentido que ele desejava dar à sua existência. Os fatos que são por ele ressaltados possibilitam ao leitor compreender que o único propósito de Tesla era ser inventor, que ele reiterava ser uma condição inata e que isso não poderia ser-lhe tirado:

Desde a minha infância eu estava destinado ao clero. Esta perspectiva pairava como uma nuvem escura em minha mente [...]. Devo desobedecer meu pai, ignorar os desejos mais acalentados da minha mãe, ou devo resignar-me ao destino. O pensamento me oprimia, e eu olhei para o futuro com medo. [...] uma terrível epidemia de cólera eclodiu em minha terra natal. [...] Contrariamente às ordens prementórias do meu pai corri para casa e fui golpeado para baixo. [...] Por ocasião de um dos desmaios meu pai me animou com uma promessa para me deixar estudar engenharia [...] Propus mostrar resultados que compensassem os meus pais pela sua amarga decepção devido à minha mudança de vocação. Não foi uma determinação que passava de uma juventude despreocupada; era determinação de ferro [...]³³⁶

Esse artigo autobiográfico redigido para a *Scientific American* foi apenas um esboço do que, em 1919, ganhou maior proporção, em razão do descrédito científico que Tesla experimentou após Marconi ganhar a atenção do mundo pelo desenvolvimento da telegrafia sem fio, utilizando suas patentes, sem atribuir a ele a devida menção. Acreditamos que a exposição da sua vida não foi vista com bons olhos no meio científico, embora ele não se mostrasse preocupado com esse aspecto, já que daria continuidade ao projeto autobiográfico em 1919. Conforme podemos perceber, não houve alterações na forma como ele se percebia. Prosseguindo com a postura adotada, ele estava disposto a declarar sua verdade, narrar a partir do seu ponto de vista, o qual ele acreditava ser único e original. *My Inventions* aponta para a sua necessidade de insurgir pela escrita, de testemunhar sua existência, de escrever sobre si, na crença de sua singularidade no mundo.

2.1.2 *My Inventions*, 1919

³³⁵ TESLA, Nikola. "Some Personal ...", *op. cit.*, p. 537, 576.

³³⁶ *Ibidem*, p. 537.

A obra que orienta nossa pesquisa, *My Inventions*, foi publicada pela primeira vez na revista estadunidense *Electrical Experimenter*, no decorrer do ano de 1919, veiculada em partes entre os meses de fevereiro e outubro desse mesmo ano. Nesse processo, ocorreu uma pausa nessa trajetória de escrita, entre os meses de junho e outubro, quando então foi lançado o último texto desta coletânea de artigos do autor. *My Inventions*, como foi denominado esse conjunto de escritos de Nikola Tesla, foi editado com seis artigos, nomeados com títulos sugestivos e que denotam o empenho de divulgar a atividade que mobilizou os esforços do inventor ao longo da sua vida: *Minha juventude; Meus primeiros esforços como inventor; Minhas tentativas posteriores: A descoberta do campo magnético rotativo; A descoberta da Bobina e do Transformador de Tesla; O transmissor amplificador e A arte da teleautomática*³³⁷. É curioso observarmos que do título aos capítulos são para as invenções, e não para a vida, que sua autobiografia aponta.

Como já dito na introdução, nosso primeiro contato com os escritos de Tesla ocorreu por meio de uma publicação da editora Unesp, de 2012. Nela constatamos alterações significativas tanto de acréscimos como de supressões. O trecho em que Tesla estabelece o que pode ser considerado, seguindo a assertiva de Philippe Lejeune, como pacto autobiográfico³³⁸ é apresentado da seguinte maneira:

Na tentativa de dar um relato articulado e fiel das *minhas atividades nesta história de minha vida*, devo deter-me, ainda que com relutância, nas impressões de minha juventude e nas circunstâncias e acontecimentos que foram fundamentais na determinação da minha carreira³³⁹.

O trecho completo estabelece outros objetivos e especifica até o público para o qual o autor destina seus escritos. O que avulta o questionamento sobre a omissão, nesse mesmo trecho, do momento em que Tesla comenta sobre seu trabalho conjunto com o *Electrical Experimenter*.

No intento de *dar conta das minhas atividades* de maneira conexa e fidedigna nesta série de artigos que serão apresentados com a assistência dos editores do

³³⁷ Do original: *My Early Life; My First Efforts in Invention; My Later Endeavors: The Discovery of the Rotating Magnetic Field; The Discovery of the Tesla Coil and Transformer; The Magnifying Transmitter, e The Art of Telautomatics.*

³³⁸ O pacto autobiográfico é a afirmação no texto da identidade entre autor, narrador e personagem. LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 26, Grifo nosso.

³³⁹ TESLA, Nikola. *Minhas invenções: A autobiografia de Nikola Tesla*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Unesp, 2012, p. 6. Grifo nosso.

ELECTRICAL EXPERIMENTER e que estão principalmente dirigidos a nossos *jovens leitores do sexo masculino*, devo ocupar-me, ainda que com relutância, as impressões de minha juventude e as circunstâncias e eventos que tem sido decisivos na definição de minha carreira³⁴⁰.

No primeiro trecho, da edição da Unesp, ocorre uma omissão a fim de adaptar o relato ao novo suporte, o que faz com que os interesses e intenções do autor se modifiquem. Enquanto no relato original Tesla deixa claro que se trata de “dar conta das minhas atividades” por meio da série de artigos que seriam publicados pela *Electrical Experimenter*, na edição da Unesp o objetivo de Tesla é alterado, pois, segundo ela, o desejo de Tesla é fazer um relato das suas atividades por meio de sua história de vida. Essa diferença é significativa. Cada relato apresentou seu suporte; no de 1919 fica claro que o que Tesla quer é apresentar suas invenções nesta revista de divulgação científica. Na edição da Unesp, o que ganha destaque é a “história de vida”; aqui, parece que as intenções de Tesla foram de publicar uma autobiografia. Na edição de 1919, o que se percebe ao longo do seu relato foi que ele se transforma em um relato autobiográfico. Ou seja, na edição atual o que está em jogo é uma narrativa da vida, e aqui as invenções aparecem porque são um aspecto importante da vida. Já na primeira edição o que se deseja é relatar as invenções e a vida de Tesla aparece – nas palavras do inventor “ainda que com relutância” –, porque narrar esses elementos da sua história de vida se mostrou necessário no interior dessa narrativa cuja personagem central não era sua vida e sim sua obra.

A primeira reimpressão desses escritos unificados em uma única obra ocorreu em 1977, em Zagreb, capital da Croácia. A responsável por esse trabalho foi a editora Školska Knjiga, e essa primeira edição foi veiculada em inglês e servo-croata. Já nos Estados Unidos, os artigos agregados em um único exemplar, teve lançamento apenas em 1982, sob a supervisão da editora Hart Brothers. Essas edições posteriores a publicação empreendida pelo *Electrical Experimenter*, assim como os acréscimos de Gernsback na primeira edição, alteraram o significado de *My Inventions*, uma vez que o suporte também é responsável pela produção de significado da obra. Nesses exemplares não encontramos mudanças no conteúdo da obra em questão, como percebemos na edição da Unesp. Embora a mudança de artigos para livro já aponte para uma nova compreensão. Trataremos mais especificamente da publicação de 1919, já que mesmo produzindo significados diferentes dos propostos por Tesla, a análise das publicações de 1977 e 1982 nos encaminhariam a um problema distinto do que propomos nessa dissertação. Quanto à edição atual, não a evidenciamos para analisá-la, mas para estabelecer

³⁴⁰ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 696.

um parâmetro que nos auxilie a perceber melhor o registro no empreendimento original do autor. Por se tratar de uma tradução, ressaltamos que o caminho para a reflexão acerca desses problemas elencados deverá ser iniciado pela obra *Nikola Tesla: Meine Erfindungen*, publicada em 2001, pela editora alemã Michaels Verlag, da qual não tivemos acesso.

O suporte que *My Inventions* veio ao público, bem como o trabalho editorial de Hugo Gernsback contribuíram para nossa compreensão do projeto autobiográfico de Nikola Tesla. Como bem demonstrou o historiador Roger Chartier, o texto é um ideal abstrato e o que possibilita legitimidade para sua existência é o suporte³⁴¹. Logo, o entendimento de qualquer texto está correlacionado com a estrutura em que ele é apresentado, já que é nesse processo de transformação do texto em obra que um significado é criado e que pode vir a ser diferente dos propostos pelo autor³⁴².

Embora Chartier reconheça que são caminhos possíveis e, frequentemente, utilizados para interpretar textos, ele discorda de perspectivas que ignorem a historicidade das obras e das práticas de leitura³⁴³. Em consonância com ele, a abordagem histórica se preocuparia tanto em reconstruir essas várias formas de leitura, como também identificar as estratégias tanto de autores quando de editores que buscam impor uma leitura autorizada³⁴⁴. Essa reconstrução faz-se necessária já que o significado da obra é produzido pela complexa relação entre o próprio texto, o objeto que comunica o texto e o ato que o apreende³⁴⁵.

Com exemplos elucidativos, Chartier assinala como a mudança na leitura pode vir a ocorrer mediante a alteração na forma impressa do texto – mesmo que este permaneça estável³⁴⁶. Pode ocorrer também a alteração do significado do texto, em razão das intenções editoriais, que na maioria das vezes ajusta o texto às aptidões dos leitores³⁴⁷. Outro tipo de ocorrência que o autor destaca são as transformações do significado do texto, em consequência das variações nos modos de leitura no decorrer das épocas³⁴⁸. Daí a necessidade de historicizá-lo para compreender como no decorrer do processo histórico ele foi “[...] aprendido, compreendido e manipulado [...]”³⁴⁹.

³⁴¹ CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 220.

³⁴² *Ibidem*, p. 220.

³⁴³ *Ibidem*, p. 215.

³⁴⁴ *Ibidem*, p. 215.

³⁴⁵ *Ibidem*, p. 220, 221.

³⁴⁶ *Ibidem*, p. 222, 223.

³⁴⁷ *Ibidem*, p. 224.

³⁴⁸ *Ibidem*, p. 225.

³⁴⁹ *Ibidem*, p. 227.

As questões levantadas por esse autor fazem parte do processo de reavaliação crítica de modelos teóricos que se mostraram insuficientes para o trabalho de explicar a realidade histórica. E diante de tais circunstâncias, enquanto historiadores, resta-nos apenas, como deixou claro Roger Chartier³⁵⁰, duvidar do óbvio, questionar as certezas, pois são nelas que os problemas residem. Um exemplo disso foi a dicotomia entre cultura popular e erudita, uma das seguranças impostas pela história da cultura clássica, que impediu por muito tempo um alargamento da definição do social, que não dividisse os grupos apenas pela hierarquia da riqueza, mas também por outros elementos, como gênero, território, religião, etc.³⁵¹.

Os textos editoriais que foram adicionados à obra, como a epígrafe desse capítulo, são exemplos dessa apropriação que Chartier buscou evidenciar. Assim, ele propõe que a análise histórica de textos deve se dar no interior das práticas de produção, publicação e leitura à qual estão vinculados. Mesmo existindo leituras e significados diferentes dos autorizados, há no interior dos textos elementos que planejam justamente controlar as interpretações possíveis e, através delas podemos localizar as intenções do autor e do editor. O modo como a história Cultural deve abordar o problema é colocando essa preocupação no centro da análise, a saber: a relação entre a tentativa de impor uma leitura autorizada e as práticas de apropriação do texto, que criam novos usos e representações³⁵².

Essa reflexão coaduna-se aos propósitos que subsidiam o exame que propomos aqui, pela forma com que *My Inventions* foi gradativamente transmitida ao público. Dessa maneira seguimos algumas preocupações que merecem ser justificadas. A obra foi elaborada por Nikola Tesla e partiu de um esforço consciente de apresentar ao público o sujeito que ele acreditava ser. A preocupação de nossa análise foi a de procurar devolver o lugar que a representação de si teve no relato de Tesla e ainda entender as motivações do autor em registrar sua existência, como também o tipo de suporte utilizado para isso. Procuremos compreender os dispositivos históricos disponíveis na sociedade moderna, que como salientou a historiadora Ângela de Castro Gomes, “[...] permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever, e fotografar [...]”³⁵³. Essas inquietações moveram nosso trabalho. E o significado tanto da forma como se apresenta como do suporte que utilizou para isso estão ancorados em pressupostos teóricos e metodológicos e não são tidos como dicotômicos; são elementos que se completam e possibilitam uma análise histórica mais ampla.

³⁵⁰ CHARTIER, Roger. *A história Cultural: Entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Algés: Difel, 2002, p. 54.

³⁵¹ CHARTIER, Roger. Textos, impressão..., *op. cit.*, p. 231.

³⁵² *Ibidem*, p. 232, 233.

³⁵³ GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escritas de si, escritas da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 13.

Essa mudança de suporte, e as adaptações necessárias para que o texto se adequasse a ele, deslocaram o protagonista do texto, as intenções do autor e obscureceram o próprio tipo de relato, o qual o autor utilizou. Na edição da Unesp, que se apresenta como uma autobiografia desde seu princípio, o texto aponta para uma narrativa em que Tesla está buscando sua identidade; afinal, é isso que um leitor espera encontrar em uma autobiografia. Porém, na primeira edição, conforme fica mais evidente pelo suporte, Tesla narra suas invenções, não se trata de buscar seu lugar no mundo. Tesla já tem essa identidade em mente: o cientista ideal, ela não é fruto da reflexão autobiográfica de 1919, conforme ficou mais evidente quando esse relato é comparado com o artigo de 1915. Entretanto, ao longo do relato de 1919 ele se transforma em uma autobiografia.

Com a publicação de atos que compuseram sua vida, Tesla autoriza a passagem dos seus escritos para o domínio público, o que, por sua vez, contribuiu também para a pluralidade de sentidos da obra. Justificamos nossos apontamentos no que tange ao processo de edição, devido a fabricação de sentido que o texto adquiriu nessa etapa. Daí a importância de evidenciar o editor do texto de 1919, Hugo Gernsback, e suas contribuições para a elaboração desse texto e de seu significado. Em seguida, adentraremos ao projeto autobiográfico do autor propriamente dito, estabelecendo as preocupações de Tesla em se apresentar ao público da forma como o fez.

2.1.3 A “mente” do editor: Hugo Gernsback, 1919

O editor do *Electrical Experimenter*, Hugo Gernsback (1884-1967), foi uma das personalidades que mais influenciou a imprensa norte-americana durante a década de 1920³⁵⁴. Ele nasceu na cidade de Luxemburgo e migrou para os Estados Unidos em 1904, após a morte de seu pai³⁵⁵. Chegou aos Estados Unidos com 19 anos de idade, entusiasmado para desenvolver seus projetos, que envolvia seu fascínio pela eletricidade e o gosto pela ficção científica³⁵⁶. Tendo em vista seu interesse pela ciência, influenciado tanto pelo desenvolvimento tecnológico como pela notável aura do romance científico na Europa, ele via os Estados Unidos como a

³⁵⁴ MASSIE, Keith; PERRY, Stephen D. “Hugo Gernsback and Radio Magazines: An Influential Intersection in Broadcast History”. *Journal of Radio Studies*. 2002, p. 264. Disponível em: http://www.americanradiohistory.com/Archive-Radio-News/hugo_pub.pdf.

³⁵⁵ *Ibidem*, p. 264.

³⁵⁶ ASHLEY, Michael. *Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950*. Liverpool University Press. 2000, p. 28

terra da oportunidade científica, referendada tanto por Nikola Tesla, como por Thomas Alva Edison³⁵⁷.

E de fato, foi no Novo Mundo onde esse editor adquiriu renome. Atualmente as pesquisas sobre a história da transmissão apontam-no com uma das figuras que mais contribuiu para o desenvolvimento do rádio³⁵⁸. Ademais, é considerado por muitos especialistas como o verdadeiro pai da ficção científica. E, se não foi o mentor do termo, foi, ao menos, o responsável por sua popularização³⁵⁹. Não é por acaso que seu nome foi concebido e vem sendo utilizado para designar o nome do mais importante prêmio de ficção científica do mundo, *Hugo Award*.

A colaboração de Gernsback tanto para o campo da ficção, como para o desenvolvimento do rádio, sobreveio na qualidade de editor. O estímulo para sua preocupação em vulgarizar o conhecimento científico derivou de sua inquietação com o cenário do que considerava a espantosa ignorância acerca da tecnologia entre o público norte-americano³⁶⁰. Ele atuou através de seus periódicos nos campos especializados da eletrônica durante as duas primeiras décadas do século XX³⁶¹.

Sua importância foi efetivada principalmente na promoção de experimentos do rádio feito por amadores³⁶² e ele acreditava que seus editoriais contribuiriam positivamente para o desenvolvimento de novas descobertas³⁶³. Na prática, suas publicações se popularizaram, pois apresentavam uma linguagem acessível ao público em geral, contando com desenhos, diagramas e circuitos elétricos³⁶⁴. Toda essa alta tecnologia explicitada em seus espaços publicitários contribuiu para o acesso de leitores desprovidos dos conhecimentos necessários sobre essas novas tecnologias, mas que se interessavam pelo tema.

O seu primeiro periódico foi a *Modern Electric*, fundada em abril de 1908. Em virtude de seu lançamento como um catálogo de venda de produtos por correspondência, existe uma discussão entre os estudiosos se esse veículo era ou não uma revista³⁶⁵. De fato, a mesma consistiu enquanto uma ramificação da empresa de Gernsback, *Electro Importing*, criada em 1905, com o objetivo de disponibilizar equipamentos eletrônicos, principalmente peças de rádio, no mercado norte-americano³⁶⁶. Ela foi a primeira casa comercial de peças para rádio nos

³⁵⁷ ASHLEY, Michael. *Time Machines: The Story...*, *op. cit.*, p. 28.

³⁵⁸ MASSIE, Keith; PERRY, Stephen D. *op. cit.*, p. 264.

³⁵⁹ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (Ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.*, p. 187.

³⁶⁰ ASHLEY, *op. cit.*, p. 28.

³⁶¹ MASSIE, Keith; PERRY, Stephen D. "Hugo Gernsback and Radio...", *op. cit.*, p. 264.

³⁶² *Ibidem*, p. 29.

³⁶³ ASHLEY, *op. cit.*, p. 29.

³⁶⁴ *Ibidem*, p. 30.

³⁶⁵ MASSIE, Keith; PERRY, Stephen D. *op. cit.* p. 267, 268.

³⁶⁶ *Ibidem*, p. 264.

Estados Unidos³⁶⁷. Localizada em Fulton Street, Nova York, ela importava peças da Europa, especialmente da Alemanha, e logo se tornou influente entre o público de amadores, da mesma forma que sua posterior ramificação *Modern Electric*, que mesmo criada como catálogo de venda de produtos, mostrou-se como um verdadeiro periódico, em razão dos artigos técnicos, especulativos e ficcionais que também eram publicados por esse editor, destinados a encorajar seus leitores a contribuir com o desenvolvimento tecnológico que estava em voga, fosse através de histórias, ou ainda por meio da realização de experimentos³⁶⁸.

Logo, *Modern Electric* resultou na primeira revista especializada em rádio e se mostrou exitosa na função que lhe foi atribuída, a saber: persuadir e educar o público para o desenvolvimento tecnológico, principalmente o das comunicações eletrônicas³⁶⁹. É importante salientar que o aporte de Gernsback para o desenvolvimento do rádio não cessou nessa ocasião. Ele prosseguiu seu trabalho em *Radio Amateur News*, que foi lançado em 1919, sugerindo essa continuação, em razão de sua qualificação como a mais influente revista sobre o rádio até a década de 1929³⁷⁰.

O fim da liderança de *Radio Amateur News*, que havia apostado nos leitores entusiastas, por meio de seus ousados artigos especulativos, representou a materialização dos projetos de Gernsback³⁷¹. Nesse período, ele não podia mais falar em um público ignorante tecnicamente; pelo contrário, houve um estrondoso crescimento do interesse popular pelo rádio³⁷². Tal foi a curiosidade desses leitores que sobreveio uma intensa competição das revistas da imprensa especializada nesse campo³⁷³. Portanto, como ressaltou Keith Massie e Stephen D. Perry, é inegável o seu papel para o crescimento da radiodifusão nos Estados Unidos. Efetivamente, ele foi um dos responsáveis pelo amadurecimento deste setor e não pode permanecer na história da transmissão como nota de roda pé³⁷⁴.

A atuação de Gernsback na ficção científica deu-se juntamente com os seus trabalhos na evolução da radiodifusão, em virtude da correlação entre estas duas esferas. De fato, muitos escritores, principalmente norte-americanos, provinham das ciências físicas³⁷⁵. A

³⁶⁷ MASSIE, Keith; PERRY, Stephen D. "Hugo Gernsback and Radio...", *op. cit.*, p. 264.

³⁶⁸ ASHLEY, Michael. *Time Machines: The Story...*, *op. cit.*, p. 34.

³⁶⁹ *Ibidem*, p. 34.

³⁷⁰ MASSIE, Keith; PERRY, Stephen D. *op. cit.*, p. 28.

³⁷¹ *Ibidem*, p. 272.

³⁷² *Ibidem*, p. 275

³⁷³ *Ibidem*, p. 278

³⁷⁴ *Ibidem*, p. 264

³⁷⁵ RODRIGUES, Elsa Margarida da Silva. *Alteridade, Tecnologia e Utopia no Cinema de Ficção Científica Norte Americano: A Tetrálogia Aliens*. 2011. [s.n]. Tese (Doutorado em Sociologia da Cultura) Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011, p. 41. Disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15005/3/Tese%20doutoramento_ElsaRodrigues.pdf

trajetória desse editor não foi diferente, cujo conhecimento técnico lhe possibilitou imaginar invenções futuras que seriam materializadas posteriormente por outros inventores³⁷⁶. Ademais, suas publicações, principalmente no início de sua carreira, contou com o auxílio de um grupo especializado, afiliados a importantes instituições como o Museu Americano de História Natural, com o propósito de garantir a precisão científica em suas revistas³⁷⁷.

Embora Gernsback tenha escrito ficção científica, seu destaque nesse campo da literatura continuou sendo, assim como na história da transmissão, como editor. Ele é respeitado por ter criado em 1926 a *Amazing Stories*, primeira revista de ficção científica do mundo. Nela é explícita a passagem dos artigos especulativos para a ficção. Contudo, mesmo na ficção há a continuação da precisão científica, posto que ele acreditava que seu esforço nos ousados artigos especulativos poderia contribuir para a criação de um futuro, visto que esse estímulo provocado nas pessoas comuns, por conseguinte, possibilitaria aventuras desses entusiastas na arte da invenção³⁷⁸. Nesse aspecto, ele pensava muito diferente de seus colaboradores, que permaneciam vinculados às convenções científicas³⁷⁹.

Gernsback planejou, pela via da ficção científica, levar ao público lições de ciência travestida de aventura. Todavia, o resultado foi um misto de narrativas em que a ciência era apenas utilizada como cenário para as façanhas dos heróis. O desdobramento dessa postura foi que a referência a ele, após a década de 1950, tornou-se alusão a uma ficção científica sensacionalista, sem reflexão social, centrada em aparelhos técnicos³⁸⁰. Outra crítica mencionada sobre seus trabalhos foi acerca do excesso de envolvimento dos leitores, realizado através de seus editoriais, que propunha até competições, por meio dos famosos concursos de histórias de ficção científica³⁸¹. Mike Ashley indica que a postura adotada por Gernsback, com seus artigos especulativos perspectivava ultrapassar o mero objetivo pedagógico; pretendiam pressupor a recepção da ficção científica pelo público, visto que o lançamento de *Amazing Stories* já vinha sendo planejado³⁸².

Para além do estudo recente de sua presença na história da transmissão, também foi um dos conducentes desse gênero literário. E seu interesse por esse tipo de histórias adveio ainda na Europa, por meio do romance científico. Lá, ele foi influenciado por renomados escritores em razão da evidência dessa narrativa no cenário europeu. Entre esses autores,

³⁷⁶ MASSIE, Keith; PERRY, Stephen D. *op. cit.*, p. 264.

³⁷⁷ *Ibidem*, p. 274.

³⁷⁸ ASHLEY, Michael. *Time Machines: The Story...*, *op. cit.*, p. 34

³⁷⁹ *Ibidem*, p. 35.

³⁸⁰ RODRIGUES, Elsa Margarida da Silva. *Alteridade, Tecnologia e Utopia...*, *op. cit.*, p. 63.

³⁸¹ *Ibidem*, p. 63.

³⁸² ASHLEY, *op. cit.*, p. 1

citaremos Júlio Verne (1828-1905), e o gosto de Gernsback pelas viagens de aventura dele, e Kurd Lasswitz (1848-1910), apresentado como pai da ficção científica na Alemanha³⁸³.

Ainda que a *Amazing Stories* tenha tido uma breve existência, ela representou um grande avanço para a evolução da ficção científica. Com o seu fechamento, em 1929, sobreveio uma multiplicação dos *pulp fiction*, que eram revistas fabricadas com papel barato. A propagação desse tipo de ficção só foi possível em virtude tanto da criação de um público, quanto de um mercado, nos Estados Unidos, e ambos foram impulsionados por Gernsback³⁸⁴.

O apreço de especialistas da história da ficção científica por ele é justificado por sua atuação enquanto um dos constituidores da autonomia desse gênero³⁸⁵. Ao publicar esse tipo de narrativa em suas revistas, ele alterou o suporte em que elas vinham sendo veiculadas, contribuindo, assim, para a mutação desse gênero. Nos Estados Unidos, e com esse editor, essas narrativas, que não eram denominadas de ficção científica, assumiu o nome de *Scientification*, e posteriormente *Science Fiction*³⁸⁶. É com a *Amazing Stories* que a ficção científica adquiriu um objetivo e uma identidade autoconsciente³⁸⁷. Destarte, Gernsback é considerado “pai” por unificar esse tipo de narrativa fora da Europa, já que havia uma variedade desses relatos, conferindo-lhes um objetivo comum e uma identidade textual.

O *Electrical Experimenter*, revista em que aparece a narrativa autobiográfica de Tesla em 1919, assim como os outros periódicos desse editor, também contaram com os textos de ficção científica que caracterizaram o seu trabalho durante as primeiras décadas do século XX. Assim, desde o seu nascimento em 1913, como uma continuação de *Modern Electric*, o *Electrical Experimenter* publicou desde artigos de caráter técnico até os ficcionais³⁸⁸. Nele, estava ainda mais latente a preocupação com o amador, materializada em sua estrutura, cujo formato permitia uma maior amplitude no uso de fotografias³⁸⁹.

De acordo com Ashley³⁹⁰, Gernsback, que permaneceu com os artigos especulativos nessa revista, ampliou ainda mais essa concepção durante a Primeira Guerra Mundial, em virtude da busca por supremacia científica, feita pelas nações, entre elas os Estados Unidos. Ainda em anuência com esse autor, depois da Guerra, ele se afastou dos amadores e ampliou seus recursos para cobrir outros campos da ciência. Isso resultou na alteração do nome

³⁸³ ASHLEY, Michael. *Time Machines: The Story...*, *op. cit.*, p. 14.

³⁸⁴ RODRIGUES, Elsa Margarida da Silva. *Alteridade, Tecnologia e Utopia...*, *op. cit.*, p. 57.

³⁸⁵ *Ibidem*, p. 57.

³⁸⁶ ASHLEY, Michael. *op. cit.*, p. 1.

³⁸⁷ *Ibidem*, p. 45.

³⁸⁸ *Ibidem*, p. 30.

³⁸⁹ *Ibidem*, p. 30.

³⁹⁰ *Ibidem*, p. 32.

de *Electrical Experimenter* para *Science and Inventions*, a partir da edição de 1920. E, para não causar descontentamento entre os entusiastas do rádio, criou o periódico *Radio Amateur News*, o qual já mencionamos.

A preocupação do *Electrical Experimenter* com o leitor amador é verificada também em seu artigo introdutório dedicado a anunciar a publicação dos trabalhos de Nikola Tesla. Esse texto foi divulgado em janeiro de 1919, um mês antes do primeiro artigo autobiográfico de Tesla. De acordo com o editor, as invenções de Tesla não foram assimiladas pelo imaginário popular em consequência do excesso de aspectos técnicos. Salientava que o desconhecimento em relação a ele não era apenas por parte dos amadores, pois leitores bem informados, que deveriam melhor conhecê-lo, frequentemente o taxavam como sonhador, ou mesmo louco³⁹¹. E o problema, segundo o editor, estava no próprio Tesla, que além de ser um homem à frente do tempo, não se esforçou para ser reconhecido, cometendo o “[...]imperdoável crime não tendo um permanente agente de imprensa para gritar sua grandeza dos telhados”³⁹². Logo, a proposta apresentada a esse inventor, pelo *Electrical Experimenter*, consistia na tradução de suas invenções para que o homem comum pudesse compreendê-las.

“Dr. Tesla”, disse para ele, “você é ciente da nossa grande admiração por você, que pode ou não pode ser importante. Mas o grande público pouco conhece de sua marca. Mesmo muitos daqueles tecnicamente educados – desculpe a franqueza – pensam que você é ou um visionário ou, pior ainda, louco. O fato é que o mundo não compreende você, porque você vive no próximo século. Moises foi um grande homem, mas a Bíblia nos ensina que ele tinha “língua pesada” e não poderia fazer-se compreender. Seu irmão, portanto, sempre falou em seu lugar, anunciando para seus ouvintes, o que Moises tinha para dizer. Por que não deixa o Experimenter ser seu irmão? Por que não nos deixa traduzir seu trabalho em uma linguagem que o homem da rua possa facilmente compreender? Nós temos o conhecimento e a formação técnica para fazer justiça a suas invenções [...] Você é um grande inventor, mas sua formação do século XXI o impede de se fazer compreender por um público do século XX. [...]”³⁹³.

No registro de Gernsback, sobre o encontro entre Tesla e os editores da revista, é perceptível sua admiração por esse inventor. Mesmo ele atribuindo a culpa ao próprio Tesla, pela ausência do reconhecimento que lhe cabia, o erro é apresentado em forma de elogio, já que o problema de Tesla derivava da sua posição superior em relação aos demais, visto que, segundo Gernsback, ele era um homem adiantado em relação ao seu tempo, mesmo vivendo no início

³⁹¹ GERNSBACK, Hugo. “Nikola Tesla and His Inventions: An announcement”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 6, n. 69. Jan., 1919, p. 614.

³⁹² *Ibidem*, p. 614.

³⁹³ *Ibidem*, p. 614, 657.

do século XX, seu pensamento era dos de homens do XXI. E Tesla, sem dúvidas, foi uma das figuras responsáveis por inspirar Gernsback. Essa influência se deu ainda na Europa, e é descrita nesse mesmo anúncio.

Eu primeiro li sobre Tesla em uma bem conhecida publicação semanal alemã quando tinha menos de quinze anos de idade. O editor desta publicação reproduziu suas imagens em uma página completa e pagou nobre homenagem para Tesla, lhe saudando como a chegada do grande eletricitista ao mundo. [...]. Enquanto estudava fora, li alguns fragmentos do seu trabalho, que poderia pôr em minhas mãos. Realizei a maioria de seus experimentos de alta frequência, e quanto mais via o seu trabalho, mais adiantado tornei-me³⁹⁴.

O editor acreditava que da mesma forma com que Tesla contribuiu para o desenvolvimento do seu trabalho com a tecnologia poderia também auxiliar os amadores. À vista disso, o *Electrical Experimenter* teria a missão de pôr fim ao entrave na comunicação de Tesla com o público. Essa tradução implicava na solução de um problema que crescia cada vez mais, já que suas invenções eram utilizadas no cotidiano das pessoas, e que, no entanto, não lhe conferiam o devido mérito e reconhecimento. Ao simplificar as invenções de Nikola Tesla, para um melhor entendimento dos jovens leitores, Gernsback ambicionava que o público reconhecesse Tesla como o responsável pelas descobertas que possibilitaram a fabricação de dispositivos que se estabeleceram como a base da tecnologia da época. E muitas dessas invenções ele faz questão de apresentar nesse artigo introdutório:

Todo mecanismo elétrico usando ou gerando corrente alternada é devido à Tesla. As transmissões de corrente em alta tensão, sem o qual nosso bonde de longa distância, nossas linhas eletrificadas[...] que seriam impossíveis, são devida a habilidade de Nikola Tesla. O motor de indução, a turbina a vapor de gás, a bobina e o transformador de oscilação, são talvez seus mais conhecidos inventos. [...] Algumas invenções de Tesla tem sido de enorme importância para a guerra. Os meios e forças produtivas do país tem sido aumentada grandemente, através do uso contínuo de seus sistemas de transmissão de corrente alternada e transformação de energia. Quase dez milhões de cavalos de potência na queda d'água tem sido atreladas por esses meios, salvando assim, quarenta por cento do total de carvão produzido nos Estados Unidos. As ferrovias tem sido eletrificadas e seu motor de indução tem revolucionado a indústria de aço e a operação das fábricas. Seu condutor elétrico tem sido adaptado nos maiores cruzadores e navios de guerra (Battleships – século XIX e XX) com o mais perfeito meio de força propulsora. Suas invenções sem fio provaram-se indisponível e seus aparelhos osciladores tem sido de inestimável serviço no campo cirúrgico e terapêutico³⁹⁵.

³⁹⁴ GERNSBACK, Hugo. "Nikola Tesla and His ...", *op. cit.*, p. 615.

³⁹⁵ *Ibidem*, p. 614, 615.

É inegável o fascínio de Gernsback por Tesla. Como o próprio editor declarou, o princípio de tal sentimento remonta ainda à sua juventude. Naquele momento, o primeiro contato com Tesla adveio ainda em Luxemburgo, através de uma imagem na qual inúmeros raios atravessavam o inventor sem lhe causar nenhum dano³⁹⁶. Não contamos com documentos que atestem ou mesmo mensurem a dimensão da influência de Tesla na trajetória editorial de Gernsback. O fato é que essa influência perdurou, resultando no trabalho realizado por ambos, no *Electrical Experimenter*.

De acordo com Marc J. Seifer, o primeiro encontro entre Gernsback e o inventor deu-se em 1908³⁹⁷, quando o editor visitou o laboratório de Tesla, para conhecer o seu trabalho com as turbinas. Esse encontro é descrito pelo próprio editor no anúncio da autobiografia. E mais uma vez, ele demonstra o sua admiração por Tesla:

[...] Alguns anos atrás, como editor da Modern Eletric, o conheci em uma loja de Nova Iorque, onde seus famosos modelos de turbina foram construídos pela primeira vez. Fiquei fascinado com sua elevada estatura, homem magro, nessa ocasião com cerca de cinquenta anos de idade mas aparentando menos de trinta anos de idade. Sua extraordinária face, com conjunto de profundos olhos azuis, proclamava o intenso pensador – filósofo. Alguns minutos conversando com ele a minha esquerda, mais que nunca, fiquei convencido de sua grandiosidade. [...] Outros contatos durante alguns anos passados, ainda elevam minha opinião sobre ele. Tesla é um homem de extraordinária erudição. Ele é notavelmente bem instruído e tem uma memória fotográfica com que é possível para ele, recitar páginas depois de páginas de quase todo trabalho clássico, seja Goethe, Voltaire ou Shakespeare. Ele fala e escreve doze línguas. Ele é uma calculadora completa, que possui pouco uso para tabelas e livros didáticos e detém desprezo por regras de cálculo³⁹⁸.

Em nota no artigo introdutório, Hugo Gernsback adverte o leitor da importância dessa série de artigos de Tesla. A equipe de editores do *Electrical Experimenter* considerou essa enunciação como a mais importante realizado até então³⁹⁹. Gernsback acreditava ser um privilégio para sua revista publicar esse trabalho. Posto que, como ele mesmo afirmou, “[...]Tesla tinha recusado continuamente semelhantes ofertas de dezenas de grandes editores deste país, e também do exterior[...]”⁴⁰⁰. E, esta não foi a única preocupação desse editor, responsável por lhe suscitar otimismo em seu projeto editorial. Uma vez que, desde 1916,

³⁹⁶ SEIFER, Marc J. *Wizard. The Life and Times of Nikola Tesla. Biography of a Genius*. New York: Kensington Publishing, 1998, p. 395.

³⁹⁷ *Ibidem*, p. 396.

³⁹⁸ GERNSBACK, Hugo. “Nikola Tesla and His ...”, *op. cit.*, p. 615.

³⁹⁹ *Ibidem*, p. 657.

⁴⁰⁰ *Ibidem*, p. 657.

quando Tesla publicou sobre seu Transformador Amplificador nesta revista, ele já tinha proposto semelhante projeto, isto é, sugerira ao inventor colocar sua vida no papel⁴⁰¹. Por conseguinte, compreendemos a alegria que Gernsback declara ter sentido, dado que, além de Tesla aceitar, “[...] combinou para preparar cada artigo pessoalmente com a colaboração dos editores”⁴⁰².

Ademais, depois de apresentar os motivos que levaram a revista a referendar essa publicação, reiterando sua profunda admiração por Tesla, o qual considera o maior inventor do mundo, mesmo diante de grandes homens como Arquimedes, Faraday e Edison⁴⁰³, Gernsback informa os objetivos do inventor com este trabalho, mostrando a importância que o *Electrical Experimenter* também poderia representar para o inventor, enfatizando que ambos estavam desfrutando desse empreendimento.

Dr. Tesla, claramente entendido, e comprometido neste grande trabalho, principalmente para educar a jovem geração. Ele sentiu que não poderia alcançar possivelmente tal juventude masculina treinada eletricamente, exceto através dos meios do *Electrical Experimenter*. Com a sua circulação acima dos 100.000 [...] Tesla sente que sua grande missão na vida, isto é auxiliar nossa nova geração, chegará perto da realização.⁴⁰⁴

De acordo com o plano apresentado por Gernsback, o prazo para a efetivação deste trabalho estava previsto em mais de dois anos e o propósito inicial consistia em divulgar apenas as suas mais importantes invenções. Conforme ele mesmo sugeriu a Tesla, “[...] no final deste período os artigos serão publicados em forma de livro, uma coisa que não existe no presente [...]”⁴⁰⁵. O registro desse projeto seria importante tanto para livrar Tesla do ostracismo, auxiliando na tarefa de fazer o mundo “[...]compreender a grande importância realizada por seu trabalho[...]”⁴⁰⁶, como também “[...] ser de grande benefício para a Ciência, para quem suas invenções, a essa altura, não serão livro fechado que elas são hoje”⁴⁰⁷.

No entanto, sabemos que tal plano não foi totalmente completado. O período de publicação dos artigos não compreendeu o período de dois anos. Sua divulgação foi realizada entre fevereiro a outubro de 1919. Acreditamos que a suspensão desses escritos está relacionada com motivações financeiras. E nossa conjectura está embasada no fato de que Tesla contou com

⁴⁰¹ SEIFER, Marc J. *Wizard. The Life and...*, *op. cit.*, p. 396.

⁴⁰² GERNSBACK, Hugo. “Nikola Tesla and His ...”, *op. cit.*, p. 657.

⁴⁰³ *Ibidem*, p. 614.

⁴⁰⁴ *Ibidem*, p. 657.

⁴⁰⁵ *Ibidem*, p. 657.

⁴⁰⁶ *Ibidem*, p. 657.

⁴⁰⁷ *Ibidem*, p. 657.

incentivo econômico, que como veremos mais adiante, foi de grande valia para a escrita da autobiografia, já que sua situação financeira naquele momento, conforme já elucidamos, não era das melhores⁴⁰⁸.

É através de uma carta de Tesla, endereçada a Gernsback, que podemos melhor entender o que ocorreu. De acordo com Marc J. Seifer⁴⁰⁹, durante a década de 1920, Gernsback continuava a enaltecer a imagem de Tesla, certamente, movido por sua admiração. E propôs ao inventor um novo acordo. Entretanto, Tesla demonstrou não estar satisfeito com a quantia ofertada e, em sua carta a Gernsback, evidenciou o quão inconformado ficou com o pagamento relativo ao seu primeiro trabalho⁴¹⁰. O inventor declara: “Eu agradeço a sua estranha inteligência e iniciativa, mas o problema com você parece ser que só, e em primeiro lugar, lhe importa Hugo Gernsback, agora e sempre.”⁴¹¹

Como ressaltado, o editor já havia feito essa oferta a Tesla, desde 1916, o que possibilitou a Miguel A. Delgado afirmar que a divulgação da vida de Tesla era um dos principais objetivos do editor⁴¹², que teve seu propósito parcialmente alcançado. Em consonância com Delgado⁴¹³, tanto Gernsback como Nikola Tesla compartilhavam de uma visão de mundo, em o que o futuro estava tão perto, que por vezes invadia o próprio presente. Eles não tinham dúvidas de que o desenvolvimento científico alterava de forma decisiva os rumos da humanidade. Entretanto, após a Primeira Guerra Mundial, ficou cada vez mais evidente a fragmentação do otimismo científico em ambos.

Certamente, o leitor de 1919 ficou surpreso com o que foi proposto no anúncio e o que de fato foi sendo realizado. Considerando apenas esse artigo introdutório, Gernsback prepara e cria a expectativa em seus leitores de poderem, na série que se seguiria, finalmente entender as invenções de Nikola Tesla, o que havia por trás daquelas invenções que tanto tumulto causavam, mas que o público pouco compreendia (as invenções e os tumultos em torno delas). Mesmo o inventor decidindo participar da elaboração dos artigos, nem os leitores desse período, e nem mesmo o editor e o autor, poderiam imaginar que se trataria de uma autobiografia, já que a proposta era de uma escrita em conjunto, Tesla e os editores, e o enfoque dado seria às suas invenções, não à sua vida.

⁴⁰⁸ TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (Ed.). *Firmado: Nikola...op. cit.*, p.188.

⁴⁰⁹ SEIFER, Marc J. *Wizard. The ...*, *op. cit.*, p. 405.

⁴¹⁰ *Ibidem*, p. 405.

⁴¹¹ *Ibidem*, p. 405.

⁴¹² TESLA, Nikola; DELGADO, *op. cit.*, p. 188.

⁴¹³ *Ibidem*, p. 187.

Foi em fevereiro de 1919, quando houve a exibição do primeiro artigo de Nikola Tesla e se podia, então, constatar que a narrativa autobiográfica estaria presente. Podemos perceber isso tanto pelo pacto autobiográfico que o autor ali estabelecia, como também pela nota editorial que acompanhou o relato, salientando:

Em sua autobiografia, que trata principalmente de sua juventude, obtemos uma boa perspectiva da maravilhosa vida que este homem tem levado. Lido como um conto de fadas, que tem a vantagem de ser verdade, pois Tesla não é um mortal comum. Ele tem levado uma vida afortunada – prostrado pela peste, a cólera e por aí vai – dado por morto ao menos três vezes pelos médicos – com sessenta anos o encontramos mais jovem que nunca⁴¹⁴.

Indubitavelmente, Hugo Gernsback é um dos referenciais que merecem atenção na busca dos elementos que contribuíram para a concretização desse projeto, que resultou em uma autobiografia, seja pelo incentivo financeiro, publicitário ou mesmo pela admiração que nutria por esse inventor. Entretanto, também pelo espaço não rigidamente delimitado que sua revista significava: um (não)lugar em que havia espaço para artigos científicos, técnicos, literários, experiências (científicas e de vida) bem como de textos que se aventuravam livremente por entre esses diferentes discursos.

Por outro lado, o esforço de Nikola Tesla referente à representação de si na autobiografia é anterior às pretensões do editor do *Electrical Experimenter*, conforme percebemos no artigo de 1915, de modo que tal sujeito que é apresentado na obra não é construído como resposta ao pedido de um editor. Até mesmo porque podemos perceber que as propostas desse editor não sugeriam a elaboração da autobiografia, conforme evidencia o artigo introdutório de Gernsback de janeiro de 1919. O incentivo desse editor deve ser entendido como uma das etapas de um projeto autobiográfico que já estava em curso, desde 1915

Essa reflexão deve-se ao fato de que nossa principal inquietação era se a obra tinha sido pensada desde o princípio como uma autobiografia, ou se ela tinha sido resultado da tentativa de publicar as invenções de Tesla. Os apontamentos de Gernsback eram claros, e ele encaminhou a leitura para proporcionar ao público um encorajamento para se aventurar no mundo considerado hermético da sua invenção. Isso, tanto através da compreensão das invenções de Tesla, como, e principalmente, por meio do exemplo de vida do inventor, que o público foi orientado a extrair. O exagero das aventuras em suas lições de ciência justificaria, mais tarde, as críticas que o editor recebeu. Elas declaravam que os relatos não ofereciam ao

⁴¹⁴ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 696.

leitor uma lição de ciência disfarçada de aventura e sim, narrativas que descreviam as façanhas de seus heróis, em um cenário científico.

Com tais características, as motivações editoriais apontaram quem deveria ler, o modo como deveriam ser lidos e como esses artigos deveriam ser compreendidos. Destarte, a análise desse trecho editorial que acompanhou a publicação da obra a qual analisamos, nos possibilita afirmar que seria inadequado concluir que a autobiografia corresponde a uma narrativa na qual as invenções são usadas apenas como um subterfugio, para exaltar a vida desse inventor. Inadequado, porque a vida e as invenções de Tesla não se desvinculam. Ele utiliza da existência para reivindicar seu trabalho e garantir a autenticidade de suas invenções. O registro autobiográfico desse inventor tornou-se fonte de estudo para todo trabalho, seja ele acerca da pessoa, ou das suas invenções.

É por isso que insistimos na importância do suporte ao qual a autobiografia foi veiculada. O fato de ter sido publicada primeiramente em uma série de artigos em uma revista dessa natureza não faz a autobiografia deixar de ser o que efetivamente é, uma autobiografia. Assim, como um romance publicado em fascículos de jornais – prática igualmente comum nesse período – não deixa de ser romance após ser reunido em formato de um livro. Até mesmo porque, desde o início do projeto do relato de Tesla já se visava a publicação em forma de livro, posteriormente. Porém, as diferentes formas como um texto se apresenta a um público modificam radicalmente os modos como ele será lido, compreendido e apropriado. Foi este o caso da autobiografia de Nikola Tesla. Embora o texto preserve sua estrutura e seu conteúdo seja basicamente o mesmo entre a autobiografia que veio à lume em 1919 e as edições futuras (como a da Unesp) elas produzem diferentes interpretações pela “simples” alteração de suporte.

A aparição da autobiografia, tal como foi feita em 1919 na *Electrical Experimenter*, pelo tipo de revista que era (destinada a difundir e propagar informações sobre ciências e tecnologia para um público não especializado e mais amplo), pelo tipo de público a que se destinava (jovens interessados em ciências e que consistiriam a futura geração de inventores) e pela própria expectativa criada pelo editor (apresentar em linguagem acessível a revolucionária e grandiosa, mas incompreendida, tecnologia produzida por Tesla) conferem a esse texto autobiográfico um sentido bem distinto em relação às edições futuras. Ao devolvermos a autobiografia ao seu “contexto” e a observarmos mediante toda essa arquitetura podemos perceber a mudança de sentido de que foi objeto, ficando mais tangíveis as intenções do autor e editor e, ainda, as interpretações possíveis.

Se hoje tomarmos, por exemplo, a edição da Unesp de *Minhas Invenções*, vamos nos deparar com uma autobiografia publicada por um cientista muito importante, porém pouco

(re)conhecido. Vamos ler a vida desse sujeito que ora narra sua infância, ora faz considerações pessoais sobre assuntos diversos, ora explica suas invenções, como as concebeu e qual era seu propósito ao idealizá-las. Até aí, nada muito diferente daquilo que esperamos encontrar no interior do gênero autobiográfico: fatos da vida, pensamentos, reflexões e comentários sobre o percurso profissional, que no nosso mundo é indissociável do sujeito, feitos por um sujeito acerca dele mesmo.

Entretanto, dificilmente era isso o que Tesla ou Gernsback intentaram produzir, e é pouco provável que foi dessa maneira que o leitor de 1919 interpretou essa narrativa. Através de toda essa arquitetura em que a autobiografia estava inserida – uma revista com cunho pedagógico, preocupada com a formação técnica e tecnológica dos jovens norte-americanos – o que ela priorizava não era necessariamente a vida do indivíduo Tesla, mas seu pensamento e suas invenções, não como Tesla os concebeu, mas transformada, adaptada, para uma forma que se tornasse compreensível. A originalidade e singularidade do ato de Tesla foi justamente inserir aí uma narrativa de si. Mas também, não simplesmente como uma escrita de si aos moldes do que encontramos nas autobiografias intelectuais desde o século XVIII – um percurso do *pensamento do autor* –, embora o espaço dessa revista fosse justamente esse. Tesla fez desse espaço um lugar para narrar não apenas seu pensamento, mas também sua vida, *a vida do indivíduo* Tesla. É apenas devolvendo a autobiografia para seu suporte primário que podemos enxergar e perceber a originalidade de seu relato.

Assim, as edições posteriores, pela mudança de suporte, nos faz enxergar apenas o que é óbvio de se enxergar numa autobiografia – a narrativa da vida de alguém feita por ela mesma –, mas que na época constituiu uma novidade, não pela narrativa em si, mas pelo local em que foi publicada e pelo espaço e preparação feita pelo editor ao público. Tais edições nos escondem o que na época era óbvio: um cientista e um editor que procuraram através desse relato, através da tradução do empreendimento inventivo de Tesla, desenvolver e adiantar o pensamento da humanidade para que pudessem, enfim, alcançar, e serem capazes de compreender, Tesla, um homem considerado à frente de seu tempo e que, por isso, não estava conseguindo se fazer inteligível. Desse modo, a autobiografia de 1919 preserva em si uma dualidade na forma como foi elaborada, bem como no conteúdo: a imbricação da existência e das invenções de Tesla, sua “ciência-existencialista”, o que caracteriza não apenas seu texto, mas ele mesmo – inclusive essa é a principal identidade entre esse autor e seu texto, identidade tão latente que transforma até mesmo a narrativa a qual intentava-se produzir. Tesla não constrói sua identidade no interior do texto, é essa identidade que não consegue separar

indivíduo e ciência que constrói e modifica o tipo de discurso para que suas invenções caibam nele.

Por outro lado, ao localizarmos a autobiografia de Tesla nesse suporte, a *Electrical Experimenter* e percebermos que além de propagar informações relativas à ciência e à tecnologia, ela também divulgava textos de ficção científica – não apenas por seus aspectos literário-estéticos, mas também com o mesmo fim pedagógico –, bem como localizarmos a importância do editor, Gernsback, no desenvolvimento desse gênero, não deve nos estranhar o fato de que, ao não conseguirem cumprir seu propósito original, de desenvolver a humanidade para que pudesse realmente compreender Tesla, a imagem de Tesla foi sendo, cada vez mais, inserida no campo da ficção e apropriada pela ficção científica, quer na literatura, quer no cinema e vídeos-games. Se Tesla e Gernsback não conseguiram propagar e difundir a imagem de Tesla como pretendiam, pelo menos conseguiram tirar sua imagem da escuridão do esquecimento. Embora esse não seja nosso objetivo neste trabalho, não podemos deixar de perceber que apesar de todos os esforços do editor e do autor de controlarem os sentidos do texto, pelo próprio espaço indefinido dessa revista, o texto foi ganhando autonomia, produzindo novos sentidos, ganhando novos suportes que resultaram em novos sentidos, e apagaram outros, e a própria imagem de Tesla, aos poucos, se deslocou do campo em que pretendia se afirmar, o científico, e foi parar em um domínio que dificilmente imaginaria estar, a ficção. Por outro lado, essa lhe deu toda a receptividade que não conseguiu naquela.

2.2 POR DENTRO DA AUTOBIOGRAFIA: TESLA, O MUNDO, E O FUTURO

Como um construtor que possui um projeto em mente, ou um escultor que, antes de moldar sua obra, possui suas curvas preestabelecidas, embora não materializadas, Tesla escreveu sua autobiografia de posse das suas ideias norteadoras. Com elas, ele elaborou sua obra em seis capítulos compactos, nos quais retratava, sobretudo, as características próprias de um inventor ideal – ele mesmo – e delineava um mundo cujos princípios e interesses o colocavam em um lugar central, um mundo em que, no momento em que viveu, ainda não existia, mas que em um dia certamente existiria.

Nos dois primeiros capítulos, “Anos de juventude” e “Minhas primeiras invenções”, Tesla retrata o despertar do seu verdadeiro eu, o despertar de um grande inventor e os traços que mais tarde se mostrariam como intrínsecos a um homem destinado à invenção. Discorre

sobre sua família, sua educação, suas experiências de vida que demonstram sua propensão à introspecção, observação e engenhosidade. Ali Tesla procura atestar seu “instinto de inventor”⁴¹⁵, sua sensibilidade, sua alta capacidade de observar, imaginar e raciocinar, projetando inventos sem nenhum recurso à experimentação.

No terceiro e no quarto capítulos, “Meus esforços posteriores” e “A descoberta da bobina e do transformador de Tesla”, o autor relata o início de seu interesse pela eletricidade e seus primeiros passos na materialização de algumas invenções mais elaboradas que as da juventude. Em meio às suas tentativas, ele aponta duas de suas descobertas mais conhecidas, aquela do campo magnético rotativo, que possibilitou seu motor de indução, e a elaboração, como o próprio título do capítulo indica, de sua bobina e seu transformador. Mas com o relato dos sucessos também vemos o relato dos fracassos e, principalmente, dos fatores que os ocasionaram. Tesla descreve suas viagens a Budapeste, Paris, Estrasburgo e Estados Unidos, as dificuldades que enfrentou, ressaltando contraposições aos seus princípios e características. Ao longo de sua narrativa, Tesla procura tornar mais manifesto seu instinto e seu “chamado” para a invenção.

O ápice dessa manifestação é traçado nos dois últimos capítulos, “O transmissor amplificador” e “A arte da teleautomática”. Tesla descreve minuciosamente tais invenções e seus benefícios. A primeira é não menos que o fruto de seus maiores esforços, enquanto a teleautomática, possibilitada pela descoberta do transmissor amplificador, para ele, traz a marca de uma verdadeira revolução⁴¹⁶. São projetos que Tesla tem o cuidado de descrever e explicar, pois, para ele, o tempo de suas realizações ainda não havia chegado. Ele critica o mundo por não estar pronto para recebê-los, aponta seus defeitos e elenca as características de um tempo vindouro, onde aquelas invenções não apenas evitarão conflitos mundiais, mas também aperfeiçoarão a vida humana mais “do que qualquer outra invenção ou descoberta na história da humanidade”⁴¹⁷.

Assim estão estruturados os textos que compuseram a autobiografia publicada em 1919. Entretanto, como já apontado, duas ideias a perpassam e direcionam toda narrativa de Nikola Tesla: uma concepção de inventor ideal, que corresponde a ele mesmo, e uma perspectiva crítica do mundo em que vive, com a qual também descreve como ele deveria ser, e as maneiras como transformá-lo.

⁴¹⁵ TESLA, Nikola. “My Inventions. My First Efforts in Inventions”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 6, n. 11, mar., 1919. p. 841.

⁴¹⁶ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art of ...”, *op. cit.*, p. 601.

⁴¹⁷ *Ibidem*, p. 552.

2.2.1 Nikola Tesla, o Inventor Ideal

Na autobiografia que examinamos há uma constante preocupação em delimitar a função do inventor no desenvolvimento da humanidade. Essa inquietação é justificada pela tentativa de Tesla de ressaltar seu lugar no mundo. Definir o ofício do inventor corresponde, na autobiografia, a definir a si mesmo. De acordo com Tesla o “[...] desenvolvimento progressivo do homem é vitalmente dependente da invenção [...]”⁴¹⁸, e o inventor “[...] pertence à classe excepcionalmente privilegiada sem a qual a raça humana teria perecido há muito na dura luta contra impiedosos elementos”⁴¹⁹. É explícito seu desejo de se perpetuar em uma distinta posição, ostentando superioridade frente ao público. É por isso que, ao mesmo tempo em que ele indica os elementos que são próprios dessa ordem, ele os reconhece em si mesmo.

A missão do inventor é essencialmente salvar vidas. Quando explora forças, aperfeiçoa aparelhos ou proporciona novas comodidades e facilidades, ele aumenta a segurança de nossa existência. Também está mais qualificado que o indivíduo mediano para se proteger do perigo, pois é observador e engenhoso. Se não tivesse outra evidência de possuir, em certa medida, essas qualidades, eu as encontraria nessas experiências pessoais. O leitor poderá julgar por si mesmo, se eu mencionar um ou dois casos⁴²⁰.

Enaltecer a função do inventor e se apresentar com características que o engrandecessem fazia parte de sua estratégia inusitada de reivindicar seu lugar incomum, suas invenções. Tesla teve o cuidado de aparecer para o leitor de uma forma que lhe possibilitasse se defender das críticas que vinha experimentando, sem despertar em seu confidente compaixão por ele. A representação elaborada na obra responde às críticas, buscando destacar que o problema não era ele e sim os outros. E, enquanto não fosse admitida a sua excepcionalidade, o mundo estaria perdendo com isso, pois ele já fora recompensado de outras formas por seu trabalho. Logo no início da obra, Tesla declara que o inventor geralmente “[...] é incompreendido e não recebe recompensa. Porém, ele encontra ampla compensação no agradável exercício de suas capacidades [...]”⁴²¹. Ao relatar os boatos acerca da derrubada da sua torre, em 1917, ele se apressou em desmentir a afirmação de que essa ação fora obra do

⁴¹⁸ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 696.

⁴¹⁹ *Ibidem*, p. 696.

⁴²⁰ TESLA, Nikola. “My Inventions. My First Efforts ...” *op. cit.*, p. 839.

⁴²¹ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 696.

governo estadunidense. Não conseguiu reprimir o seu pedantismo e lançou fortes críticas aos responsáveis por esses boatos infundados. Embora o relato autobiográfico seja retrospectivo,⁴²² o tempo verbal logo denuncia Nikola Tesla, que passa a discorrer sobre os dissabores do presente e a fazer prognósticos.

Minha usina, serviços e todos os meus aperfeiçoamentos sempre estiveram à disposição dos funcionários do governo, e desde a deflagração do conflito europeu tenho trabalhado, com sacrifício, em diversas invenções de minha autoria, relacionadas com a navegação aérea, a propulsão de navios e a transmissão sem fio, que são de mais alta importância para o país. As pessoas bem informadas sabem que as minhas ideias revolucionaram as indústrias dos Estados Unidos, e não tenho notícia de algum inventor que viva nesse país e tenha sido, sob este aspecto, tão bem-sucedido como eu – em especial no que se refere ao uso de seus aperfeiçoamentos para a guerra. Evitei falar publicamente sobre o assunto antes, pois parecia inadequado tratar de assuntos pessoais enquanto o mundo inteiro estava em sérios apuros. [...] . Não estou disposto a propulsionar a indivíduos invejosos e de mente mesquinha a satisfação de frustrar os meus esforços. Para mim, essa gente não passa de micróbios de uma doença insidiosa. Meus projetos atrasaram -se por causa das leis da natureza. O mundo não estava preparado para eles. Estavam muito à frente no tempo, mas essas mesmas leis vão por fim prevalecer e transformá-los em sucesso triunfal⁴²³.

Ele evidencia que as leis da natureza poderiam até privá-lo da fortuna, poder e fama, mas a satisfação que desfrutava era própria do inventor e não poderia ser-lhe arrancada. A atenção que é dada a algumas experiências da juventude atesta seu contentamento com o reconhecimento de façanhas que são intrínsecas ao inventor. Ele declara que: “Falando por mim mesmo, já tive mais do que poderia esperar desse requintado prazer; tanto que, durante muitos anos, minha vida esteve muito perto de ser um contínuo êxtase”⁴²⁴. Na autobiografia ele privilegia situações nas quais, de alguma maneira, prevaleceu seu “instinto de inventor”.

Em certa ocasião, quando tinha meus 14 anos, quis pregar um susto em uns amigos que nadavam comigo. Meu plano era mergulhar por baixo de uma grande estrutura flutuante e sair silenciosamente do outro lado. Nadar e mergulhar eram coisas tão naturais para mim como para um pato, e eu tinha certeza de poder realizar a façanha. Assim, mergulhei na água e, quando ninguém olhava, girei e avancei rapidamente na direção oposta. Achando que tinha ultrapassado com segurança a estrutura, subi à superfície, mas para meu pesar bati numa trave. Rapidamente mergulhei, é claro, e avancei com rápidas braçadas até meu fôlego começar a faltar. Subindo pela segunda vez, minha cabeça bateu de novo contra uma trave. O desespero começou a tomar conta

⁴²² ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, n.21, 1998, p. 25.

⁴²³ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Magnifying Transmitter”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 7, n. 2, Jun., 1919, p.174.

⁴²⁴ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 696.

de mim. No entanto, reunindo todas as minhas forças, fiz uma terceira tentativa frenética, mas o resultado foi o mesmo. A tortura de não poder respirar estava ficando insuportável, minha mente girava e eu sentia que estava afundando. Nesse momento, quando a minha situação parecia absolutamente desesperadora, tive um daqueles clarões de luz e a estrutura acima de mim apareceu diante dos meus olhos. Percebi ou adivinhei que havia um pequeno espaço entre a superfície da água e as bordas das tábuas e, já quase inconsciente, flutuei, pus a boca perto das pranchas e consegui inalar um pouco de ar, infelizmente misturado com um borriço de água que quase me afogou. Repeti diversas vezes o procedimento, como num transe, até que o meu coração, que batia muito rápido, desacelerou e eu recuperei a calma. Depois disso, fiz inúmeros mergulhos fracassados, perdi completamente o senso de direção, mas por fim consegui sair da armadilha, quando meus amigos já haviam desistido e tentavam pescar o meu corpo. [...] mas logo esqueci a lição, e apenas dois anos depois entrei numa enrascada ainda pior. [...] Estes são só dois dos muitos casos, mas talvez sejam suficientes para mostrar que se não fosse o meu instinto de inventor, não teria sobrevivido para contar a história⁴²⁵.

A recorrência na autobiografia a narrativas como essa atesta a dificuldade do inventor em conter a necessidade de enaltecer sua singularidade. Há uma continuação do que vimos no delineamento autobiográfico de 1915. A garantia de autenticidade do seu trabalho, nestes dois relatos, está correlacionada à sua particularidade. Os clarões de luz que invadiam sua mente antes de uma ideia foram uma dessas excentricidades que Tesla manifestou, além dos gostos e hábitos estranhos. Em relação a esses dois pontos, ele declara o seguinte:

Na minha infância, sofria de uma estranha perturbação devido ao aparecimento de imagens, geralmente acompanhadas de fortes clarões de luz, que dificultavam a visão de objetos reais e interferiam em meus pensamentos e atos. Eram retratos de coisas e cenas que eu havia realmente visto, nunca de coisas imaginadas. [...]. Durante esse período, adquiri diversos gostos, antipatias e hábitos estranhos, alguns dos quais posso atribuir a impressões externas, enquanto outros são inexplicáveis. Tinha forte aversão a brincos de mulher, mas outros ornamentos, como pulseiras, agradavam-me mais ou menos, conforme o desenho. A visão de uma pérola quase me dava um ataque, mas ficava fascinado com o brilho dos cristais ou de objetos de bordas afiadas e superfícies planas. Não tocava os cabelos de outra pessoa, a não ser que fosse obrigado a isso. Teria febre só de olhar para um pêssego, ou se houvesse um pedaço de cânfora em qualquer lugar da casa, isso me causava o maior desconforto. Ainda hoje, não sou insensível a alguns desses impulsos desagradáveis. Quando deixo cair quadradinhos de papel em um prato cheio de líquido, sempre sinto um gosto estranho e horrível na hora. Contava os passos em minhas caminhadas e calculava o conteúdo cúbico de pratos de sopa, xícaras de café e porções de comida, caso contrário minhas refeições se tornariam desagradáveis. Todos os atos repetidos ou operações que executava

⁴²⁵ TESLA, Nikola. “My Inventions. My First Efforts ...” *op. cit.*, p. 839, 840, 841.

tinham de ser divisíveis por 3, e, se não fosse certo, sentia-me obrigado a fazer tudo de novo, mesmo que levasse horas⁴²⁶.

Tesla se mostrava convicto de que suas descobertas não poderiam ser realizadas se o caminho diferisse do que ele percorreu. Daí a necessidade de descrever as excentricidades que eram características suas e que nem os estudiosos de Psicologia e Fisioterapia, como ele mesmo declarou, conseguiram solucionar. Logo no início do segundo capítulo, ele justifica o compartilhamento dessas experiências com o público e chama a atenção dos estudiosos para o seu caso:

Vou abordar brevemente essas experiências extraordinárias, por causa do possível interesse que possam ter para os estudiosos de Psicologia e Fisiologia, e também porque esse período de agonia teve consequências importantes em meu desenvolvimento mental e nos trabalhos subsequentes⁴²⁷.

De acordo com o próprio autor, ele nunca conseguiu manter o controle sobre essa estranha experiência, que geralmente ocorria em situações em que ele se encontrava em perigo ou sob intensa exaltação⁴²⁸. O fato é que ao invés de perceber isso como uma doença, Tesla estava convicto e concebia essas inusitadas características como uma notável predisposição, que lhe garantia ser um inventor diferente dos demais. E é assim que ele a apresenta, não como uma doença, pois como ele enfatiza, “[...] não eram alucinações como aquelas produzidas por mentes enfermas e angustiadas, pois em outros aspectos eu era normal e tranquilo”⁴²⁹. As visões de Nikola Tesla teriam lhe possibilitado, além de ter ideias para salvar-lhe a vida, viajar por terras desconhecidas através de sua imaginação, na tentativa de se livrar de aparições perturbadoras; mesmo não dominando o fluxo das imagens, o pensamento em outras coisas gerava um alívio temporário⁴³⁰:

Eu começava a vagar para além dos limites do mundinho do qual tinha conhecimento, e via novas cenas. [...]. Toda noite (e às vezes durante o dia), quando sozinho, eu partia para as minhas viagens - via novos lugares, cidades e países; vivia lá, conhecia pessoas, fazia amizades e tratava relacionamentos e, embora isto seja inacreditável, é fato que elas me eram tão caras como as da vida real e nem um pouco menos intensas em suas manifestações⁴³¹.

⁴²⁶ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 697, 745, 746.

⁴²⁷ TESLA, Nikola. “My Inventions. My First Efforts ...” *op. cit.*, p. 776.

⁴²⁸ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 697.

⁴²⁹ *Ibidem*, p. 697.

⁴³⁰ *Ibidem*, p. 697.

⁴³¹ *Ibidem*, p. 744.

Ao longo da obra, o autor evidencia que a autoconfiança e o autocontrole que desfrutava totalmente na maturidade, e que lhe possibilitou ir além do que suas origens lhe permitiam, foi em razão da preocupação com o seu eu interior. Ainda no início da obra, por exemplo, ele vincula essa predisposição de inventor com seus primeiros esforços, que certamente foram tomados por ele como elementos direcionadores para definir sua função no mundo:

Nossos primeiros esforços são induções puramente instintivas de uma imaginação vívida e indisciplinada. À medida que ficamos mais velhos, firma-se a razão e nos tornamos mais sistemáticos e articulados. Mas esses primeiros impulsos, embora não sejam imediatamente produtivos, são do maior momento e podem moldar nossos próprios destinos. De fato, hoje sinto que, se eu os tivesse entendido e cultivado em vez de suprimi-los, teria acrescentado um valor substancial ao meu legado ao mundo. Mas só me dei conta de que era um inventor quando alcancei a maturidade⁴³².

Em toda a obra, a única pessoa privilegiada, e que na mente de Nikola Tesla estava em um lugar superior ao seu, era o seu irmão Dani, que também compartilhou dos mesmos clarões de luz que perpassavam ocasionalmente sua mente⁴³³. Ele acreditava que a experiência traumática da morte do irmão, somada à reação dos seus pais em relação à sua evidente mente inventiva, foram motivos para o seu tardio despertar. A morte do irmão foi ocasionada por um cavalo de raça árabe, que o arrastou até a morte. Esse mesmo cavalo tinha sido o responsável por salvar a vida do seu pai, em outro momento. Ele faz uma elegia ao irmão na autobiografia:

Eu assisti à trágica cena, e, embora já se tenham passado muitos anos, minha impressão visual não perdeu nada de sua força. A lembrança dos talentos dele fazia todo empenho meu parecer estúpido em comparação a ele. [...] Qualquer coisa digna de mérito que eu realizasse só fazia meus pais sentirem ainda mais a perda dele. Assim, cresci com pouca confiança em mim mesmo. Mas estava longe de ser considerado um menino estúpido, a julgar por um incidente de que ainda guardo forte recordação. Certo dia, os conselheiros municipais passavam por uma rua onde eu brincava com outros garotos. O mais velho desses veneráveis cavaleiros, um cidadão muito rico, parou para dar uma moeda de prata a cada um de nós. Ao se dirigir a mim, parou bruscamente e ordenou: “Olhe nos meus olhos”. Mirei o seu olhar, com a mão estendida para receber a tão valiosa moeda, quando, para meu pesar, ele disse: “Não, você não. Você não vai ganhar nada de mim. Você é muito esperto”. Costumavam contar uma história engraçada a meu respeito. Eu tinha duas tias velhas de rosto enrugado, e uma delas tinha dois dentes salientes como as pressas de um elefante, que ela cravava em meu rosto toda vez que me beijava. Nada me assustava mais do que a perspectiva de ser beijado por essas parentas

⁴³² TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 696.

⁴³³ *Ibidem*, p. 697.

carinhosas e pouco atraentes. Aconteceu um dia que, estando eu no colo de minha mãe, elas me perguntaram qual das duas era a mais bonita. Depois de examinar seus rostos com atenção, respondi ponderadamente, apontando para uma delas: “Essa aí não é tão feia como a outra”⁴³⁴.

As passagens acima, privilegiadas pelo autor, apresentam pontos que garantem ao leitor a verificação de sua perspicácia desde a infância. Nikola Tesla reforça que reconhecer a extraordinária inteligência que dispunha seu irmão não lhe tirava a convicção de que também desfrutava de grandes ideias. Seu desconforto e a pouca confiança, que ele afirmava ter, nunca o levaram a se considerar estúpido. A recorrência às aflições da juventude são justificadas para demonstrar ao público que, mesmo ele já realizando coisas extraordinárias com esse sentimento, poderia ter ido além, no seu afã e na mudança que acreditava inspirar. A própria busca pela autoconfiança e autocontrole foram acontecimentos que o autor priorizou, certamente porque contribuiriam para dar o sentido que ele pretendia dar à sua existência. Segundo ele:

Até os 8 anos de idade, meu caráter era fraco e hesitante. Não tinha coragem nem força para tomar decisões firmes. Meus sentimentos vinham em ondas e surtos. Meus desejos eram imperiosos e multiplicavam-se com as cabeças da hidra. Era oprimido por pensamentos dolorosos sobre a vida e a morte e pelo temor religioso. Era dominado por crenças supersticiosas e vivia com pavor constante do espírito do mal, de fantasmas e de ogros e outros monstros malignos das trevas. Então, de repente, ocorreu um tremenda mudança que alterou o curso de toda a minha existência. Eu gostava dos livros acima de todas as coisas. Meu pai tinha uma grande biblioteca e, sempre que podia, eu tentava satisfazer a minha paixão pela leitura. Ele não permitia isso e tinha acessos de raiva quando me pegava em flagrante. Escondia as velas quando achava que eu estava lendo às escondidas. Não queria que eu estragasse minha vista. Mas eu arranjei sebo, fiz o pavio e moldei os bastões em forma de lata, e toda a noite tapava o buraco da fechadura e as fendas e lia, muitas vezes até o amanhecer, enquanto todos os demais dormiam e minha mãe dava início à sua árdua tarefa diária. Certa vez, topei com um romance chamado Aoafi, (o filho de Aba), uma tradução sérvia de um famoso escritor húngaro, Josika. Esse livro de certa forma despertou os poderes adormecidos da minha vontade e eu comecei a praticar o autocontrole. [...]. No início, meus desejos tinham de ser dominados, mas aos poucos o desejo e a vontade tornaram-se idênticos. Depois de anos nessa disciplina, obtive um domínio tão completo de mim mesmo, que brincava com paixões que teriam significado a destruição para os homens mais fortes⁴³⁵.

O trecho acima demonstra a insatisfação do seu pai pelo caminho que Tesla começava a enveredar. E ele ressalta talentosamente seu ímpeto em seguir a carreira de

⁴³⁴ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 696, 697.

⁴³⁵ *Ibidem*, *op. cit.*, p. 746.

inventor, embora não desejasse desrespeitar a decisão de seu pai, com o prosseguimento de sua vida religiosa. Assim, Tesla ficou atento à seleção dos fatos que elegeu e, entre esses acontecimentos que possibilitaram decidir seu caminho, ele aponta não só as circunstâncias em que conseguiu a aprovação do seu pai, mas também a contribuição tanto dele, como de sua mãe, para o desenvolvimento de sua mente criativa:

Pensando bem, eu havia sido destinado desde o nascimento à profissão clerical, e esta ideia me oprimia constantemente. Eu queria ser engenheiro, mas meu pai era inflexível. Ele era filho de um oficial que servira no exército do Grande Napoleão e, como seu irmão, professor de matemática numa importante instituição, recebera uma educação militar; mas, curiosamente, mais tarde ele entrou para o clero e nesta vocação alcançou uma posição eminente. Ele era um homem muito erudito [...]. Tinha uma memória prodigiosa e frequentemente recitava longos trechos de obras em diversas línguas [...]. Embora eu deva atribuir à influência de minha mãe qualquer inventividade que possua, o treinamento a que ele me submeteu deve ter sido útil. Era composto de todo tipo de exercícios – tais como adivinhar os pensamentos um do outro, descobrir os defeitos de alguma forma de expressão, repetir longas sentenças ou efetuar cálculos mentais. Essas aulas diárias visavam fortalecer a memória e a razão e, sobretudo, desenvolver o senso crítico, e foram sem dúvidas muito benéficas. [...] Minha mãe descendia de uma das famílias mais antigas da região e de uma linguagem de inventores. [...] e creio que teria conseguido grandes coisas se não estivesse tão distante da vida moderna⁴³⁶.
[...]

Durante todos aqueles anos, meus pais nunca voltaram atrás em sua decisão de me fazer abraçar a carreira eclesiástica, o que, só de pensar, me apavorava. Eu adquirira grande interesse pela eletricidade, sob a estimulante influência do meu professor de Física, um homem engenhoso, que sempre demonstrava os princípios por meio de aparelhos de sua própria invenção. [...]. Justo quando me preparava para a longa vigem de volta para casa, recebi a notícia de que meu pai queria que eu participasse de uma expedição de caça. Era um pedido estranho, pois ele sempre se opusera tenazmente a esse tipo de esporte. Poucos dias depois, porém, soube que a cólera estava devastando o distrito e, aproveitando a oportunidade, voltei para a Gospić, a despeito da vontade de meus pais. É incrível como o povo era absolutamente ignorante acerca das causas desse flagelo, que atingia o país a cada quinze ou vinte anos. Achavam que os agentes letais fossem transmitidos pelo ar e saturavam-no de odores repelentes e fumaça. “Entretanto bebiam a água contaminada e morriam em massa”. Contraí a terrível doença no mesmo dia de minha chegada e, embora sobrevivesse à crise, fui confinado à cama durante nove meses, mal conseguindo me mover. Minhas energias estavam completamente esgotadas e, pela segunda vez, me vi às portas da morte. Num dos momentos de crise que julgaram ser o último, meu pai entrou correndo no quarto. Ainda vejo seu rosto lívido enquanto tentava animar-me com palavras que demonstrassem confiança. “Talvez,” disse eu, “eu possa recuperar-me se o senhor me deixar estudar Engenharia”. “Você irá à melhor escola técnica do mundo”, respondeu ele solenemente, e eu, sabia que estava falando sério. Aquilo me aliviou minha

⁴³⁶ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 697.

mente de um pesado fardo, mas o alívio teria chegado tarde demais se não fosse uma cura maravilhosa produzida por uma decoração amarga de determinada fava⁴³⁷.

O Nikola Tesla que encontramos na autobiografia é um sujeito com plena convicção do lugar que deveria ocupar no mundo. Sua obra só foi possível por sua crença no papel que ele estava destinado a cumprir. Suas invenções são os elementos que ele utiliza para dar sentido à sua existência. Diante da necessidade de testemunhar, a escrita autobiográfica permiti-lhe impor-se como um inventor, e um inventor ideal, que busca tanto salvar a humanidade das forças naturais, como também alertá-la dos perigos de não se preocupar com o seu “eu” e esquecer-se de sua verdadeira essência.

No entanto, é preciso ressaltar que tal lugar que Tesla acreditava ocupar ainda não existia. O mundo ainda não estava pronto para dar-lhe sua posição de direito. Chegamos, então, à segunda concepção que norteia a autobiografia: o mundo que existe e aquele que deveria existir. É nele que Tesla possui seu lugar definido.

2.2.2 O Mundo Existente: As Críticas

As características das pessoas, da sociedade - das personagens que aparecem na autobiografia de Tesla - não são apenas colocadas como diferentes das suas. Na maior parte das vezes, “o outro”, na obra, aparece como um obstáculo para sua vida, um impedimento que dificultou sua trajetória de inventor para o qual foi destinado. No entanto, embora “o outro” receba denominações diversas, Tesla reduz todos esses obstáculos sob os termos “leis da natureza”. Para ele, existe uma entidade metafísica, uma força capaz de manifestar-se em indivíduos ou grupos, como a “sociedade” ou mesmo a “humanidade” e o “mundo”. Este, sob a direção dessa força sobrenatural, recebeu a culpa pelas desventuras vivenciadas por esse inventor. É notória a relação de alteridade que ele estabelece com o mundo. A forma como ele é caracterizado na autobiografia demonstra que não houve identificação da parte desse sujeito pelo lugar em que viveu. Ele é evidenciado como um muro destinado a impedir a realização de suas invenções. Como vimos anteriormente, esse inventor afirmou que o atraso dos seus

⁴³⁷ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Later Endeavors: The Discovery of the Rotating Magnetic Field”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 6, n. 12, Apr., 1919., p. 865.

projetos de transmissão mundial, seu maior e melhor invento, ocorreu devido às “leis da natureza”, e que o “[...] mundo não estava preparado para eles. Estavam muito à frente no tempo [...]”⁴³⁸. Para ele, suas invenções são revolucionárias, e a falta de reconhecimento que sofreram foi devido à inferioridade do lugar em que vivia, diante da grandeza dessas inovações.

Assim, Tesla adota uma postura crítica em relação ao mundo existente e delineia-o, apontando seus problemas. Tal concepção perpassa toda a autobiografia. A certeza que procura afirmar é a de que a humanidade, regida por uma força transcendente, desviou-se de sua verdadeira essência, deturpou seus mecanismos inatos, tomando para si princípios nocivos. Ao desprezar o que lhe possibilitava entrar em contato com sua inclinação natural, como fruto, a humanidade arriscava-se a ruir física e intelectualmente, colhia um desenvolvimento tecnológico estéril de consequências humanitárias, estava cega quanto às competências próprias à raça humana, totalmente desenvolvidas nos “humanos” por excelência, os inventores, e vivia um conflito mundial que apenas teoricamente havia acabado.

Para Tesla, existe algo que poderíamos apontar como uma essência do homem. Ele acreditou na igualdade entre esses seres, e inclusive apontou os elementos que uni todos os homens na terra:

[...] nossos corpos são constituídos de forma semelhante e estão expostos às mesmas influências externas. Disso deriva uma resposta semelhante e uma concordância das atividades gerais em que se baseiam as nossas normas e leis, sociais e outras. [...]. Os movimentos e outras ações que executamos estão sempre ligados à preservação da vida e, ainda que aparentemente somos bastante independentes uns dos outros, estamos conectados por laços invisíveis [...]⁴³⁹.

Segundo Tesla, existe uma inclinação natural do homem à preservação da espécie. Embora essa inclinação seja sua essência, é preciso que ele se esforce em trazê-la à tona. Isso se dá pela introspecção. Tesla, como vimos, afiança “o valor inestimável da introspecção para a preservação da vida e como meio de realização”⁴⁴⁰. Esse valor a humanidade perdeu. Em sua descrição, o mundo é formado por pessoas cada vez mais preocupadas com os elementos exteriores. Incapazes de buscar fundamentos para os fenômenos em que estão envolvidas, se satisfazem com observações deficientes, que de acordo com ele seriam “responsáveis por muitas noções doentias e muitas ideias estúpidas”⁴⁴¹. Tesla ainda acrescenta que essa tendência

⁴³⁸ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Magnifying ...”, *op. cit.*, p. 178.

⁴³⁹ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art ...”, *op. cit.*, p. 556.

⁴⁴⁰ TESLA, Nikola. “My Inventions. My First Efforts ...” *op. cit.*, p. 843.

⁴⁴¹ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art ...”, *op. cit.*, p. 554.

era comum até entre as “as cabeças mais esclarecidas da população americana”⁴⁴². Ele denominou de “noções doentias” concepções de certos grupos que se formavam nesse período para compreender fenômenos espirituais. A respeito disso, ele relata, por exemplo, uma visita que recebeu dos engenheiros da *Ford Motor Company*:

Pouco antes da guerra, quando a exibição de minhas turbinas nessa cidade suscitou comentários generalizados na imprensa técnica, previ que os fabricantes brigariam para conseguir este invento e eu tinha os olhos postos naqueles homens de Detroit que tinham capacidade assombrosa para acumular milhões. Estava tão seguro de que ele apareceria que manifestei como se fosse certo a minha secretaria e a meus assistentes. Efetivamente, numa bela manhã, um corpo de engenheiros da *Ford Motor Company* se apresentou com a petição de discutir comigo um projeto importante. “Não falei? ”, comentei triunfante a meus empregados, e um deles disse: “ Você é assombroso, senhor Tesla; cada coisa sai exatamente como você prediz”. Tão logo quando esses homens de cabeça dura se sentaram, eu comecei a exaltar as maravilhosas características de minha turbina; então, o porta voz me interrompeu e disse: “ Tudo isso sabemos, mas trazemos um convite especial. Temos criado uma sociedade psicológica para a investigação de fenômenos psíquicos e queremos que você se una a nós nessa empresa”. Suponho que aqueles engenheiros nunca souberam o quanto estiveram perto de serem expulsos de minha oficina⁴⁴³

Mas as consequências, é claro, do desprezo do homem pela atenção em si mesmo, sua inclinação natural, não se resumem às crenças em certas ações sobrenaturais. Os riscos são maiores. Se se perde o contato com essa essência, responsável pela preservação da vida, é esta que fica em jogo. De acordo com ele:

[...]A pressão de nossas ocupações e o incessante fluxo de impressões que se lançam em nossa consciência através de todas as portas do conhecimento, fazem com que a existência moderna seja arriscada de muitas formas. A maioria das pessoas estão tão ocupadas com a contemplação do mundo exterior que estão totalmente alheias ao que está passando dentro de si mesmas⁴⁴⁴.

Em outro momento, ele volta a insistir, afirmando que “a imensa maioria dos seres humanos nunca está consciente do que se passa ao seu redor e dentro de si mesmos, e milhões são vítimas de doenças e morrem precocemente exatamente por isso”⁴⁴⁵. É interessante perceber que, para Tesla, esse instinto vital capacita o homem a desenvolver, física e intelectualmente,

⁴⁴² TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art ...”, *op. cit.*, 554.

⁴⁴³ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art ...”, *op. cit.*, p. 554.

⁴⁴⁴ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 776.

⁴⁴⁵ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art ...”, *op. cit.*, p. 554.

competências que o fazem manter-se de pé. Por desprezá-lo, para o inventor, os engenheiros da Ford Motor Company não perceberam o absurdo de investigar fenômenos psíquicos e também, por desprezá-lo, milhares de pessoas são vítimas de doenças. E os malefícios continuam.

“O desenvolvimento progressivo do homem é vitalmente dependente da invenção”⁴⁴⁶. De certo tipo de invenção, não de todas. Aí não estão incluídas as invenções realizadas apenas com vistas ao desenvolvimento industrial ou para fins comerciais. Esses princípios não confluem para a melhoria das relações humanas, para o aperfeiçoamento da vida, para a unificação e harmonia da humanidade. Certamente, para Tesla, existem “problemas que são infinitamente mais importantes que o mero desenvolvimento industrial”⁴⁴⁷. Quanto aos fins pragmáticos e comerciais, ele afirma que “considerações de mera utilidade contam pouco em comparação com os grandes benefícios para o progresso da civilização”⁴⁴⁸. A tecnologia pode e deve aperfeiçoar a vida humana, e “o maior proveito virá de melhorias técnicas que contribuam para a unificação e a harmonia”⁴⁴⁹. Entretanto, essa perspectiva, essa visão só pode ser alcançada por indivíduos perspicazes, em contato com seu instinto natural, com sua inclinação, que os faz enxergar para além das vaidades tecnológicas pragmáticas e lucrativas.

Esse espírito nocivo, contrário à introspecção, seria responsável, na concepção de Tesla, pelo retrocesso da sociedade em relação às invenções que propunham mudanças radicais, cuja adesão requeria um pensamento desapegado do mero aproveitamento de investimentos em tecnologias ultrapassadas. Discorrendo sobre sua turbina, Tesla relata:

Ela representa uma mudança radical, no sentido de que seu sucesso significaria o abandono dos tipos antiquados de motores principais, em que foram gastos milhões de dólares. Em tais circunstâncias o progresso tem que ser lento, e talvez o maior empecilho sejam os preconceitos criados nas mentes dos especialistas pela oposição organizada.⁴⁵⁰

Sem dúvida, a classe dos inventores também foi contaminada, na perspectiva de Tesla. O meio que deveria valorizar indivíduos muito sensíveis e observadores, dotados de uma alta capacidade introspectiva, imaginativa e criativa, os menosprezava ou os ignorava. As características intrínsecas a um grande inventor não eram reconhecidas. É o caso da valoração de métodos inventivos pouco frutíferos. Sobre isso, Tesla se contrapõe a Edison, na autobiografia, indiretamente. Em certa passagem, ele relata que a experiência que tinha com os

⁴⁴⁶ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 696.

⁴⁴⁷ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Magnifying ...”, *op. cit.*, p. 148.

⁴⁴⁸ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art ...”. *op. cit.*, p. 508.

⁴⁴⁹ *Ibidem*, p. 508.

⁴⁵⁰ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Magnifying ...”, *op. cit.*, p. 112.

fenômenos luminosos, os “clarões de luz” que apontamos no tópico anterior, acabaram, inconscientemente, contribuindo para o desenvolvimento de um método de trabalho que ele julgava ser novo. Ele assegurava sua capacidade de construir um invento em sua mente, sem a necessidade de experimentação. A esse respeito ele declara o seguinte:

[...]Observei, então, para minha satisfação, que conseguia visualizar pensamentos com a maior facilidade. Não precisava de modelos, desenhos ou experimentos. Podia representá-los em minha mente como se fossem reais. Assim fui conduzido de maneira inconsciente a desenvolver o que considero um novo método de concretizar conceitos e ideias engenhosas, que é radicalmente oposto ao puramente experimental e que, em minha opinião, é muito mais rápido e eficiente. Quando alguém constrói um instrumento para pôr em prática uma ideia em estado bruto, ele se encontra, inevitavelmente, sobrecarregado com os detalhes e defeitos do aparelho. À medida que segue melhorando e reconstruindo, a intensidade de concentração diminui, e ele perde de vista o grande princípio fundamental subjacente. É possível obter resultados, mas sempre à custa da qualidade.

Meu método é diferente. Eu não me precipito ao trabalho real. Quando tenho uma ideia, começo de imediato a construí-la em minha imaginação. Mudo a construção, faço melhorias e opero o aparelho em minha mente. Para mim é absolutamente irrelevante se a turbina está funcionando em minha cabeça ou se a provo em minha oficina. Inclusive percebo se está desequilibrada. Não existe absolutamente nem uma diferença, os resultados som os mesmos. Desse modo, sou capaz de aperfeiçoar e desenvolver rapidamente um conceito sem tocar em nada. Quando chego ao ponto de incorporar na invenção melhorias possíveis que concebo e não vejo defeito em nenhum lugar, ponho esse produto final do meu cérebro na forma concreta. Invariavelmente, a minha invenção funciona como imaginei que faria, e o experimento sai exatamente como planejei. Em vinte anos, não houve uma única exceção. Por que seria diferente? A engenharia – elétrica e mecânica – conduz a resultados positivos. É difícil encontrar um assunto que não possa ser tratado matematicamente, cujo resultado não possa ser antecipadamente determinado, a partir de dados teóricos e práticos disponíveis.⁴⁵¹

A passagem acima é bastante elucidativa em relação à diferenciação do modelo de invento adotado por Tesla e Edison. Nela, percebemos que, ao mesmo tempo em que Tesla criticava o modo de criação de Edison, ele valorizava a forma do desenvolvimento das suas invenções. De uma forma indireta, Tesla caracterizou o trabalho de Edison dando-lhe um caráter negativo, já que o trabalho prático valorizado pelo inventor estadunidense perdia de vista o que de fato se desejaria criar. Ora, Edison representa o tipo de inventor realmente reconhecido pela sociedade em geral e seu método, o modelo valorizado pela classe dos inventores e seus investidores. Ainda quanto aos inventores, Tesla mostra sutilmente, na esteira da crítica pelo desprezo ao pensamento introspectivo, sua repulsa pelo desprezo da erudição.

⁴⁵¹ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 744.

O encontro com Edison foi um evento memorável em minha vida. Estava fascinado por aquele homem maravilhoso que, sem privilégios, nem formação científica, havia conseguido tanto. Eu havia estudado uma dúzia de línguas, adentrado a arte e a literatura, passado meus melhores anos em bibliotecas lendo tudo o que caía em nas mãos, desde de o *Principia*, de Newton, aos romances de Paul de Kock, e sentia que havia desperdiçado a maior parte de minha vida. Mas não demorei a reconhecer que aquilo tinha sido a melhor coisa que poderia ter feito. Em poucas semanas, havia conquistado a confiança de Edison, o que aconteceu assim.

O S.S Oregon, o navio de passageiros mais rápido da época estava com ambos os dispositivos de iluminação quebrados, e sua partida estava atrasada. Como a superestrutura fora construída depois de sua instalação, era impossível removê-los de onde estavam. A situação era grave, e Edison estava muito aborrecido. À noite, levei comigo os instrumentos necessários e encontrei a bordo do navio, onde passei a noite. Os dínamos estavam em mau estado, com muitos curtos-circuitos e rachaduras, mas com o auxílio da tripulação, consegui coloca-los em ordem. Às 5 horas da manhã, ao passar pela Quinta Avenida a caminho a fábrica, deparei com Edison, Batchelor e alguns outros, quando voltaram para casa para descansar. “Eis aí o nosso parisiense dando seus passeios noturnos”, disse ele. Quando lhe disse que estava vindo do *Oregon* e que havia consertado ambas as máquinas ele me olhou em silêncio e afastou-se sem dizer palavras. Mas quando ele havia se afastado um pouco, ouvi seu comentário: “Batchelor, esse senhor é um bom homem”, e daí em diante tive total liberdade para realizar meu trabalho.⁴⁵²

Embora primeiramente mostre certa admiração por Edison, devido aos seus feitos, Tesla, ao longo da passagem acima, enaltece justamente uma virtude depreciada pelo inventor estadunidense. A literatura, a arte, a leitura de obras importantes para a história da ciência oferecem, para Tesla, alimento para sua mente criativa. A erudição, muito mais do que um mero passatempo, potencializa o pensamento inventivo, propiciando um terreno fértil para o impulso originário da invenção. Isso se estende desde a um simples conserto de dínamos em mau estado até a grandes descobertas ressaltadas por Tesla. Sobre como criou seu motor, ele conta:

Certa tarde, que sempre estará presente em minha memória, eu fazia uma caminhada com um amigo no parque da cidade e recitava poesias. Naquela idade, sabia livros inteiros de cor, palavra por palavra. Um deles era o *Fausto*, de Goethe. O sol estava se pondo e me fez lembrar de uma passagem gloriosa [...]. Enquanto pronunciava essas palavras inspiradoras, veio-me a ideia como um clarão de relâmpago, e em um instante a verdade se revelou. Desenhei com uma vara na areia o diagrama mostrado seis anos depois em minha palestra diante do *American Institute of Electrical Engineers*, e meu amigo o compreendeu perfeitamente. As imagens que via eram maravilhosamente nítidas e claras, tinham a solidez do metal e da rocha, tanto que lhe disse: “Veja aqui o meu motor, observe como eu o inverte”.⁴⁵³

⁴⁵² TESLA, Nikola. “My Inventions. The Discovery of the Tesla Coil and Transformer”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 7, n. 1, May, 1919, p. 64.

⁴⁵³ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Later Endeavors...”, *op. cit.*, p. 909.

As “palavras inspiradoras” de Goethe prepararam e facilitaram o surgimento da faísca a partir da qual Tesla inventou seu motor. Por isso, a erudição é, para o inventor, de extrema importância, já que se torna uma forte aliada do pensamento criativo. Ela favorece aquele instinto, aquela sensibilidade necessária à criação, que se situa em uma esfera diferente daquela do raciocínio prático ou mesmo do raciocínio lógico. “O instinto é algo que transcende o conhecimento. Temos, sem dúvida, certas fibras mais finas que nos permitem perceber verdades quando à dedução lógica, ou qualquer outro esforço deliberado do cérebro, é fértil.”⁴⁵⁴ Certamente, em Tesla, essas fibras são potencializadas pela literatura e a arte, pela erudição.

Ela nos torna mais sensíveis, aguça nosso discernimento e propicia a criação. Mas isso não está relacionado apenas ao inventor. Pois o inventor por excelência é aquele que possibilita a preservação da raça humana, aperfeiçoando-a. É

um ser muito sensível e observador, com seu mecanismo altamente desenvolvido intacto. [...] [ele age] com precisão segundo as condições mutáveis do ambiente, é dotado de um sentido mecânico transcendente, que lhe permite escapar dos perigos sutis demais para serem diretamente percebidos.⁴⁵⁵

Se a essência do homem é a busca pela preservação da vida, o inventor é um indivíduo em pleno contato com seu mecanismo natural. Isso quer dizer que a erudição colabora, no fundo, para trazer à tona tal essência que a humanidade, mais particularmente a sociedade dos inventores, regida pelas leis da natureza, estava a desconsiderar.

O problema, como se vê, volta-se para as leis da natureza, uma entidade sobrenatural cujo poder governa a todos. Essas leis, para Tesla, moldaram e fizeram um mundo em que a essência humana estava se perdendo e com que ele não se identificava. Como se percebe, ele delinea o mundo existente a partir da ruína física e intelectual, da adoção de princípios nocivos, como o pragmatismo e o lucro, da deturpação da classe dos inventores, da desvalorização do alimento do pensamento criativo. Mas não apenas assim. A perda da essência humana, o retardo do progresso da humanidade, leva, segundo Tesla, também ao esgotamento das relações humanas. Poderíamos citar os rumos progresso tecnológico em direção ao mero desenvolvimento industrial como exemplo, mas há um outro em que o inventor é ainda mais categórico. Para Tesla, esse foi o motivo da Primeira Guerra Mundial, sua perpetuação

⁴⁵⁴ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Later Endeavors...”. *op. cit.*, p. 907.

⁴⁵⁵ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art ...”, *op. cit.*, p. 600.

silenciosa, em sua concepção e, ele fala em 1919, será também o motivo da explosão de um segundo conflito mundial:

A guerra não pode ser evitada até que a causa física de sua ocorrência seja suprimida, e esta, em última análise, é a vasta extensão do planeta em que vivemos. Só com o aniquilamento da distância sob todos os aspectos, como a transmissão de informações, o transporte de passageiros e suprimentos e a transmissão de energia, as condições serão um dia atingidas, garantindo a permanência das relações amigáveis. Aquilo de que mais precisamos hoje é um contato mais próximo e um maior entendimento entre os indivíduos e as comunidades do mundo inteiro, e a eliminação da devoção fanática a ideais exaltados de egoísmo e orgulhos nacionais, sempre prontos para mergulhar o mundo na barbárie e nos conflitos primitivos. Nenhum partido ou decisão parlamentar jamais poderá impedir tal calamidade.⁴⁵⁶

Por isso, em Tesla, o avanço da humanidade no sentido apontado por sua essência, a preservação da vida, está atrelado também à melhoria das relações humanas. Não é por acaso que ele sublinha, entre os inúmeros benefícios proporcionados pela tecnologia, a contribuição para “a unificação e a harmonia”⁴⁵⁷. De acordo com ele, “a paz só pode vir como consequência natural da educação universal e da mistura das raças e ainda estamos longe dessa feliz realização”⁴⁵⁸.

A guerra é a última caracterização do mundo existente, esboçado na autobiografia, para o qual são endereçadas várias críticas. As leis da natureza o fizeram assim. Elas impediram a aceitação de suas invenções, cruciais para o desenvolvimento progressivo da raça humana. O transmissor amplificador, juntamente com a teleautomática, poderiam ter evitado o conflito mundial, na sua perspectiva.

No entanto, Tesla chama a atenção também, em sua obra, para um fato curioso. Ele quase morreu afogado, enterrado vivo, congelado, comido por cachorros loucos, porcos e outros animais selvagens, quase sucumbiu a doenças terríveis, mas sobreviveu⁴⁵⁹. “Minha preservação não foi de todo acidental”⁴⁶⁰. Um poder sobrenatural o conservou em vida. De fato, para Tesla, as leis da natureza não são revestidas de um caráter absolutamente negativo. Elas atrasaram a aceitação de suas invenções, é certo. Mas, ao final do terceiro capítulo da autobiografia, depois de afirmar a causa do atraso em questão, ele assinala, “mas essas mesmas leis vão, por fim,

⁴⁵⁶ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art ...”, *op. cit.*, p. 552.

⁴⁵⁷ *Ibidem*, p. 508

⁴⁵⁸ *Ibidem*, p. 552.

⁴⁵⁹ TESLA, Nikola. “My Inventions. My First Efforts ...” *op. cit.*, p. 839

⁴⁶⁰ *Ibidem*, p. 839.

prevalecer e transformá-los em sucesso triunfal”⁴⁶¹. O motivo do retardo é a necessidade de mudança. O mundo deve ser alterado, as leis da natureza devem transformá-lo, tornando-o propício para o desenvolvimento da verdadeira essência da raça humana. É nesse mundo transformado que Tesla afirma encontrar, de fato e de direito, seu lugar natural, pois nele reconhecer-se-ia o inventor como a excelência da raça e suas construções, a causa da existência da humanidade.

2.2.3 O Caminho para a concretização do tempo vindouro

Todavia esse tempo ainda não chegara. O mundo transformado não se substancializara e Tesla o projetava apenas enquanto um ideal. Muito pelo contrário, o mundo existente caminhava para sua própria destruição. A continuação da Primeira Guerra Mundial era iminente. “O terrível conflito da Primeira Guerra Mundial ainda é a principal preocupação, e talvez a maior importância será dada ao transmissor amplificador.”⁴⁶² Tesla acreditou ser capaz de ver o final apocalíptico, mas também, a solução para a catástrofe. Ela existia e ele construiu seu projeto. No entanto, havia um grande obstáculo a ser superado. Uma enorme mudança se fazia necessária: transformar concepções:

Muitos técnicos competentes em seus campos específicos, mas dominados por um espírito pedante e míope, afirmaram que, com exceção do motor de indução, dei ao mundo pouca coisa de uso prático. Trata-se de um erro grave. Não se deve julgar uma nova ideia por seus resultados imediatos. Meu sistema de transmissão de energia por corrente alternada veio num momento psicológico favorável, como resposta há muito esperada para questões industriais prementes, e embora uma considerável resistência tivesse de ser superada e interesses opostos conciliados, como de costume, o lançamento comercial não podia ser adiado por muito tempo.⁴⁶³

O “momento psicológico” da humanidade era receptivo apenas a invenções que alimentavam o interesse industrial. O “espírito míope”, apesar de Tesla atribuí-lo a um grupo específico, na passagem em questão, não se manifestava nele somente. Como vimos no tópico anterior, para o inventor, o mundo o tinha e isso se mostrava de distintas formas. De que adianta

⁴⁶¹ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Magnifying ...”, *op. cit.*, p. 178.

⁴⁶² TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art ...”, *op. cit.*, p.552.

⁴⁶³ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Magnifying ...”, *op. cit.*, p. 112.

ter o remédio se ele não é visto como tal? A debilidade da visão da humanidade estava por empurrá-la para o seu próprio fim.

A autobiografia aparece, portanto, como um veículo através do qual seria possível salvar a humanidade do colapso para o qual a mesma transitava, inexoravelmente. Porque através dos seus escritos, o espírito míope poderia ser exorcizado. Por isso a insistência sobre a importância da introspecção. Essa é a principal diferença apontada pelo autor entre ele mesmo e a humanidade. “[...] eu floresci por meio dos meus pensamentos,”⁴⁶⁴ Tesla afirma logo no início de sua autobiografia. É também a pior privação que a humanidade se permitiu. Tudo isso porque, como vimos, é pela introspecção que reconhecemos nossa essência. É esse alerta que Tesla, na e pela autobiografia, procura veicular. Por seu conteúdo, devido à insistência tão reiterada, o chamado à busca pela inclinação natural é evidente. Por sua forma, porque, como vimos no primeiro capítulo dessa dissertação, Tesla escolheu fazer uma autobiografia, visando divulgar sua verdade a respeito de si e do mundo de maneira imediata. Conteúdo e forma foram selecionados, perspectivando atuar em seu presente e modificar as circunstâncias que lhe causavam tanto infortúnio.

Tesla busca, assim, demonstrar a verdade acerca da humanidade e sua essência perdida. Busca trazê-la à ideia da necessidade do reencontro com sua inclinação natural, a preservação da espécie. Após tal reconhecimento, as escamas caíam e a humanidade enxergaria em Tesla a resposta para essa volta absoluta em direção à sua verdadeira natureza. Segundo ele, a transformação do mundo não se daria apenas com a aceitação e reconhecimento da essência humana. A situação grave na qual o mundo se encontrava, a iminência de outra guerra, requeria também, como dissemos, uma solução mais enérgica. Por acreditar possuí-la, e também por causa de sua perspicácia excelsa, Tesla teria sido poupado da morte pelas leis da natureza, a fim de salvar a humanidade da condição em que elas mesmas o submeteu. Tesla se apresenta como um escolhido para inventar aquilo que livraria de vez a humanidade do colapso. Essa escolha exigiu-lhe todos os seus esforços:

Nenhum assunto a que me tenha dedicado exigiu tanta concentração mental e forçou tanto as fibras do meu cérebro como os sistemas que têm o transmissor amplificador como fundamento. Coloquei toda a intensidade e o vigor da minha juventude no desenvolvimento das descobertas do campo giratório, mas esses trabalhos iniciais tinham um caráter diferente. Embora exigissem tudo de mim, não envolviam esse discernimento aguçado e exaustivo que foi necessário para superar os diversos problemas da transmissão sem fio. Apesar de minha resistência física na época, os nervos exaustos por fim se rebelaram e sofri um profundo colapso, no exato momento em que a conclusão dessa

⁴⁶⁴ TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early...”, *op. cit.*, p. 696.

longa e difícil tarefa estava quase à vista. Sem dúvida mais tarde eu pagaria um preço maior ainda, e provavelmente a minha carreira seria encerrada prematuramente se a Providência não me tivesse dotado de um dispositivo de segurança que parecia aperfeiçoar-se com o passar dos anos e entrava em operações infalivelmente sempre que as minhas forças se esgotavam.⁴⁶⁵

Embora nunca tenha feito nada parecido antes, Tesla se apresenta como um homem destinado a inventar e descobrir o transmissor amplificador, a teleautomática e, o que abarca essas duas invenções, o sistema mundial de transmissão sem fio. Acerca desse conjunto, Tesla destaca:

Esta invenção é o resultado lógico de observações que tiveram início na minha infância e se prolongaram por toda a vida. Quando foram publicados os primeiros resultados, a *Electrical Review* declarou em editorial que ela se tornaria um dos “fatores mais importantes para o progresso civilizatório da humanidade”.⁴⁶⁶

Tesla reserva seus últimos capítulos para descrever minuciosamente essa invenção. É ela que oferece o que há de melhor para ser extraído da tecnologia. Em uma passagem já citada parcialmente aqui, Tesla declara:

O maior bem virá de melhorias técnicas que contribuam para a unificação e a harmonia, e o meu transmissor sem fio se aplica a isso de uma forma extraordinária. Com ele, a voz e a imagem humanas serão reproduzidas em toda parte, e fábricas utilizarão energia de quedas-d’água localizadas a milhares de quilômetro; máquinas aéreas serão lançadas ao redor da terra, sem interrupção e a energia solar será utilizada para criar lagos e rios como proposito motores e de transformação de desertos áridos em terra fértil. Sua apresentação para fins telegráficos, telefônicos, e outros semelhantes vai automaticamente reduzir a estática e todas as outras interferências que hoje impõem limites estreitos para a aplicação da transmissão sem fio.⁴⁶⁷

A consequência dessa tecnologia é a eliminação de toda e qualquer possibilidade de um novo conflito mundial e o aniquilamento imediato do conflito teórico, ou seja, a catástrofe a que Tesla se referia. Como vimos, o único meio de acabar com a guerra, para Tesla, era a

⁴⁶⁵ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art ...”, *op. cit.*, p. 506.

⁴⁶⁶ *Ibidem*, p. 552.

⁴⁶⁷ *Ibidem*, p. 508.

eliminação “da distância sob todos os aspectos.” Por isso, Tesla insistia tanto nos proveitos tirados de seu sistema de transmissão sem fio:

Com ele, por exemplo, um assinante de telefone pode ligar para qualquer outro assinante na terra. Um receptor barato, não maior do que um relógio, permitirá que se ouça em qualquer lugar, em terra ou no mar, uma conferência proferida ou uma música tocada em qualquer outro lugar, por mais distante que seja. Esses exemplos são citados apenas para darem uma ideia desse grande avanço científico, que *acaba com a distância*⁴⁶⁸ e torna a Terra, esse condutor natural perfeito, disponível para todos os inúmeros propósitos que o engenho humano encontrou para um fio condutor.⁴⁶⁹

Com o sistema de transmissão sem fio, a harmonia, a unificação, a educação universal e a mistura das raças seriam estabelecidas e a paz reinaria. Para isso, primeiro, a humanidade deveria reconhecer sua essência, o papel a ser cumprido pela autobiografia, consequentemente apontaria a solução para evitar a catástrofe, o sistema de transmissão sem fio, e finalmente, a inclinação natural seria restaurada e a humanidade progrediria novamente. Tal era o futuro esboçado por Tesla.

Sua tecnologia, de acordo com ele, seria crucial nesse processo, não somente por evitar a guerra. Como afirmamos, ao instinto natural da preservação da vida está atrelada a manutenção e melhoria das relações humanas. Essa parte da concepção de Tesla sobre a essência da humanidade constitui sua última grande reflexão descrita na autobiografia.

Na concepção de Tesla, “nada é mais convincente ao observador treinado do que a teoria mecânica da vida, que foi, em certa medida, compreendida por Descartes trezentos anos atrás.”⁴⁷⁰ Tesla reafirma o “automatismo da vida”. Embora pareçam diferentes, os homens possuem os mesmos mecanismos e dispositivos, pelos quais agem da mesma maneira, sendo expostos aos mesmos fatores externos. “Os movimentos e outras ações que executamos estão sempre ligados à preservação da vida, e embora aparentem ser completamente independentes uns dos outros, estamos ligados por laços invisíveis”⁴⁷¹. Para Tesla, a humanidade está conectada não pela semelhança, mas por um nó transcendente que une seus indivíduos, cuja prova de existência é ilustrada por Tesla a partir de sua própria experiência.

[...] sempre que outros, de algum modo específico - que poderia ser popularmente caracterizado como o mais injusto que se possa imaginar -, atingiam a mim, a outras pessoas que estava ligado, ou a uma causa a que eu

⁴⁶⁸ Grifo nosso.

⁴⁶⁹ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Magnifying ...”, *op. cit.*, p. 177.

⁴⁷⁰ TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art ...”, *op. cit.*, p. 554.

⁴⁷¹ *Ibidem*, p. 554.

me dedicava, experimentava uma dor singular e indefinível que, por falta de um termo melhor, tenho qualificado de ‘cósmico’[...].⁴⁷²

Para esse inventor, a “dor cósmica” não é sentida apenas por ele. Pode ser sentida por todos os indivíduos de posse de sua inclinação natural à preservação da raça humana.

[...] Sempre que o organismo está perfeitamente em ordem, responde com precisão aos agentes que o estimulam, mas a partir do momento em que há algum desacerto em algum indivíduo, esse poder de autopreservação é prejudicado. Todos compreendem, é claro, que se nos tornarmos surdos, se nossos olhos se debilitarem, se ferirmos nossos membros, diminui a probabilidade de uma vida prolongada. [...] [Mas, um ser com seu mecanismo intacto]. [...], quando ele entra em contato com outros seres cujos órgãos de controle sejam radicalmente defeituosos, esse sentido se faz valer e ele sente a “dor cósmica”.⁴⁷³

Portanto, faz parte da essência humana a conexão entre os indivíduos da espécie. Corolariamente, a tecnologia de Tesla, muito mais do que resolver a grave situação da iminência do confronto mundial autodestrutivo, isto é, uma circunstância específica, era crucial para trazer à tona o elo que compõe a natureza dos homens. É por isso que “a transmissão sem fio oferece perspectivas incomensuravelmente maiores e mais vitais ao aperfeiçoamento da vida humana de que qualquer outra invenção ou descoberta na história da humanidade”.⁴⁷⁴ Os benefícios da tecnologia de Tesla se estenderiam para a eternidade.

Tudo isso inicia, lembremo-nos, com sua autobiografia. Seus projetos para o futuro tem como vanguarda o projeto autobiográfico. O início das transformações se dá através da divulgação de sua verdade a respeito de si e do mundo e aí reside a singularidade dessa personagem tão interessante sobre a qual nos debruçamos nessa dissertação. Tesla, como dissemos, não procura salvar-se do esquecimento por meio do mero relato de seus grandes feitos. Não discorre apenas sobre ele mesmo. A ideia que procura passar de si está sempre acompanhada da ideia do que é o mundo em que vive. Mas também não para por aí. Estas duas concepções são acompanhadas de um projeto de mudança, de atuação imediata. Tal atuação começa com o entendimento da realidade que delineia, com o conhecimento, por parte de seu público, sobre o que consiste sua essência, a circunstância da humanidade e a capacidade de seus inventos de livrá-la do fim. É então que Tesla ressurgue. Não em vias diretas, pois não

⁴⁷² TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art ...”, *op. cit.*, p. 556

⁴⁷³ *Ibidem*, p. 556, 600.

⁴⁷⁴ *Ibidem*, p. 552.

ressurge nesse mundo. Mas em um outro, aquele transformado, onde seu lugar e o de suas construções é incontestável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Max Beerbohm foi um escritor londrino, que viveu na mesma época de Tesla e cuja literatura fantástica foi muito apreciada por autores como J.L. Borges. Há uma narrativa sua, intitulada Enoch Soames, que, se não foi fundamentada em Tesla, ajuda-nos a pensar o que teria ocorrido com esse inventor.

Soames foi um escritor que não obteve reconhecimento em seu tempo. As críticas a seu respeito se dividiam em dois tipos “as que diziam pouco e as que não diziam nada”⁴⁷⁵. Havia publicado um livro de poesia e preparava um segundo. Acerca do primeiro, seu editor disse que vendera três exemplares. Um deles foi para o próprio autor, narrador e personagem da história, Max Beerbohm, que não sabia julgar se a excentricidade da obra era fruto de uma grande genialidade ou de uma obra medíocre mesmo.

Enoch Soames parecia indiferente ao sarcasmo com que era tratado. Para Beerbohm essa “certa dignidade” era uma consequência do “fracasso total”⁴⁷⁶. Certa vez, Beerbohm tentou consolá-lo dizendo que: “Os artistas que dão ao mundo coisas verdadeiramente novas e grandiosas estão fadados a esperar por muito tempo até que seu mérito seja reconhecido”⁴⁷⁷. Soames, com sua “dignidade” desprezou essa atitude.

Tais palavras ficaram inculcadas na mente de Soames e, de fato, nunca lhe serviram de consolo. Três anos depois, em novo encontro com Beerbohm, Soames reconheceu que o fracasso o incomodava e respondeu ao consolo feito anos atrás: “Imagina que a fé que um grande artista tem em si mesmo e no julgamento da posteridade basta para fazê-lo feliz [...] A posteridade. Que me importa! Um homem morto ignora se as pessoas estão visitando seu túmulo, visitando seu local de nascimento, inaugurando estátuas suas. Um morto não pode ler os livros que se escrevem sobre ele”⁴⁷⁸.

Soames, mesmo acreditando no valor de sua obra, estava incerto quanto ao futuro. Na impossibilidade de reconhecimento no presente, desejaria, ao menos, ficar seguro de que o teria no futuro. Por isso, acabara por realizar um pacto com o Diabo, lhe vendendo a alma, para que pudesse se transportar à biblioteca, cem anos no futuro, e pegar um catálogo para saber se haveria obras e comentários a seu respeito.

⁴⁷⁵ BEERBOHM, Max. Enoch Soames. CASARES, Adolfo; BORGES, Luis Jorge; OCAMPO, Silvina (Orgs.). *Antologia da Literatura Fantástica*. Tradução: Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 39.

⁴⁷⁶ *Ibidem*, p. 41.

⁴⁷⁷ *Ibidem*, p. 39.

⁴⁷⁸ *Ibidem*, p. 44.

Para a desgraça de Soames, ele descobrira que não havia nada, porém encontrou um comentário de certo T. K. Nupton que dizia que no século XX viveu um escritor chamado Beerbohm que escreveu “I qonto onde há I sujeito fiqtíssio chamado Enoch Soames – um poeta de terceira qategoria qe se considerava I gênio e fez I paqto com o Diabo para saber o que a posteridade pensaria dele”⁴⁷⁹, a escrita corresponde à escrita do futuro, visto que se tornara uma escrita fonética). Beerbohm ficou perturbado com as notícias trazidas do futuro e acabou por registrar esse “documento”⁴⁸⁰ que a posteridade tomou por ficção.

Essa história, curiosamente publicada no mesmo ano que *My Inventions*, 1919, faz-nos recordar Tesla em todos os sentidos, ou melhor, explica-nos. Assim como Soames, Tesla tinha certeza do vanguardismo de suas invenções, porém não foi reconhecido. Será que sua autobiografia era um empreendimento para salvar apenas sua memória? Se os gregos antigos se contentavam em ter seus grandes feitos gravados na memória, duvidamos que Tesla, da mesmo forma que Soames, se contentasse apenas com isso. A consciência do grande trabalho que realizou e o reconhecimento futuro não bastam para deixar um homem realizado.

Tesla acreditava em muitas coisas, mas não temos registro de que ele acreditasse no Diabo, nem nos chegou o documento referente a um possível pacto. Mesmo sendo um grande inventor, sequer projetou algo semelhante a uma máquina do tempo. Porém não podemos negar o desejo desse sujeito de, mais que conhecer, de atuar no futuro. Seja através de suas invenções, que objetivavam trazer o futuro para o presente. Seja através da autobiografia, por meio da qual desejava levar a humanidade do presente para o futuro.

Apesar de nossa admiração por Tesla, não podemos concordar com ele ou com Gernsback, que afirmavam ser Tesla um homem à frente do seu tempo. Não por uma restrição do nosso ofício. Os homens que aparentemente se colocam à frente da sociedade a que pertencem são aqueles que conseguem enxergar melhor o mundo em que vivem e, desse modo, pela clareza que possuem do presente, conseguem melhor agir e atuar no seu tempo e na sua sociedade, conforme suas necessidades e interesses. Tesla, nesse sentido, definitivamente não foi bem sucedido. Entretanto, não nos interessa fazer um julgamento do passado; afinal, conforme lembrado pelo Conselheiro Aires, de Machado de Assis: “as coisas só são previsíveis quando já aconteceram”.

Após o Diabo oferecer a Soames a viagem ao futuro que desejava, tanto ele quanto Beerbohm, desacreditaram que o Diabo tinha poder para isso. A essa relutância, ele replicou:

⁴⁷⁹ BEERBOHM, Max. Enoch Soames. CASARES, Adolfo; BORGES, Luis Jorge; OCAMPO, Silvina (Orgs.). *Antologia ...*, op. cit., p. 52.

⁴⁸⁰ *Ibidem*, p. 56.

“O tempo: uma ilusão. O passado e o futuro são tão onipresentes quanto o presente, ou estão, como se diz, logo ali”⁴⁸¹. Certamente esse trabalho de manipulação do tempo, para além do ofício do historiador, só poderia mesmo ser obra do Diabo. Tesla partilhava dessa concepção de tempo do Diabo, pelo menos é isso que sua autobiografia indica. Nela, passado, presente e futuro aparecem como temporalidades onipresentes, não que fossem uma única duração, nem se restringiam a uma sucessão, se encontravam sempre lado a lado – e daí a possibilidade de deslocar-se.

A história de vida de Tesla, seu *passado*, é o que explica suas invenções. Mas essas criações foram obras que só poderiam ser concebidas por um homem dotado de uma abrangente perspectiva de *futuro* – “à frente de seu tempo”. Ora, mas a incompreensão da sociedade de Tesla acerca dele e de suas invenções o impossibilitavam de atuar no mundo. A solução? Através da sua autobiografia modificar o modo como o homem do seu tempo pensava e o via. Por meio dessa mudança do pensamento, no *presente*, suas obras passariam a ser compreendidas e Tesla poderia atuar no presente para levar a sociedade ao futuro. De todo modo, se Tesla não criou nenhum experimento que lhe permitisse viajar no tempo, estamos certos de que, conforme disse Beerbohm, “a máquina do tempo é mesmo um livro delicioso”⁴⁸². E a autobiografia de Tesla foi exatamente esse “livro delicioso”, através do qual o autor buscou atuar na sua sociedade por meio de uma manipulação no tempo. E foi procurando seguir esse caminho e essa concepção que construímos essa dissertação.

Nesse trabalho buscamos compreender a autobiografia como mais uma das invenções de Tesla. Invenção, não no sentido que às vezes adquire em nossa sociedade – imaginação, mentira... –, mas enquanto obra de criação. *My Inventions* narra as invenções, as tecnologias produzidas por Tesla; ao mesmo tempo, ela mesma se torna uma invenção dele, não em menor importância e riqueza que sua tecnologia.

Analisamos a autobiografia tendo em mente dois problemas: como foi projetada/pensada e o que de fato realiza. Não em um antagonismo, mas porque acreditamos, e a escrita desse trabalho nos provou isso, que os caminhos entre aquilo que se pensa e aquilo que é escrito dificilmente coincidem, porém, é justamente na distância entre eles que podemos compreender melhor um texto.

Para isso, seguimos nossa análise da autobiografia em dois aspectos básicos: forma (gênero) e conteúdo (narrativa). Dessa maneira tivemos que nos debruçar na vida de Tesla, o

⁴⁸¹ BEERBOHM, Max. Enoch Soames. CASARES, Adolfo; BORGES, Luis Jorge; OCAMPO, Silvina (Orgs.). *Antologia ...*, op. cit., p. 46.

⁴⁸² *Ibidem*, p. 47.

conteúdo de *My Inventions*: sua vida enquanto a de indivíduo histórico, bem como ele se representou na sua autobiografia.

Porém, não poderíamos ignorar que, dentre vários tipos de textos disponíveis, Tesla tenho eleito a escolha autobiográfica. Assim, fez-se necessário entender como funciona esse dispositivo e o modo como o próprio autor se utilizou dele. Por isso, estudamos a autobiografia como gênero e historicizamos essa forma de escrita de si para entendermos melhor quais os limites e possibilidades que esse gênero oferece a quem o escolhe, bem como entendermos melhor as intenções autobiográficas, uma vez que foi esse o suporte escolhido por Tesla. Buscamos também compreender como *My Inventions* veio a existir – como de fato Tesla empreendeu esse projeto, suas intenções, o modo como organizou sua existência – e ainda, como essa autobiografia chegou às mãos do público, neste caso, um leitor autorizado.

Deixamos, então, através de todo esse caminho pela forma e conteúdo da autobiografia, que ela nos conduzisse, mas, buscando ao mesmo tempo, não cairmos nos labirintos que esse tipo de texto oferece. Por isso esse “jogo” de análise, demarcando a vida que havia dentro e fora dessa narrativa, o que foi escolhido e o que foi excluído, o sentido que Tesla procurou construir e o sentido que o próprio texto deu a Tesla.

Ora, ao cruzarmos por todo esse caminho, por não ser uma estrada reta, provavelmente nos desviamos e nos perdemos nele, o que encontramos? Percebemos os esforços de um homem de ressurgir em seu próprio tempo, de modificar a representação que os outros tinham dele, mas não de modificar a si mesmo, mas de atuar na forma como a sociedade pensava para que ela se desenvolvesse a ponto de poder reconhecer o sujeito que ele era. Por isso, buscamos entender como Tesla percebeu e tentou atuar no seu mundo e no tempo.

Especialmente no caso de Tesla, sua autobiografia constitui seu desejo de se fazer ser seriamente ouvido, de testemunhar sua vida, contra tudo e todos que não conseguiram reconhecer toda a genialidade da qual julgava possuir.

É “um dispositivo de resistência”⁴⁸³. E mais, um verdadeiro ‘trabalho no tempo’. Tesla, assim como Gernsback, acreditava que ele era um homem à frente de seu tempo e, através da autobiografia, procuraram modificar o presente, a fim de preparar a humanidade para o futuro. Desse modo, por aceleraram o tempo da humanidade, essa poderia alcançar Tesla, e finalmente, todos poderiam reconhecê-lo enquanto inventor, e homem ideal.

Um traço fundamental e singular da autobiografia de Tesla é que ela advoga a seu favor. Não apenas por deixar seu testemunho e limpar sua memória. Ela advoga porque cobra

⁴⁸³ BEERBOHM, Max. Enoch Soames. CASARES, Adolfo; BORGES, Luis Jorge; OCAMPO, Silvina (Orgs.). *Antologia ...*, op. cit., p. 30.

uma “indenização”. Ela procura mudar o fluxo do tempo para trazer-lhe uma reparação. Sua autobiografia foi a forma tentada por ele para ressurgir, para sair do ostracismo no qual se encontrava e poder, finalmente, cumprir sua missão de conduzir a humanidade rumo ao progresso, ao futuro a que ele mesmo pertencia.

Assim como Soames, o reconhecimento futuro não era suficiente para Tesla. Ele sequer acreditava que esse futuro pudesse ser alcançado se não através de suas invenções. Por isso, para garantir sua permanência na história e a continuidade da existência da própria sociedade, Tesla deveria salvar a humanidade dela mesma e criar condições para levar seu projeto adiante, conduzindo todos ao futuro – esse era o papel de sua autobiografia: criar condições no presente que permitissem a Tesla levar seu projeto adiante!

Comparativamente, Soames, após voltar do futuro e descobrir que sua existência seria apagada, ou melhor, que ele seria transformado em um sujeito de ficção, diz colérico à Beerbohm, o responsável por isso: “Você não é um artista – replicou. – Você é tão pouco artista que, em vez de conseguir imaginar uma coisa e dar a ela aparência de verdade, o que vai conseguir é que uma coisa verdadeira pareça imaginária. Você não passa de um impostor”⁴⁸⁴. Aqui, por se tratar de uma autobiografia, o protagonista e o autor desfrutam da mesma identidade – neste caso, Soames e Beerbohm são a mesma pessoa, Tesla. E, à medida que sua imagem se desloca daquilo proposto por ele na sua autobiografia – assim como Beerbohm se propôs a escrever a redigir um *documento histórico* e acabou por *ficcionalizar* Soames –, e vai ganhando espaço e se desenvolvendo na ficção científica, somos obrigados a também responsabilizar e “culpar” Tesla por não ser “um artista” e de ser um “impostor”. Um impostor, no sentido figurado, que conquista a simpatia pelo seu projeto inexecutável, muito porque ele não soube entender o seu tempo e se posicionar nesse jogo quase sem regras dos inventos naquele período crucial para o desenvolvimento da ciência.

⁴⁸⁴ BEERBOHM, Max. Enoch Soames. CASARES, Adolfo; BORGES, Luis Jorge; OCAMPO, Silvina (Orgs.). *Antologia ...*, op. cit., p. 53.

REFERÊNCIAS

FONTES:

GERNSBACK, Hugo. “Nikola Tesla and His Inventions: An announcement”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 6, n. 69. Jan., 1919.

TESLA, Nikola. “My Inventions. The Art of Telautomatics”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 7, n. 6, Oct., 1919.

TESLA, Nikola. “My Inventions. The Magnifying Transmitter”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 7, n. 2, jun. ,1919.

TESLA, Nikola. “My Inventions. My Early Life”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 6, n. 10, Feb., 1919.

TESLA, Nikola. “My Inventions. My First Efforts in Inventions”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 6, n. 11, mar. ,1919.

TESLA, Nikola. “My Inventions. The Discovery of the Tesla Coil and Transformer”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 7, n. 1, May. ,1919.

TESLA, Nikola. “My Inventions. My Later Endeavors: The Discovery of the Rotating Magnetic Field”. *Electrical Experimenter*. New York, v. 6, n. 12, Apr. ,1919.

TESLA, Nikola. “Some Personal Recollections”. *Scientific American*. New York, Jun., 1915.

TESLA, Nikola. *Minhas invenções: A autobiografia de Nikola Tesla*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Unesp, 2012.

TESLA, Nikola. [1977]. *Moji Pronalasci – My Inventions*. 2.ed. Zagreb: Školska knjiga, 1984.

TESLA, Nikola; JOHNSTON, Ben (Ed.). [1982]. *My Inventions: The Autobiography of Nikola Tesla*. Williston: Hart Brothers, 1982.

BIBLIOGRAFIA:

“HIS FRIEND to Mr. Tesla”. *Electrical Enginner*. New York. Nov. 24, 1898.

“MR. TESLA and the Czar”. *Electrical Enginner*. New York, Nov. 17, 1898,

“TESLA’S Works at Niagara”. *New York Times*, July 16, 1895.

ANDERSON, Leland; RATZLAFF, John T. *Dr. Nikola Tesla Bibliography*. San Carlos: Ragusan Press, 1979.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.21, 1998.

ASHLEY, Michael. *Time Machines: The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the beginning to 1950*. Liverpool University Press. 2000.

BEERBOHM, Max. Enoch Soames. CASARES, Adolfo; BORGES, Luis Jorge; OCAMPO, Silvina (Orgs.). *Antologia da Literatura Fantástica*. Tradução: Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

BRISBANE, Arthur. “Our Foremost Electrician”. *New York World*, Jul. 22. 1894.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*, Franca (SP): Unesp, v. 21, 1998.

CARLSON, W. Bernard. *Tesla. Inventor de la era eléctrica*. Tradução: Laura Sánchez Fernández. 2.ed. Barcelona: Crítica, 2014.

KOSELLECK, Reinhardt. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural: Entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Algés: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHENEY, Margaret. *Tesla. El genio al que le robaron la luz*. Tradução: Gregorio Cantera. Madrid: Turner, 2009.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FOISIL, Madeleine. A escritura de foro privado. In: CHARTIER, Roger (Org.) *História da Vida Privada 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.

GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

GINZBURG, Carlos. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escritas de si, escritas da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUY, G.H. "Tesla, Man Inventor." *New York Times*. Mar.31, 1895, p. 13.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A invenção de si. Uma teoria da Identidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.) *Jogos de escala: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

LUKACS, John. *Uma nova república. História dos Estados Unidos no século XX*. Tradução: Vera Galante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MASSIE, Keith; PERRY, Stephen D. “[Hugo Gernsback and Radio Magazines: An Influential Intersection in Broadcast History](http://www.americanradiohistory.com/Archive-Radio-News/hugo_pub.pdf)”. *Journal of Radio Studies*. 2002, p. 264. Disponível em: http://www.americanradiohistory.com/Archive-Radio-News/hugo_pub.pdf.

O’NEILL, John J. *Prodigal Genius: The life of Nikola Tesla*. New York: Cosimo Classics, 2006.

REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: _____. *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

RODRIGUES, Elsa Margarida da Silva. Alteridade, Tecnologia e Utopia no Cinema de Ficção Científica Norte Americano: A Tetralogia Aliens. 2011. [s.n]. Tese (Doutorado em Sociologia da Cultura) Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011, p. 41. Disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15005/3/Tese%20doutoramento_ElsaRodrigues.pdf.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. *História da Ciência: o pensamento científico e a ciência do século XIX*. 2.ed. Brasília: FUNAG, 2012.

SARLO, Beatriz. *O tempo passado; cultura e guinada subjetiva*. Tradução: Rosa Freire d’ Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEIFER, Marc J. *Wizard. The Life and Times of Nikola Tesla. Biography of a Genius*. New York: Kensington Publishing, 1998.

TEODORANI, Massimo. *Nikola Tesla. Vida y descubrimientos del más genial inventor del siglo XX*. Tradução: Editorial Sirio. 2.ed. Málaga: Sirio, 2011.

TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A (Apres.). *Yo y la energía*. Tradução: Cristina Núñez Pereira. Madrid: Turner. 2011.

TESLA, Nikola; DELGADO, Miguel A. (Ed.). *Firmado: Nikola Tesla. Escritos y Cartas, 1890-1943*. Tradução: Cristina Núñez Pereira. Madrid: Turner, 2012.

TESLA, Nikola; RATZLAFF, John T (org.). *Tesla Said*. Millbrae: Tesla Book Company, 1984.

TESLA, Nikola, “Mr. Tesla to His Friends”. *Electrical Engineer*. New York, Nov. 24, 1898.

TESLA, Nikola. “The Problem of Increasing Human Energy”. *Century Magazine*. June, 1900.